

ORIGEM DA PUBLICAÇÃO DESTE
LIVRO NA INTERNET POR
<http://leiturascatolicas.blogspot.com/>

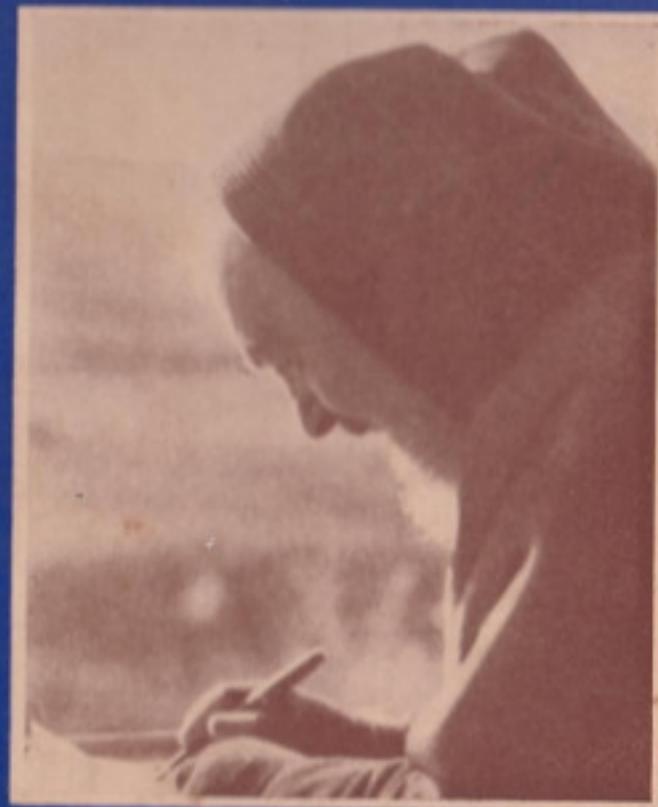
GIOVANNI
P. SIENA

PADRE PIO E OS ANJOS

EDITORA
EDUCAÇÃO
NACIONAL
PORTO

GIOVANNI P. SIENA

PADRE PIO E OS ANJOS



EDITORA EDUCAÇÃO NACIONAL
PORTO

GIOVANNI P. SIENA

PADRE PIO

E OS ANJOS

TRADUÇÃO

DE

Dr. P.^a GASPAR PIZARRO DE PORTOCARRERO



LIVRARIA CATÓLICA
R. ROBERTO SIMONSEN, 9
(ANTIGA RUA DO CARMO, 142)
SÃO PAULO

Composição e Impressão
TIPOGRAFIA MODESTA
R. das Caldeiras, 43 — PORTO

EDITORA EDUCAÇÃO NACIONAL
de ADOLFO MACHADO
Rua do Almada, 125 — PORTO

*O Anjo é o amigo mais sincero e o mais
fiel, mesmo quando temos a infelici-
dade de o desgostar com o nosso
mau comportamento.*

PADRE PIO

Titulo do original

L'ORA DECIMA ANGELI

Edição Abbracci - Foggia — S. Giovanni Rotondo — Italia

NADA OBSTA

Porto, 5 de Setembro de 1953

M. ALVARO V. DE MADUREIRA

PODE IMPRIMIR-SE

Porto, 6 de Setembro de 1953

✠ FLORENTINO

Bispo Auxiliar

DIREITOS RESERVADOS PARA PORTUGAL E BRASIL

ENTRE O CEU E A TERRA

Quando observamos a Natureza, o que mais nos impressiona e suscita a nossa admiração é a sua maravilhosa harmonia. E que nela, tudo está disposto com ordem e medida e notamos, entre os diversos géneros e espécies que a compõem, uma sábia e progressiva disposição sem intermitências abruptas nem absolutas, uma sucessão ordenada e sem falhas que, partindo do mundo mineral, passa pelo vegetal e animal para ter seu termo no homem inteligente.

A natureza não procede por saltos; nela tudo é coordenado por elementos intermediários que são como que os anéis de uma extensa cadeia. Não há espaços vazios, não há solução de continuidade entre a matéria inorgânica e o homem. Poderemos, no entanto, afirmar o mesmo quanto à distância que separa o homem de Deus? Existirá também aqui a mesma gradação? A resposta é afirmativa. Elos invisíveis, mas nem por isso menos reais, unem o Céu e a Terra: são os Anjos.

Se assim não fora, «a harmonia do Universo quebrar-se-ia inopinadamente e a Criação para logo cederia o lugar a um vácuo desolador, que repugna

e desnorteia» (1). Por outro lado, não se afigura possível de concepção, que Deus, na sua perfeição infinita, não tenha criado seres espiritual e intelectualmente mais desenvolvidos que o homem e imitando melhor a natureza divina, seres que, em si mesmos, tornam mais visível o selo do Ser perfeito; por outras palavras: seres mais bem feitos *à sua imagem*.

«Para além deste globo habitado pelos homens, outro reino floresce: o reino dos espíritos invisíveis, o *Walhalla misterioso*» (2), como lhe chamavam os antigos normandos nos seus *Sagas*.

Aos argumentos precedentes poderíamos ajuntar outras razões colhidas nas múltiplas tradições dos povos antigos e actuais e nos escritores retintamente gregos e latinos: desde os *Génios* dos Romanos aos *demónios* de Thales; desde a *espécie alada* do *Timeu* de Platão aos *imortais* dos *Trabalhos e Dias* de Hesíodo e que eram guardiões dos mortais por ordem de Zeus, vigilantes sobre as boas obras e as acções más e que, invisíveis (revestidos de ar), se espalham por toda a parte sobre a Terra; desde as *criaturas invisíveis* idênticas aos nossos Anjos e aos demónios, nas quais (segundo S. Cipriano) acreditavam os Magos da Pérsia, até aos *espíritos* da Terra e do Ar (àqueles assemelhados) entre os Babilónios, os Celtas, os Hindús e os Chineses (3). Isto, porém, levar-nos-ia muito longe. Aliás tais razões, muito embora altamente significativas, não deixam de ser insuficientes para se poder asseverar, com certeza absoluta, a existência de um mundo invisível e espiritual intermediário entre os homens e Deus,

Por conseguinte, se a crença nos Anjos deve fundamentar-se numa certeza, esta só pode vir-nos da Revelação, à qual vêm juntar-se por vezes — de forma bem impressionante — factos da História, testemunhos dos Santos, dos Padres e Doutores da Igreja e, outrossim, de personalidades religiosas contemporâneas como o Padre Lamy, Edviges Carboni, Teresa Neumann e, muito particularmente, o Padre Pio de Pietrelcina (4).

ORIGEM E NÚMERO DOS ANJOS

A existência dos Anjos deve-se a um acto da vontade divina que os tirou do nada; tal é a doutrina imposta pelo Dogma Católico. Em contrapartida, é assunto de controvérsia o momento aproximativo da criação deles: terá sido antes ou depois do aparecimento do mundo material? Arrighini (5), apoiando-se em Origines, sustenta como possível que a criação dos Anjos não se tenha efectuado nem antes nem depois, mas sim «no momento preciso em que Deus criou o Céu e a Terra. *Não depois* (explica ele), visto que as substâncias corpóreas não teriam podido existir sem as substâncias angélicas, que as governam...; *não antes*, porque a irresistível actividade angélica, embora totalmente imaterial, não poderia subsistir sem o universo material sobre o qual exercesse a sua acção». Esta opinião apoia-a Arrighini na máxima de St.º Agostinho: «todos os corpos são movidos pelos Anjos» e, em nota, refere-se à máxima análoga, todavia mais explícita, de S. Gregório (citada por Santo Tomás na Suma Teológica, P. I. q. CX, a 1): «Neste mundo visível, nada pode ser posto em movimento e em ordem senão por intermédio duma creatura invisível».

vel. E assim todo o mundo visível dos corpos é feito para ser movido e dirigido pelo mundo invisível dos espíritos». No entanto, e mau grado o bem alicerçado desta afirmação, o argumento é para ser discutido. O próprio Concílio IV de Latrão longe de precisar a questão em debate parece, antes, querer ladeá-la: «no início dos tempos e por sua virtude omnipotente criou Deus simultaneamente todas as criaturas espirituais e corpóreas, angélicas e terrenas». Ora, aqui, a expressão *no início* é vaga e deixa o problema sem solução, por motivo das dificuldades que o mesmo oferece.

Há outra questão de modo igual debatida, em que particularmente se empenharam os Escolásticos em longas e aceras disputas: a questão do *lugar* onde os Anjos foram criados. Seguem-se logo, em conexão com a espiritualidade, outras controvérsias a que apenas faremos ligeira referência: por exemplo, a diferença entre anjo e anjo (serão da mesma espécie ou cada qual constituirá espécie à parte?); de que modo comunicam entre si e agem em determinado lugar; como exercem a sua vontade, etc. Tais assuntos, além do seu carácter discutível, são também secundários sob o ponto de vista dogmático (6).

Entretanto a questão em que todos são unânimes é a do número extraordinário dos Anjos; e, decerto, não lhe falta atractivo nem interesse, merecendo, por isso mesmo, algo mais do que uma simples menção.

Afirmam uns que o número dos Anjos iguala o dos homens que hão-de existir desde Adão até ao fim

do mundo; outros sustentam que serão mil vezes mais. Só os anjos rebeldes, que seriam um terço do total, fariam escurecer o sol em pleno meio-dia (diz S. Belarmino) se foram feitos de matéria. De qualquer forma parece indiscutível que existe número indeterminado e totalmente incalculável destes seres celestes.

Nos livros de *Daniel* e do *Apocalipse* fala-se de Anjos *aos milhares* (7) e em *miríades de centena de milhar* (8). Os Anjos, afirma o pseudo Dionísio Areopagita, transcendem a medida pequena e acanhada dos nossos números materiais; e o Doutor Angélico explica: «a razão disto encontra-se no facto de Deus, ao criar todas as coisas, ter como fim principal a perfeição do Universo; mas quanto mais os seres se acercam da perfeição tanto maior é o seu número. Por outro lado, assim como a grandeza dos corpos permite avaliar-lhes a preeminência, da mesma forma se podem calcular as superioridades recíprocas das coisas incorpóreas, consoante o número delas. Notamos, com efeito, que os corpos incorruptíveis — os mais perfeitos de todos os corpos — excedem incomparavelmente pelo seu tamanho os corpos corruptíveis, porque a esfera dos corpos corruptíveis é coisa bem pouca em paralelo com os corpos celestes. É, pois, justo que as substâncias imateriais excedam em número e sem comparação possível as substâncias materiais» (9).

Aos aduzidos testemunhos da Escritura e às argumentações dos Teólogos vêm juntar-se as revelações dos Santos.

Santa Francisca Romana, em êxtase, viu os Anjos saírem das mãos do Criador formando uma como neve densíssima. Um pasmo indescritível apoderou-se dos privilegiados aos quais é concedido abrir os olhos da alma sobre a imensa e inconcebível realidade do mundo angélico. Com maravilhosa evidência (conta a Beata Ângela de Foligno (10), eu via Jesus Cristo descer dos Céus cercado de inumeráveis coortes flamejantes, de tal modo que, se eu não soubesse que Deus tudo faz por medida, acreditaria não haver conta para tais esplendores. Tamanho era o número que a vista e o espírito desnor-teavam; a tal ponto era enchente de luz o que nós chamamos comprimento, largura, profundidade. O abismo parecia ter todas essas dimensões para mais se alargar até ao infinito.

III

ESPÍRITOS PURÍSSIMOS

Independentes do espaço, através do qual se deslocam com a rapidez da vibração, do relâmpago, do pensamento; libertos das influências do tempo que desconhecem, os Anjos não sabem o que sejam infortúnios, calamidades, caducidade do homem e das coisas. Tempo virá em que a Terra será destruída e em que, «extintas completamente, as estrelas se hão-de pulverizar» (11). Os Anjos, porém, permanecerão os espíritos que foram, são e serão, conforme aquelas palavras do Apóstolo: «as coisas visíveis são efémeras, as invisíveis são eternas» (12). Ora os Anjos não se vêem, pois são natureza simples, essencialmente espiritual, isenta da mais microscópica substância material. Eles são, tal qual o ponto imaginário da geometria, realidades subsistentes, imponderáveis como o ponto, sem forma nem volume; substâncias simples que nem sequer podem comparar-se com o átomo das terríveis e maravilhosas invenções modernas, embora invisível e impalpável ele também. Aglomerando número estonteante de átomos, a Natureza forma um grão de ferro ou de pedra, uma semente

pequenina, uma gotazinha; mas amontoando miríades de milhares de Anjos nem um átomo sequer obtaremos...

Entre os Teólogos não existem opiniões discordantes com referência à perfeita espiritualidade dos Anjos. É certo que não é verdade de Fé, mas, no ensino eclesiástico, é doutrina admitida e a linguagem corrente faz-lhe frequentes alusões, como o demonstram frases como a seguinte: «belo, puro como um Anjo». Não se pode no entanto afirmar, em absoluto, que não tenha havido, aqui e ali, certa divergência sobre o assunto.

Efectivamente alguns chegaram a fazer da espiritualidade dos Anjos objecto de dúvida e de viva discussão; outros negaram-na totalmente attribuindo às criaturas celestes não um corpo etéreo, levíssimo, mas sim um corpo de matéria grosseira, necessitado de alimento especial embora desconhecido. Mas semelhantes opiniões não passam de outros tantos erros aparentados com o antropomorfismo pagão e contra os quais não conseguiram imunizar-se homens como S. Justiniano, S. Basílio e Orígenes. Segundo este, os anjos precitos aglomerar-se-iam em redor dos sacrificios, «ávidos do sangue das vítimas e dos vapores por ele exalados» (13).

Todavia o erro mais grosseiro perfilhado pelos antigos foi o de admitirem nos Anjos a possibilidade de relações carnaes com criaturas humanas. Atribuiu-se tal erro a certos manuscritos dos «*Setenta*» nos quais os descendentes de Seth — de que fala o *Genesis* (VI, 2) como sendo *filhos de Deus* apaixonados

pelos *filhas dos homens* e *desposando-as* — são chamados *anjos* por interpretação errónea. É sobretudo surpreendente notar com quanta frequência os antigos escritores cristãos cometeram semelhante erro, não obstante as explícitas alusões à perfeita espiritualidade e pureza dos Anjos, como se vê, por exemplo, em S. Mateus (XXII, 30) onde Jesus explica aos Saduceus que os homens e as mulheres «depois da ressurreição não se casarão, mas serão como os Anjos de Deus no Céu».

Em opposição com estas concepções erradas afirmam-se diversos Padres e Doutores, entre eles S. Gregório de Nazianzo, Dionísio Areopagita e St.^o Ambrósio. «Temos de convencer-nos — afirma um deles — que nos Anjos nada há de material, nem sequer a mais ténue sombra de corpo, ainda a mais delicada e imponderável que se queira imaginar. Um *ponto* já é demasiado para indicar a simplicidade angélica; o relâmpago rasgando as nuvens, o fogo mais subtil, o vapor mais volátil são outras tantas imagens inadequadas e impróprias» (14).

Entretanto é ao angélico Santo Tomás de Aquino que se deve a sentença definitiva sobre esta questão, de há séculos debatida. Estudante ainda, interessou-se ele pelo estudo da espiritualidade das criaturas celestes e defendeu-a tenazmente pela vida fora. O seu genial tratado sobre os Anjos, pela sua inegalável síntese teológica, é o testemunho fiel do que afirmamos. Todos vão haurir a esse tratado como à fonte mais segura e autorizada, pois ele constitui, sem sombra de dúvida, um dos mais preciosos dons

feitos à Ciência e à Cristandade. É a mais bela homenagem de amor a esses seres invisíveis, nossos intermediários e amigos, homenagem prestada por S. Tomás que foi também na terra isento de pecado sensual, puro e anjo (15).

IV

A REVOLTA

É convicção geral que, desde a sua aparição, os Anjos gozaram de uma beatitude e perfeição naturais, quer dizer conforme ao seu próprio ser, à condição da sua natureza angélica, às propriedades e aos atributos constitutivos e distintivos com que Deus os criou. Eles dominavam o universo sensível, conheciam a ordem que o governava, mas não tinham conhecimento perfeito da ordem sobrenatural. Os principais mistérios sobrenaturais haviam-lhes sido revelados na obscuridade da fé (16); viam a Deus apenas como num espelho, reflectido pela própria natureza espiritual e pelas maravilhas da criação. Por outras palavras, eles conheciam a Deus pelos seus efeitos, assim como um homem que, mesmo sem erguer os olhos ao sol, faz dele uma ideia mais ou menos exacta, através dos efeitos da sua luz, do calor que difunde e da vida que à terra comunica.

O conhecimento dos Anjos differia do dos homens pelo facto de eles apreenderem a medida e as proporções daqueles efeitos referidos de um modo mais simples e mais profundo. E fácil é de atingir

a razão disto: os Anjos ocupavam o lugar mais eminente da Criação, estavam mais achegados a Deus, possuíam todas as qualidades requeridas para mais nitidamente lobrigarem a sua Onnipotência, a sua Beleza e a sua Grandeza infinitas. Divergiam ainda dos homens no seguinte: os Anjos, conforme a feição da sua natureza, *viam e sentiam melhor*; assim como, exemplificando, o mesmo objecto e o mesmo som podem ser percebidos mais ou menos perfeitamente de harmonia com a melhor ou pior vista, o melhor ou pior ouvido que possa ter cada qual de nós.

Depois de esclarecido o conceito do conhecimento dos Anjos com referência à sua natureza, devemos acrescentar que Deus, num acto de liberalidade e num excesso de infinito amor, quis também fazê-los participantes do seu próprio modo de existência, da sua própria natureza divina, da sua própria vida, elevando-os da ordem natural à ordem sobrenatural, do estado de *simples criaturas* ao de *filhos*. E de que maneira? Em virtude dum princípio vital, tão misterioso como real e maravilhoso, princípio vital que, insuflado no espírito deles, os sublimou, os tornou capazes duma actividade e dum poder superiores; quer dizer gratificou-os Deus com um *dom* — de onde o nome de *dom gratuito* — o dom da *graça santificante*.

Desta forma, elevando-os do estado de criaturas ao estado de filhos, Deus tornou-se para os Anjos *Pai*. Pai que, ternamente preocupado com o futuro de seus filhos, quis fazê-los participantes do seu Ser; isto é, permitiria que O vissem, tivessem d'Ele uma

visão inefável e embriagadora, não já na obscuridade da fé e dos seus efeitos, mas directa e imediatamente mergulhados e como perdidos no oceano da sua luz, na imensidade da sua Sabedoria, nos caudais da sua alegria, no infinito da sua beleza e perfeição. Que dom lhes não era feito!...

O grande segredo deste dom souberam-no os Anjos mediante a benévola vontade do próprio Deus. Mas ser-lhes-ia possível um dia consegui-lo? Deus — de quem os separava uma distância e um abismo impossíveis de transpor, apesar da sua posição sublime — Deus era-lhes inacessível, tal qual o sol para os mosquitos. Não os havia, no entanto, revestido Deus duma nova virtude que lhes multiplicava o vigor e lhes dava asas mais velozes e robustas? Os Anjos dispunham dos inestimáveis recursos da graça; por conseguinte poderiam altear-se. Porém (e isso justificava-o a importância do fim a atingir) era necessário que eles primeiro o merecessem. Com esse intuito os Anjos foram estabelecidos em posição tal que podiam livremente determinar-se, querer e agir, sem obrigação nem constrangimento de qualquer sorte. A liberdade, que é dos maiores e mais apreciáveis atributos divinos, era um dos dons com que foram enriquecidos. Pelo seu poder os Anjos deveriam ganhar o Paraíso, aspirando a ele sem coacção, num estado de espírito absolutamente livre, feito de humildade e reconhecimento, de amor e adoração para com o seu Senhor e Benfeitor... Como iriam eles proceder? Que uso fariam da faculdade de livre escolha que lhes fora concedida?

É provável que, de início, tenha havido por parte da massa global dos Anjos uma efusão espontânea e consciente, quase que uma chama súbita de reconhecimento e de amor Àquele que os tirou do Nada, dotando-os com existência própria, com maravilhosa e eminente personalidade. A seguir, porém, houve entre certos Anjos um arrefecimento, uma falta de amor que os levaria por fim à ruína.

Acima de todos os espíritos angélicos achava-se um mais esplêndido e poderoso, protótipo da semelhança divina, cheio de sabedoria e de perfeita beleza (17): era Lúcifer. Consciente de sua própria dignidade e nobreza natural, nelas se deleitou, admirando-as, e, desvanecido de si mesmo, tornou-se orgulhoso: «o teu coração ensoberbeceu-se com a tua beleza» (18). Mas bem certo é que, onde quer que aponte complacência e estima própria, onde exista egoísmo e orgulho, extingue-se a generosidade e diminui o amor a outrem. Foi assim que Lúcifer começou a não amar a Deus, opondo o amor próprio ao amor d'Aquele que o fizera nascer tão privilegiado e tão insigne para além de todos os seres criados. O orgulho foi crescendo a par do amor próprio e fê-lo esquecer a dependência de Deus. Persuadiu-se que conseguiria a bemaventurança sobrenatural apoiado exclusivamente nos recursos da natureza sem a graça divina. De forma idêntica é que o homem, ensoberbecido pela ciência e pela inteligência — que a si mesmo não deve — fica sujeito a desvios. Mas o estímulo de Deus persegue-o; e é então que Deus se torna em sombra, que esmaga o homem e que este se esforça

por repelir, para ceder às suas inclinações e justificar o seu mau procedimento (19).

Não deve ter sido diverso o comportamento de Lúcifer. Tornaram-se inevitáveis o desconhecimento de Deus e a revolta contra Ele; e, uma vez eclodida a revolta, um como clarão sinistro incendiou o Céu. Estrugiu grito horrífico, respondendo-lhe em eco multitude de anjos cujo amor próprio, auto-suficiência e orgulho igualmente haviam pervertido: «hei-de escalar os Céus... Serei semelhante ao Altíssimo!» vociferavam eles.

Como raio, surge então um Espírito nobilíssimo; desprende-se dele força empolgante e irresistível. Alteando-se com toda a sua nobreza realçada por um impulso generoso e um furor sagrado, irrompe entre a multidão presa nas garras do tumulto e da perdição. «Quem como Deus?» brada esse Espírito magnífico e poderoso, o Arcanjo São Miguel. E esse brado trespassa como luz fulminante a extensão imensa dos Céus, reboa por entre miríades de Anjos. Uns arrepiam-se perante a tragédia iminente; cobram ânimo outros e colocam-se a postos. As duas hostes antagônicas enfileiram frente a frente, cada qual com seu chefe. Trava-se por instantes conflito intenso «de pensamentos e sentimentos» (20). Instante fatal foi esse, que aos revoltosos gelou de medo e a todos arrastou com Lúcifer, «precipitado lá do Céu como se fora um raio» (21). De nada lhe presta ser o primeiro e o mais forte: Deus, conservando-lhe embora a natureza incorruptível, degrada-o instantaneamente, priva-o da graça e da força que da graça lhe advinha. Tal

qual o servo inútil da parábola dos talentos, ficou privado do que possuía para logo «ser lançado nas trevas onde há choro e ranger de dentes» (22).

«Como caíste lá dos Céus,
Ó astro da manhã, filho da Aurora?!
Dizias em teu coração:
Escalarei os Céus
E sobre as estrelas de Deus
Firmarei o meu trono!
Remontar-me-ei ao mais alto das nuvens,
Serei semelhante ao Altíssimo...
E eis-te precipitado no Cheol,
No profundo dos abismos!» (23)

Tal foi o trágico fim de Lúcifer e dos outros anjos rebeldes: exclusão do Paraíso, condenação sem termo e sem remédio. Castigo terrível de que não há exemplo na história humana e ao lado do qual a tragédia universal do dilúvio perde muito do seu horror. Por vez primeira se abriram os espantosos abismos do Inferno, sobre cuja porta o sublime Dante pode escrever: (24)

«Por mim entra-se na cidade dolente,
Por mim entra-se na dor infinita,
Por mim entra-se na estância da gente perdida.
A divina justiça punitiva moveu Deus
A criar-me; fui edificada pela divina potestade,
A mais alta Sabedoria e o primeiro Amor.
Antes de mim não foram criadas senão coisas eternas,
E eu eternamente duro...
Deixai toda a esperança, ó vós que entraís!»

De harmonia com a lei da translação da graça, o Arcanjo São Gabriel assumiu o comando das legiões angélicas em substituição de Lúcifer; e tanto ele

como os demais anjos fiéis foram enriquecidos com as graças e prerrogativas, que Deus já não podia derramar sobre os anjos rebeldes. Todavia os privilégios com que, de modo especial, o Senhor quis premiar-lhes a fidelidade foram a confirmação na graça e a sublimação à beatitude sobrenatural. Pela primeira tornaram-se infalíveis e incapazes de pecar; infalíveis enquanto a sua inteligência nunca poderia aderir ao erro; impecáveis enquanto a vontade jamais poderia ter inclinação para o mal (25). Pela segunda os Anjos foram orientados para os mistérios do infinito, mereceram ver a Deus *face a face* (26), participantes da sua felicidade e das maravilhas eternas do Paraíso.

A QUEDA DO HOMEM
E A ORIGEM DA GUARDA ANGELICA

Pela sua expulsão do Céu, Lúcifer e os outros anjos precitos foram transmutados respectivamente em *Diabo* e *Demónios*. Todavia o nome que melhor qualifica o chefe da rebelião é *Satanás*, que significa *adversário*. Com efeito ele tornou-se inimigo declarado de Deus, autor de todo o mal, pai da mentira, antítese e negação da Verdade e do Bem; numa palavra, o grande perturbador da ordem divina. Degradado da dignidade de primeiro anjo, banido para sempre e sem remédio, o furor e a raiva devoram-no, ao mesmo tempo que a inveja aumenta os tormentos da sua nova e triste sorte. Inveja... mas de quem ou de quê?

Afora os Anjos, outra criatura recebera o ser. Constituída por alma e corpo, era a síntese e a expressão de dois mundos: o do espírito e o da matéria; era um mundo em miniatura — *microcosmo* —. Essa criatura era o homem.

Também ele, como os Anjos, era a imagem natural de Deus pelas faculdades espirituais da inteligência e da vontade; também ele o fruto do imenso amor divino, correspondente a um desígnio de concepção

eterna. Por isso bem podia o Senhor dizer ao povo de Israel: «amei-te com amor eterno» (27). Pelo mesmo excesso da Bondade divina fora igualmente elevado, mediante a Graça, da ordem natural à ordem sobrenatural e adoptado por filho. Em virtude dos dons especiais (28) com que fora enriquecido, estava outrossim isento da morte, da dor e de quaisquer sofrimentos, angústias e acidentes da vida. Como consequência de tais dons, não existia desarmonia entre o espírito e a carne. Os dois elementos fundiam-se, no homem, numa perfeita harmonia: nenhum sobrelevava o outro e as exigências da carne mantinham-se em perfeita sujeição ao espiritual.

Tanto a natureza vegetal como a animal estavam submissas ao homem, colocado no vértice da Criação: era o rei, o dono do mundo; para ele é que Deus o criara: belo, rico, magnífico, tal como Lho inspirara o amor e solicitude paternais e o exigia a alta dignidade do filho que o iria disfrutar, com a alegria nos olhos e no coração.

Neste mundo, a magnificência divina patenteava-se visivelmente perante o homem, cuja natureza terrena podia assim antever o Criador e, a unísono com as multidões celestes, soltar o hino espontâneo de louvor e reconhecimento: «Santo, santo, santo é o Senhor Deus dos exércitos; cheios estão os Céus e a Terra da Vossa Glória. Hosana lá nas alturas!».

É convicção minha que o primeiro homem realizava o sonho do poeta, aquele poeta crente que vibra e se comove ante as maravilhas da Criação, mas que chora a queda, origem de todas as preocupações e

angústias da vida. Que feliz não era o estado de Adão! Inocente, transfigurado pela Graça, podia entreter-se com os Santos Anjos, travar com eles colóquios cordiais e inefáveis, ouvir as harmonias do Paraíso, embriagar-se com a beleza que nele ia descortinando. Talvez que o próprio Deus se dignasse *deambular no seu jardim* e lhe dirigisse a fala, chamando-lhe docemente *filho!* No seu jardim dissemos. Efectivamente o lugar, que Deus dera a Adão para morada, era um *paraíso de delícias* onde reinava luz quase celeste, onde a presença de Deus se tornava tangível — poderíamos dizer respirável. Jardim ressonante de músicas e concertos misteriosos e suaves, deslumbrante de cores, saturado de perfumes. Ali, os animais de variedade surpreendente na espécie, no porte, na beleza, brincam e vagueiam mansos, deitam-se à sombra do belo arvoredado carregado de frutas saborosas, atentos ao mais leve sinal ou palavra do seu dono. E neste lugar de delícias serpenteava um rio a irrigá-lo (29). Orlas ribeirinhas e montanhas irreais iam perder-se no céu e reflectiam-se nas águas irisadas dos lagos; pelos vastos prados e pelas clareiras de encantados bosques, ouvia-se o rumorejo de límpidas nascentes; por toda a parte serpenteavam murmuros arroios, emersos de fendas rochosas ou do flanco de colinas fecundas. Por aqui e por ali sendas amenas, caramanchéis, recantos discretos propícios ao repouso, aos desabafos e sonhos da inocência... Quem poderá descrever as belezas e maravilhas do paraíso de Adão! Depois não era só ele a usufruí-las; Deus havia-lhe dado uma companheira: Eva. Com ela o homem

deveria guardar e cultivar esse lugar de delícias; mais ainda, tinha a incumbência de o alargar, povoando-o e dominando a terra e suas energias: «povoaí a terra e dominai-a». Deveriam «levar ao seu pleno desenvolvimento essa natureza saída, como em esboço, das mãos do Criador» (30), tornando-se assim prestimosos cooperadores seus mediante um trabalho que, longe de os enfraquecer e cansar, lhes aumentaria a alegria de viver.

Deste primeiro casal proviria uma civilização, uma grande sociedade, réplica da ordem celeste na qual a caridade seria a lei suprema. Por fim despondaria o dia grande, tão suspirado e por Deus prometido, em que a Humanidade seria assunta à glória e à bemaventurança do celeste Paraíso.

Tais eram as fascinantes e grandiosas perspectivas que o Senhor abria ante os olhos de Adão e Eva. Entretanto, e como os Anjos anteriormente, eles tinham de merecer, era preciso que dessem provas de fidelidade, de submissão, de obediência e de amor ao seu Benfeitor e Amo.

Colocara Deus no Paraíso terrenal uma árvore: a da «ciência do Bem e do Mal». «Podeis comer os frutos de todas as árvores que há no paraíso, excepto os da árvore da ciência do Bem e do Mal; no dia em que deles comerdes, morrereis» (31). Era assim o mandamento do Senhor e cuja observância garantiria ao homem a posse do Céu. O Diabo, porém, espreitava de longe a mínima oportunidade para transtornar a ordem divina; não deixou fugir esta. Incitava-o nesta fúria não tanto a felicidade presente do pri-

meiro casal, senão o destino último, pois o demónio sabia de sobra que Adão e Eva com sua inumerável descendência seriam elevados ao Paraíso, para ali ocuparem os lugares outrora destinados aos anjos prevaricadores.

Disfarçado em serpente, rastejou até junto de Eva: «não morrereis, lhe diz; Deus sabe que, no dia em que provardes este fruto, se vos não-de abrir os olhos e sereis como Deus conhecendo o Bem e o Mal» (32). O demónio arma à mulher um tríplice laço: a desobediência, a adulação de uma falsa ciência e o orgulho de, em certo modo, se igualar a Deus e emancipar-se da divina tutela» (33). Eva repeliu a primeira investida insidiosa do diabo; cedeu, porém, à segunda: «então, vendo que o fruto da árvore era belo e apetitoso, a mulher colheu-o, comeu e levou parte dele a seu marido, que também comeu» (34).

Depois de os ter impellido a cometer o delito com as mesmas armas que, a ele demónio, o haviam levado à ruína, a serpente sumiu-se, deixando Adão e Eva na confusão e no pasmo. Com efeito, os olhos do primeiro homem tinham-se aberto, mas de forma bem distinta daquela que esperava. Que horrível constatação! Num relance viram os progenitores do género humano o rasgão por eles aberto na Criação: entre Deus e o mundo abria-se um abismo! Verificaram, sem demora, que do próprio ser desaparecera a harmonia, surgindo em lugar dela as revoltas da concupiscência e a rebelião da natureza externa. Reconhecendo por todos estes sintomas a cólera de Deus, tiveram medo e buscaram evadir-se aos olhos do Senhor,

manifestando nisso mesmo o entenebrecimento da inteligência» (53).

«Por que procedeste assim?» perguntou Deus à mulher. «Multiplicarei os teus sofrimentos..., darás à luz os filhos na dor». E logo voltando-se para Adão: «Por tua causa está amaldiçoada a terra... Ganharás o pão com o suor do teu rosto... És pó... e em pó te hás-de tornar» (36).

Quanto à serpente, renovou Deus o eterno veredicto e maldição: «Maldita serás... Rastejarás sobre ti mesma e comerás terra todos os dias da tua vida» (37). Merecida condenação esta, porquanto Lúcifer tinha sido elevado a lugar de honra, fora dotado de grande inteligência; determinara-se irrevogavelmente, mas com plena lucidez. Tanto assim que se alguém lhe dissesse: «não pensaste no que fizeste...», ele responderia forçosamente: «fi-lo com reflexão» (38).

A responsabilidade do homem, essa era de ordem totalmente distinta. Ele pecara sob a instigação do demónio, ao qual era inferior por natureza, e não por determinação espontânea. Todavia, em contraste com a pequena fracção de anjos que se perdeu, a irrevogável e plena condenação de Adão arrastou consigo a da Humanidade inteira, pela transmissão do pecado original. Neste ponto, dizem os Santos Padres (39), o homem encontrou piedade do Coração de Deus que, em parte, lhe perdoou.

Mas semelhante perdão implica um *sacrifício* para além de toda a medida e que será a prova suprema do amor infinito do Senhor. O abismo largo

aberto entre a criatura e o Criador será terraplenado pela Incarnação, a Paixão e a Morte do Verbo Divino. O preço do perdão será dado ao mundo e à Justiça de Deus por uma mulher, «humilde mas mais excelsa que outra criatura qualquer» (40): a Virgem Senhora, Santa, Imaculada, que também há-de ter o nome de Mãe de Deus. «Porei inimizades entre ti e a mulher» revela efectivamente o Senhor ao amaldiçoar a serpente, «ela te esmagará a cabeça».

Entrementes, para que o espírito do mal não abuse do homem, agora mais vulnerável em consequência do pecado, eis que Deus multiplica a sua inesgotável Bondade, confiando a Humanidade nascente à guarda e aos carinhosos desvelos dos Anjos fiéis. «Deu (o Senhor) ordem aos Anjos para vela-rem por ti em todos os teus caminhos; levar-te-ão nas próprias asas para evitar que firas os pés de encontro às pedras» (41).

Um facto novo surge, portanto, na hora precisa da queda dos nossos primeiros pais: *a guarda angélica*. A propósito desta eis como fala S. Gregório Niceno: «Desde que a nossa Natureza caíu no pecado, não ficou a nossa queda sem o socorro de Deus; um Anjo foi destacado para assistir à vida de cada qual» (42). É de tal importância este facto que ele será o assunto das páginas seguintes.

ORIGEM DA PUBLICAÇÃO DESTE LIVRO
NA INTERNET POR

<http://leiturascatolicas.blogspot.com>

VI

O ARCANJO SÃO MIGUEL
GUARDIÃO DA CRISTANDADE

Chegados ao assunto principal deste livro, como não evocaríamos, de início, o Chefe dos Anjos, aquele que, demais disso, nos deu o mais belo exemplo de vigilância na defesa, contra Lúcifer, dos invioláveis direitos divinos: o Arcanjo São Miguel?

No decurso da sua rápida aparição nas batalhas do Empíreo, manifestou ele energia, dinamismo, zelo e solicitude sem iguais, todo fervor e amor de Deus. Não será diverso o seu procedimento na Terra, uma vez constituído guardião dum povo e, simultaneamente, árbitro do Mundo e da História em nome do Soberano supremo.

Cada astro e cada sistema planetário tem um Anjo próprio que o guia segundo o conjunto de movimentos estabelecidos por Deus. E o sistema integral, o Universo, está de modo idêntico sob a fiscalização e a guarda especial dum Anjo. Esta doutrina, defendida pelos Padres e Doutores da Igreja, baseia-se no seguinte princípio: «todos os corpos são movidos por um espírito vital dotado de inteligência: isso faz parte da ordem Providencial em que todas as coisas foram feitas pelo Criador. Existe mesmo entre os

Anjos do Céu uma distribuição em Coros, de forma que os Coros inferiores recebem luz e directivas dos Superiores (43), recordando aquela lei de gradação, atrás citada no capítulo primeiro. Deste princípio resulta que até as nações devem ter um Anjo protector que inspira e vai seguindo o seu desenvolvimento (44). Nem faltam na Escritura e na História Eclesiástica argumentos comprovativos, em particular na pessoa do Arcanjo S. Miguel, que nesses documentos aparece sob a designação de *guarda do povo hebreu*.

De facto querem uns que seja ele quem infligiu as dez pragas ao Egipto, bem como, disfarçado em nuvem de fogo, quem milagrosamente conduziu o povo eleito através do Mar Vermelho. Pretendem ter sido ele que ditou a Lei de Moisés no Monte Sinai; que defendeu os Hebreus contra Sennacherib matando-lhe 185 000 soldados numa só noite; ele, por fim, quem encobriu aos Israelitas os despojos mortais de Moisés, para evitar que deles fizessem objecto de culto idolátrico (45).

Lê-se em *Daniel* (XII, 1) um óptimo testemunho referido a São Miguel velando sobre o povo israelita: «então surgirá Miguel, o grande Príncipe que guarda o teu povo». Demais disto, conforme alguns intérpretes da Escritura, o mesmo Arcanjo teria transportado o profeta Habacuch da Judeia para Babilónia, animando e auxiliando Josué contra os Medos, por ocasião da tomada de Jericó. «Eu sou o chefe do exército do Senhor» (46), disse o Arcanjo a Josué quando, antes do ataque à cidade, explorava os arre-

dores. À sua vista o profeta cai de bruços, de rosto no chão e exclama: «Que manda o Senhor ao seu servo?» Então São Miguel deu-lhe instruções sobre a forma como deveria conduzir o ataque: «todos os homens armados marcharão em torno da cidade uma vez por dia, durante seis dias; ao sétimo os sacerdotes seguirão à frente da Arca da Aliança, após o toque das sete trombetas que se usam para o jubileu. Dareis sete voltas em redor da cidade e os sacerdotes tocarão as trombetas. Logo que o som das trombetas, prolongado e nítido, ecoe em vossos ouvidos, todo o povo soltará gritos clamorosos; nessa altura as muralhas da cidade desmoronar-se-ão e o povo entrará nela de roldão» (47). Assim se fez: ao som das trombetas ruíram os muros, como sacudidos por terrível abalo sísmico, e Jericó foi invadida e destruída.

Na qualidade de guardião do povo eleito, São Miguel defendeu também a religião dele. Quando, porém, com a vinda de Cristo a Igreja sucede à Sinagoga, vemos o Arcanjo tomar sobre si a defesa e a guarda da nova Igreja. Então o Príncipe dos Anjos deixa de ser o tutor de um pequeno povo para alargar a sua vigilância a todo o mundo cristão. Intervém na luta contra as hordas bárbaras que ameaçam subverter a ordem civil e religiosa da Europa cristã; extermina o flagelo da peste e derruba os déspotas...

Sabe-se pela história que o estandarte dos exércitos de Carlos Magno trazia gravada a imagem do Arcanjo e a divisa: «Ecce Michael, Princeps Magnus,

venit in adjutorium mihi» (eis que Miguel, Grande Príncipe, acode em meu socorro). Segundo a tradição, esta divisa e a imagem comemoravam uma vitória alcançada pelos Saxões graças ao Arcanjo: tendo-o o rei da Gália invocado, ele apparecera durante a batalha, montado num cavallo branco e sustentando um estandarte azul florido de lírios de ouro.

Com o mesmo aspecto de guerreiro terrível e esplendente, é crença que appareceu ao lado de St.º António de Lisboa, quando se atreveu a ir à presença do tirano Ezzelino da Romano a fim de lhe exprobrar as atrocidades e crimes, que o tornavam tristemente célebre. Há ainda outra prova do zelo e solicitude do Arcanjo S. Miguel em favor dos cristãos: é o facto, absolutamente autêntico, da sua aparição sobre a Mole Adriana, em Roma, mais conhecida pelo nome de Castelo Sant'Ângelo.

No ano de 590 da nossa era, uma terrível epidemia alastrou entre os Romanos. Para impedir o termo do flagelo, o Sumo Pontífice Gregório Magno ordenou que se fizesse uma procissão de penitência. Com as ruas juncadas de cadáveres, a procissão percorreu a cidade, tendo à frente o Santo Padre, descalço e levando nas mãos uma imagem de Nossa Senhora. De súbito o cimo da Mole Adriana, onde ia chegando a procissão, inflamou-se. Era S. Miguel Arcanjo. Viram-no fazer aquele gesto, que hoje se admira na estátua de bronze erguida no próprio local, em memória do prodígio: o Arcanjo repõe a espada na bainha — sinal de que a Virgem, vencida pelas súplicas dos fiéis, conseguira de Deus o termo da peste.

VII

SÃO MIGUEL NO MONTE GARGANO
E OS ANJOS DA GUARDA DOS POVOS

O prodígio, que melhor põe de relevo o Príncipe dos Anjos, na qualidade de defensor e guarda da Igreja e dos verdadeiros crentes, é o da sua aparição por três vezes no Monte Gargano.

Em fins do século V, um rico senhor da então florescente cidadezinha de Siponte — próximo da actual Manfredónia marítima, na Província de Foggia — perdera o mais vistoso e apreciado touro da manada. Indo com os boieiros procurá-lo, encontraram-no lá no Cimo do Gargano, ajoelhado no interior duma caverna funda e inacessível. O dono do animal tentou por todos os meios fazê-lo sair para fora: tudo foi debalde. Então, exasperado com a inutilidade de tantos esforços, resolve ferir o touro com uma seta. Mas eis que esta, quando já prestes a atingir o alvo, retrocede inesperadamente e vem cravar-se no braço do archeiro, que a arremessara! Foi um alvoroço entre os moradores de Siponte, ao conhecerem o sucedido. Vão ter com o Bispo S. Lourenço Maiorano, em busca de uma explicação para o fenómeno. Não sabendo achar interpretação imediata, o Prelado manda fazer penitências e orações públicas; ao fim

de três dias, com jubilosa surpresa, aparece ao santo Bispo o vulto de um nobre cavaleiro envolto em clarões celestes. A aparição declarou ser o Arcanjo São Miguel e disse: «Sou eu o autor do prodígio da caverna. De futuro ela será o meu santuário na terra».

Algum tempo depois desta aparição, Siponte foi assediada por um exército pagão. Estando a cidade já no extremo de se render, surge a intervenção de São Lourenço Maiorano: obteve dos sitiadores três dias de tréguas, durante os quais impôs de novo preces públicas e penitências. Ao terceiro dia volta a aparecer o Arcanjo reanimando-lhe a coragem e assegurando brilhante vitória aos sitiados. Assim foi. Numa tentativa de surtida em terreno descoberto, mal os Sipontinos chegaram às mãos do inimigo, o mar enfureceu-se súbitamente ao mesmo tempo que o ar se escurecia e os raios fuzilavam, perseguindo o exército pagão que fugia aterrado e era dizimado.

Semelhantes factos, como é de ver, emocionaram em extremo o povo e o clero de Ponilles. S. Lourenço Maiorano pôs logo o Santo Padre Gelásio I ao corrente de tudo e da intenção, em que estava, de honrar a dupla aparição do Arcanjo com uma solene procissão até à gruta, que seria consagrada ao Príncipe dos Anjos. Entretanto o Prelado era advertido, numa terceira e última aparição, e com referência a este seu intento, que «a gruta fora já consagrada por ele próprio, Arcanjo São Miguel. Bastaria, por conseguinte, que os Padres lá afluíssem para celebrar os Ritos Sagrados». Então, conta o historiógrafo de Gargano (48), o Prelado subiu em procissão à mon-

tanha com mais sete Bispos, expressamente reunidos em Siponte para o efeito, seguidos pelo clero e pela maioria do povo sipontino (49).

O leitor desculpar-nos-á estas digressões com as quais nos desviamos algum tanto do assunto. A apresentação de São Miguel como guardião da Cristianidade — formada por mais de um povo ou nação — só por si não demonstra que cada nação tenha um Anjo especial que a proteja e lhe assista. Convém, pois, ajuntar mais algum exemplo ao único até agora apontado (S. Miguel no povo hebreu). Ora remontando aos tempos antigos, é de novo *Daniel* que fortalece a nossa crença. Cativos entre os Gregos e Persas, os Hebreus foram libertos da escravidão por um decreto do rei Ciro. Todavia o tão suspirado regresso à pátria era impedido por dificuldades misteriosas. Quem mais se afligia com tais remoras era o profeta Daniel, que a Deus fazia contínuas súplicas. Um dia, enquanto repousava às margens do Tibre, apareceu-lhe o Arcanjo Gabriel a anunciar-lhe que as suas preces iam ser ouvidas. Mas, acrescentou o celeste mensageiro, o Anjo protector da Pérsia não queria aceder a deixar partir os Hebreus em liberdade; opunha-se mesmo a isso: «O Chefe do reino da Pérsia resistiu-me durante vinte e um dias (50); e a ele se aliara, pouco antes, o Anjo protector da Grécia. Não obstante, muito em breve desceria Gabriel a combater o Chefe dos Persas, fortalecido desta vez pelo apoio de Miguel! «Para tal empresa ninguém virá em meu auxílio, excepto o vosso Chefe Miguel» (51).

A importância e o valor destes testemunhos são

consideráveis. A guarda angélica dos povos é doutrina consoladora, da qual jamais duvidaram os exegetas insignes da Escritura, os Padres e Doutores da Igreja; doutrina de que tiraram proveito não só os profetas como também os Santos e os Apóstolos.

São Francisco Xavier nela afirmava as maiores esperanças de evangelização do Japão; assim escrevia o Apóstolo das Índias aos seus Irmãos de Goa: «Vivo com a enorme esperança de que Deus me concederá a graça da conversão deste país, porque, desconfiado de mim mesmo, pus toda a minha confiança em Jesus Cristo, na Santíssima Virgem sua Mãe e nos Nove Coros dos Anjos, de entre os quais escolhi para protector o Príncipe e Campeão da Igreja Militante, São Miguel. Muito espero deste Arcanjo a cujo particular desvelo foi confiado este grande reino do Japão. Todos os dias a ele me encomendo de modo particular assim como a todos os Anjos da Guarda dos Japoneses» (52).

Mas não encontraremos nós testemunhos mais recentes e mais fáceis de verificar a favor da mesma crença de um Anjo da Guarda para cada Nação? A esta pergunta respondem os três pastorinhos da Fátima: Lúcia, Francisco e Jacinta.

Na Primavera de 1916, os Videntes conduziram o rebanho para o sítio da Loca do Cabeço. Surpreendidos pela chuva acolheram-se a uma espécie de gruta ou lapa onde merendaram e rezaram o terço como era seu costume. Logo que o tempo escampou voltaram aos jogos habituais. De repente uma nuvem mais branca do que a neve, com a forma de um vulto bri-

lhante como o cristal atravessado pelos raios do sol, aparece-lhes por sobre os ramos do arvoredo, lá ao longe. À medida que para eles vinha caminhando, mais se distinguiam as formas, até que, já bem junto deles, os videntes ouviram estas palavras: «Não vos assusteis; eu sou o Anjo da Paz. Orai comigo». Ajoelhou então na terra, curvou a fronte rente ao chão e rezou por três vezes: «Meu Deus, eu creio, adoro, espero e amo-Vos; peço-Vos perdão para os que não crêem, não adoram, não esperam e não Vos amam». Os Videntes ajoelharam (imitando o Anjo), curvaram-se por terra e foram repetindo a oração. Depois o Anjo levantou-se e disse: «rezai assim; os Corações de Jesus e de Maria estão atentos às vossas súplicas» e desapareceu.

Alguns meses mais tarde, aí por Agosto, num dia de calor e à hora da sesta, de novo lhes aparece o Anjo quando os pequenos brincavam junto do poço, no quintal dos pais de Lúcia. «Que fazeis?... Orai, orai, orai muito». Revelou-lhes que Jesus e Maria os haviam escolhido para a realização dos seus desígnios misericordiosos; recomendou-lhes orações e sacrificios em espírito de reparação, acrescentando: «esforçai-vos por alcançar a paz para Portugal; eu sou o seu Anjo da Guarda» (53).

Inútil será fazer largos comentários a estas aparições; todavia para que se lhes dê o justo valor, sempre diremos que a autenticidade delas e das últimas palavras do Anjo é comprovada pela inocência e simplicidade inegáveis dos três pastorinhos, pelos seus escassos conhecimentos em doutrina religiosa,

visto que mal tinham as noções elementares do Catecismo e da piedade comum às famílias cristãs daqueles meios serranos. Quem se lembraria de imaginar nestas pobres crianças quaisquer conhecimentos relativos aos Anjos da Guarda dos povos?! Além disso é evidente prova da veracidade das aparições do Anjo de Portugal, em Fátima, o tão breve espaço de tempo decorrido entre o prenúncio dos acontecimentos e a sua realização. Lúcia, a mais velha dos três Videntes e a testemunha mais importante dos factos, vive ainda num convento em Portugal; ora tanto o seu procedimento como as suas palavras, merecedoras de todo o respeito e admiração, são o testemunho convincente da autenticidade dos prodígios da Cova da Iria.

VIII

OS ANJOS E AS CASAS DE DEUS

Uma das Epístolas de São Paulo recomenda às mulheres que tenham a cabeça coberta na Igreja «em atenção aos Anjos» (54). Que Anjos? É óbvio: os prepostos para guarda das igrejas. Há, portanto, Anjos da Guarda das Casas de Deus, bem como os há para cada diocese. «Cada diocese é vigiada por dois Bispos, um visível, outro invisível; um é homem, o outro é anjo» afirma Orígenes. «Tudo está repleto de Anjos: — opina St.º Ambrósio — O ar, a terra, o mar e as igrejas sujeitas à sua vigilância».

Conta Paládio que, tendo S. João Crisóstomo sido expulso da sua diocese e quando ia pôr-se a caminho do exílio, quis antes ir despedir-se do Anjo da Guarda da sua igreja episcopal. Ao descer a escadaria do Paco em companhia de outros bispos, disse-lhes: «Vinde comigo, rezemos e digamos adeus ao Anjo desta igreja» (55).

S. Francisco de Sales, na Introdução à Vida Devota, recomenda: «Tende devoção habitual aos Anjos... Amai e reverenciai o Anjo da vossa diocese». O mesmo Santo cita o seguinte e belo exemplo de solicitude e de auxílio prestado pelos Anjos celestes

a todos os que crêem na sua existência e os invocam. «No seu regresso da Alemanha, onde muito trabalhara pela glória de Nosso Senhor, o Beato Pedro Fabre, primeiro sacerdote, primeiro prêgador da Companhia de Jesus, e primeiro companheiro de St.º Inácio de Loiola, fundador da mesma Companhia de Jesus, o Beato Pedro Fabre contava que, nas suas prêgações através de vários países heréticos, se sentira grandemente animado pelo facto de, logo à entrada, ter o costume de saudar o Anjo da Guarda das diversas freguesias. Reconhecia que eles, invisivelmente, lhe dispensavam o seu celestial favor ora defendendo-o dos insidiosos embustes dos heréticos, ora insinuando-se nas almas e tornando-as dóceis à doutrina da Salvação.

Também se conta de S. João Baptista Vianney que, ao ver por vez primeira a aldeia de Ars e ao avistar a igreja — onde em breve iniciaria a sua maravilhosa acção de sacerdote e de apóstolo — o santo pároco invocou os santos Anjos da Guarda e, com todo o fervor e lágrimas nos olhos, pediu-lhes a sua preciosa e benévola assistência (56).

A estes exemplos podemos ajuntar outros mais recentes. O simples e bom Padre Lamy, recentemente falecido em França, afirmava: «ouvi, por vezes, três e quatro Anjos juntos, na igreja de La Courneuve. Oíço-lhes com frequência a voz sem os ver; reconheço-os pela voz exactamente como nos sucede com as pessoas conhecidas» (57).

Esta crença nos Anjos da Guarda das Igrejas nem por isso deveria ter-se na conta de menos fun-

damentada se, pondo de lado os exemplos comprovativos, ela se apoiasse apenas numa simples convicção. Admite-se, como doutrina comum, que há Anjos destacados não só para a guarda das Nações mas também para a das províncias, das cidades, das comunidades ... Os Anjos encontram-se por toda a parte: no ar, na terra, no mar. Nem é St.º Ambrósio o único a defender semelhante doutrina. Por isso mesmo não se compreende que os queiram excluir da guarda da casa de Deus, isto é, do Santuário onde os crentes, chamados pela voz insinuante dos sinos, têm as suas reuniões de santo amor, cumprindo nele os actos mais do apreço dos Anjos, qual é a oração, a acção de graças, o louvor do Senhor, da Virgem sua Rainha e dos Bem-aventurados do Céu.

Nos meus passeios, ao subir a uma colina ou percorrendo a planície, succedeu-me a miude topar com uma dessas igrejas em ruínas ou com vestígios de mosteiros, relíquias do místico fervor medieval em que abunda a minha abençoada terra. Ê-me impossível exprimir as impressões sentidas em face desses restos de muros esventrados e de antigas calçadas que, através de séculos, as intempéries foram demolindo; escombros estes doridamente postos em realce pela natureza ambiente, severa e nua: vertentes rochosas, pardieiros melancólicos, agras ressequidas e desertas. E tudo envolto no silêncio de uma solidão inumana onde a custo se afoita o pípio da avezinha ou o grasnido lúgubre da ave de rapina.

Foram sempre muito vivas as impressões então sentidas: um misto de pasmo e desnorteamento, de

nostalgia e tristeza, que eu procurei traduzir num cântico, espécie de elegia — apesar dos meus fracos meios de expressão —, e que será, não obstante, uma das mais felizes e inspiradas da minha veia poética.

Começava assim:

«O Sant'Egídio, vi-te na planura
Quando rugia bravo o temporal
Montes além; o raio lá da altura
Rasgava as nuvens; era incêndio o val.

E eu triste olhei: vi, como chagas vivas
Restos inglórios de doiradas eras...
Troncas estátuas e laivos de ogivas,
Ruídos muros, que ameigavam heras...

E alei-me em sonho... Onde agora a esmo
Crescem as silvas entre o pedregulho,
Vasto convento — maravilha mesmo!
Eu via erguer-se em donairoso orgulho.

Tangia os sinos sacristão vêlhinho,
E, à portaria, um frade acolhedor
Lá repartia, em gestos de carinho,
O pão aos pobres, o conforto à der...

Dentro dos muros, a animar as celas,
Viviam monges

Oh! como o coração ansiava restaurar aquelas ruínas! Mas tudo ficava, infelizmente, numa restauração imaginária... De olhos levemente fechados, na penumbra dum sonho, iam-se alteando, como por magia, a igreja, o sino, a rosácea, as imagens dos alta-

res, o grande Crucifixo e a vigilante chama da lâmpada, símbolo da presença contínua do Divino Prisioneiro de Amor no tabernáculo dourado!... Parecia-me ouvir os cânticos litúrgicos por entre eflúvios de incenso e a salmodia dos monges a unísono com os murmuros ciprestes... A realidade desoladora acabou por impôr-se, inexorável, aos meus olhos vagos... É perante um quadro destes que se compreende o segredo de certas atitudes de alguns homens. Chateaubriand escreveu que, tendo visitado as ruínas de uma célebre Cartuxa, de lá saíra com o coração triste. Sentia-se impellido a blasfemar de Deus por não ter impedido tão lastimoso destino e, dominado por esta ideia, o poeta «andou errante pelo crepúsculo da noite» até se refugiar numa igreja onde se realizavam cultos religiosos nocturnos. Caiu de joelhos no lajeado exclamando por entre lágrimas: «Perdoai, Senhor, a loucura da minha murmuração à vista da desolação do vosso templo; perdoai à minha razão chocada» (58).

Realmente não há ruínas que tanta pena inspirem como as de uma igreja. Sentia-a S. Francisco, pois, segundo informa Celano, não se poupou a sacrificios para conseguir restaurar as que lhe foi possível (59).

Quando um lugar sagrado é entregue ao abandono, quem mais se entristece são os Anjos encarregados da sua guarda. Santa Brígida foi visitar a Gruta de São Miguel, no Monte Gargano, quando o santuário estava em período decadente. Ao aproximar-se viu que um exército de espíritos angélicos

se dirigia para ela dizendo: «Bendito sejais, Senhor por nos terdes criado para mensageiros vossos. Lá nos Céus Vós tornais sensível esta dignidade, que tanto apreciamos, para que os homens saibam dar valor ao nosso mistério. Por desgraça, porém, até este santuário está hoje em declínio e os moradores destes sítios dão preferência aos anjos das trevas» (60).

Fácil é de ver o que acontece quando as igrejas sofrem a desonra do abandono e da profanação: os Anjos retiram-se. Após a tomada de Jerusalém, os soldados de Tito e de Vespasiano invadiram o templo e começaram a destruí-lo; logo se ouviram vozes de Anjos clamar: «fujamos daqui!» (61). Paládio parece fazer-se eco do acontecimento ao narrar como, indo S. João Crisóstomo à igreja despedir-se do Anjo da Guarda, este não pôde sofrer a desolação em que ela ia ficar e afastou-se dali também a exemplo do Santo Bispo» (62).

IX

O ANJO DA ORAÇÃO

Os Santos do Céu (Igreja Triunfante), as Almas do Purgatório (Igreja Padecente) e os Cristãos da terra (Igreja Militante) formam uma unidade, quase um *único* império imenso, cujos diversos continentes são as três igrejas. O Soberano é Deus; a lei, que preside às mútuas relações e ao procedimento de todos os habitantes, é a caridade, visto que o seu Chefe é essencialmente amor. Em virtude desta lei, os elementos da Igreja Militante pedem graças aos elementos da Igreja Triunfante, e oram pelos da Igreja Padecente, socorrendo estes por sua vez os primeiros. Tal é o sentido do artigo do Credo «a Comunhão dos Santos». Sobejo será dizer que os Anjos tomam parte nesta «Comunhão» ou comunicação. De onde resulta que os Anjos não só intervêm providencialmente nos assuntos humanos, mas interferem em todas as acções manifestativas da vida da Igreja Militante, pois «a Igreja é mais do que uma simples Sociedade religiosa humana...; os Anjos e os Santos do Céu a ela pertencem também» (63). «Com os Anjos nós constituimos uma única cidade de Deus» afirma sinteticamente St.º Agostinho (64).

Os Anjos assistem, por conseguinte, aos Sacramentos da Penitência, do Matrimónio, à consagração das virgens, à eleição dos Bispos, ao Baptismo... (65). St.^o Ambrósio, no seu livro sobre os *Mistérios*, S. Cirilo e S. Gregório Nazianzeno (66) sustentam que a renúncia ao demónio no Sacramento do Baptismo se realiza na presença dos Anjos. «É coisa que não deve negar-se nem ignorar-se; o Anjo é que anuncia o Reino de Deus e a Vida Eterna».

Mas é mormente nas orações dos sacerdotes e dos fiéis, na salmodia dos monges e na celebração eucarística onde mais se afirma a participação dos Espíritos Celestes. Assim o confirmam testemunhas e exemplos numerosos.

Clemente Alexandrino diz que «o gnóstico reza com os Anjos... mesmo quando reza sozinho, porque o Coro dos Anjos permanece com ele» (67). St.^o Matilde (68) conheceu, por inspiração divina, a forma exacta como os Santos Anjos assistem ao cumprimento das acções seguintes: «Quando alguém lê os salmos ou outros passos da Escritura; quando se ocupa em qualquer boa obra, os Anjos estão presentes». Por seu lado, S. Bernardo, na sua Regra, lembra aos Monges que o Offício Divino é recitado na presença de Deus e dos Anjos. A sua afirmação apoia-a o Santo Fundador na própria experiência. De facto, na Cartaxa de Claraval, fora-lhe concedido ver os Espíritos Angélicos salmodiando com os Religiosos. Também S. Francisco foi privilegiado com semelhante favor; pelo menos tudo parece confirmá-lo: a sua extraordinária veneração pelos Anjos, em

especial por S. Miguel, «em cuja honra jejuava devotamente quarenta dias»; as visões de anjos que teve com frequência, entre elas a do Serafim, que o estigmatizou no Monte Alverne, e a do Anjo que motivou o seu êxtase «mediante a maravilhosa harmonia e a dulcíssima melodia duma lira». Muito peculiarmente, porém, a passagem de Celano: «visto que no Coro se cantava na presença dos Anjos, Francisco desejava que o maior número de religiosos estivesse presente, entoando devotamente os Salmos».

Segundo uma narração de S. Nilo Magno (69), sabemos que S. João Crisóstomo viu amiúde a sua igreja repleta de Anjos, em particular durante a Santa Missa. O mesmo fenómeno é-nos revelado pelo próprio Crisóstomo (70); difere do precedente apenas por alguns pormenores. Fundindo os dois textos fica-nos o seguinte:

Mal o sacerdote começa a officiar, logo multidão de espíritos celestes, descalços e com roupagens esplêndidas, descem do Céu e colocam-se em redor do altar na posição de guerreiros na presença do Rei. A seguir, no ponto da Comunhão, os Anjos, com respeito e veneração, cercam os Bispos, os Padres e os Diáconos que distribuem as Hóstias consagradas aos fiéis.

«Então não sabes — diz, numa espécie de eco ao que acima fica dito, um antigo autor arménio (71) — não sabes que, no momento em que sobre o altar aparece o Santíssimo Sacramento, o Céu se abre e Cristo desce; os Anjos voam lá do alto para a Terra, circundam o altar em que se realiza o augusto Sacri-

ficio e que todos são cheios do Espírito do Senhor?».

Esta participação dos Anjos na Celebração Eucarística parece-me tão natural e indiscutível que prescindindo de mais citações. Que outra circunstância mais importante do que a Santa Missa para justificar a presença deles? « O filho de Deus está sobre o altar... cercado por inúmeros Anjos » disse uma voz à Beata Ângela de Foligno (72) enquanto ela se dispunha para comungar. « Outro dia, conta a Bem-aventurada, assistindo à Santa Missa ...fui elevada em espírito e tive nova e clara intuição da maneira como Jesus Cristo se torna presente no Santíssimo Sacramento. Vi então Jesus descer do Céu rodeado de inumeráveis legiões refulgentes de luz... ».

O Passionista Padre Inácio da Scala Santa, director espiritual de Edviges Carboni — interessante figura de mulher, nascida na Sardenha e falecida em Roma em 1952, com fama de santidade — o Padre Inácio escreveu, para o livro do Padre Basílio Rosati sobre a mesma Edviges Carboni, as seguintes palavras: « Muitas vezes me disse ela que, ao celebrar a Santa Missa, olhasse para o alto e havia de ver os Anjos assistindo ao Divino Sacrificio » (73).

No âmbito das revelações de S. João Crisóstomo e da Beata Ângela de Foligno, convém advertir que, durante o Santo Sacrificio, intervêm duas espécies distintas de Anjos: uma que se conserva ao lado do oficiante, desde o início do Rito Sagrado; a outra faz escolta a Jesus no momento solene da Consagração. Isto mesmo foi afirmado a Santa Brígida (74):

« À medida que o Sacerdote se aproximava da Consagração, um número infinito de Querubins fazia vibrar o éter com músicas inefáveis... Logo que o celebrante acabou de proferir as palavras rituais, vi a Hóstia transformar-se místicamente num Cordeiro branco... Em redor da fulgurante aparição formavam cerco a Virgem e encantadoras grinaldas de Serafins, os amores do Céu... »

ORIGEM DA PUBLICAÇÃO DESTE LIVRO NA INTERNET POR

<http://leiturascatolicas.blogspot.com/>

O TEU ANJO

O que passo a contar sucedeu-me, na realidade, há uns oito anos. Era meia noite. Na manhã seguinte queria eu levantar-me às 4 horas, custasse o que custasse, para estar no Convento um pouco antes das cinco. Não sei, agora, bem o motivo que me sugeria essa decisão de não faltar; talvez porque seria o meu turno de ajudar à Missa ao Padre Pio?... O facto é que decidi tomar todas as medidas possíveis para evitar o acordar tarde. Acontece a alguns quererem acordar a tal hora, e acordam. Mas eu não sou desses; durmo como uma pedra e precisamente ao meu sono pesado sou devedor da grande mercê de não ter sofrido as terríveis emoções e sobressaltos provocados por frequentes abalos sísmicos nocturnos, assás frequentes no Monte Santo do Gargano.

Tinha, pois, de pedir a alguém que me acordasse. Mas a quem? Os familiares já dormiam e eu não queria incomodá-los. No despertador, nem pensar; tinha a campainha estragada... Lembrei-me, então, do misterioso personagem que — segundo me haviam garantido — me fora dado desde o berço, que me não abandona um momento e que, nesse mesmo instante, ali estava no meu quarto, bem juntinho talvez à minha cabeceira. No silêncio e quietude da noite pare-

cia-me sentir-lhe a presença e figurava-se-me vê-lo de olhos vigilantes como estrelas do firmamento, alheios ao doce peso do sono.

«Fazei, disse-lhe eu numa prece, fazei que eu acorde às 4 horas em ponto». E adormeci.

A alturas tantas senti uma dorzita no lado direito e, numa espécie de meia sonolência, vinha-me a ideia confusa da Missa a que eu queria assistir e, vagamente também, pensava na dor sentida, resultante de qualquer má posição tomada na cama. Voltei-me, aconcheguei a roupa... mas a dor exquisita persistia e tive de assentar-me no leito. Acendi a luz e... o relógio marcava exactamente quatro horas! A dor, como por encanto desaparecera! Profundamente comovido, agradei ao invisível personagem e, por vez primeira, comecei a ponderar com seriedade a sua constante e real presença a meu lado.

Sem demora se fizeram sentir as primeiras conseqüências dessa presença benéfica. Aquela apreensão e medo natural, que eu tinha ao caminhar através da rua escura que leva ao Convento, sumiram-se. A certeza de ter junto de mim um Anjo amigo, pronto a socorrer-me, affectuoso, seguindo por toda a parte os meus passos, esta certeza é fonte de alegria indizível. Que magnífica descoberta, a que eu fiz nessa manhã! Confesso que desde então a minha forma de agir melhorou. Digo-o sem receio de faltar à modéstia, pois todo o mérito do progresso em mim ocorrido se deve ao meu Anjo da Guarda, bem como ao bom do Padre que me ensinou tão útil, tão bela e tão inefável verdade da nossa Santa Religião.

O Anjo de Deus! «Que esplêndido amigo descobriremos um dia, se ainda o não conhecemos» exclama o Padre Lamy. Todos o desconhecem, sem exclusão dos católicos praticantes que, muito embora o invoquem todos os dias com a oração *O Anjo do Senhor...*, consideram-no, todavia, como distante e ausente. Isto sem falarmos dos *espíritos fortes*; se vos atreveis a propôr-lhes o assunto da existência dos Anjos, é possível que vos respondam com a inscrição que um grande convertido do Padre Pio — Pitigrilli — cita no seu livro *«A Piscina do Siloé»* e gravada no frontespício de um manicómio: «Todos o somos, nem todos lá estamos».

Não são raras as troças, a cólera e a indignação de certos corifeus da Ciência a propósito dos espíritos bons e maus. Não há muito ainda, um eminente sábio, nimbado pela auréola da imparcialidade e da omnisciência, declarava a um conhecido jornal: «não há seres espirituais fora de nós». A existência de seres espirituais fora do homem, chamem-se eles anjos ou demónios, é um argumento embaraçante para tantas pessoas que, à força de estudos, se emanciparam da *escória das superstições religiosas*, como lhes chamam. Segundo tais pessoas, certos argumentos devem deixar-se para as crianças das escolas infantil e primária, para os Padres e para as Catequeses. Semelhantes argumentos avelhentados, poeirrentos, dignos da Idade Média (essa Idade Média obscurantista) são incompatíveis com a *evolução* e a *mentalidade* dos nossos dias, possivelmente bons para os hipócritas, as almas sonhadoras, místicas e nos-

tálgicas... Os Padres, com o Papa à frente, precisam de actualizar-se adaptando-se à nossa época !...

Pretendem, pois, estes pseudo-mestres que a nossa Santa Religião (o Catolicismo) se obstina a ensinar estultícias, que a sua doutrina está cheia de crendices, absurdos, etc. Ora é por demais evidente a grosseria deste erro, em si fácil de rebater, e esperamos, ao longo desta nossa exposição, ser de utilidade àqueles crentes que, em especial, duvidam da existência do seu Amigo celeste e o lançam ao desdém. Nem vades julgar que nesta afirmação há exagero. Com efeito, resolvi um dia fazer uma espécie de inquérito entre os peregrinos que, dia-a-dia, se sucedem numerosos em S. Giovanni Rotondo. Interroguei de preferência os praticantes... Ao perguntar-lhes: acreditais no Anjo da Guarda? recebia respostas diversas, que se podem cifrar nesta: «sim... acreditamos... porque é doutrina da Igreja». Mas alguns responderam simplesmente: «ora... ora...» acompanhado por um encolher de ombros, um torcer de cara, um risinho mal disfarçado, traduzindo talvez a surpresa e ansiedade de quem, por seu turno, quereria perguntar: «mas que vem a ser isso, o anjo da guarda?!».

É, portanto, esperança nossa de que tudo o que fica exposto auxiliará os indecisos a chegarem à convicção de que *nada do que ensina a Igreja pode ser objecto de dúvida*, porque tudo nela é verdade, mesmo aquelas crenças que a nossa parte sensitiva nos induz, por vezes, a relegar para o número das coisas absurdas e inverosímeis.



Em S. Geovanni, um dia de Outubro de 1956

OS ANJOS NA SAGRADA ESCRITURA

«...Começou o rei Herodes a maltratar alguns membros da Igreja. Mandou degolar Tiago e, vendo que agradava com isso aos Judeus, prendeu a Pedro... Depois de preso, confiou-o à guarda de quatro escoltas de quatro soldados cada, na intenção de o mandar comparecer ante o povo após a Páscoa. Entretanto a Igreja fazia preces contínuas por Pedro encarcerado. Durante a noite precedente ao dia em que Herodes o mandaria comparecer na sua presença, dormia Pedro, amarrado com duas cadeias e entre soldados. À porta da cadeia estavam sentinelas. Mas eis que um Anjo do Senhor aparece e uma luz fulge na prisão. O Anjo, tocando-lhe de lado, acordou Pedro e disse-lhe: «levanta-te depressa». No mesmo ponto as cadeias caíram-lhe das mãos. O Anjo prosseguiu:» «põe o manto e as sandálias e segue-me». Pedro obedeceu à visão, sem notar que o que sucedia era realidade. Ultrapassada a primeira porta e a segunda, chegaram à porta férrea que dá para a cidade e se abriu só por si diante deles. Sairam e foram seguindo ao longo de uma rua. Entrementes o Anjo desapareceu, e Pedro, voltando a si, exclamou: «Agora é que eu vejo realmente que o Senhor enviou o

seu Anjo e me libertou das mãos de Herodes e da expectativa em que estava o povo judeu. Consciente já do sucedido, dirigiu-se a casa de Maria, mãe de João, cognominado Marco, onde estavam bastantes pessoas reunidas em oração: Como ele batesse à porta, acudiu uma criada por nome Roda. Reconheceu esta a voz de Pedro e, com a alegria, em vez de abrir, correu a anunciar que Pedro estava lá fora. Estás louca, lhe disseram. Mas ela insistia, assegurando que era Pedro. Eles, porém, diziam: «É o seu Anjo» (75).

Página empolgante esta, repassada de íntima e profunda emoção e na qual a índole dramática da narração é sublinhada por notória concisão. Episódio comovente de onde emana uma força de verdade que expele qualquer dúvida, toda a suspeita de invenção ou artifício. Trouxemo-lo para aqui primeiramente pela sua incomparável beleza.

Oferece-nos a Sagrada Escritura mais uns quarenta factos relacionados com os Anjos da Guarda; longo seria expô-los todos. Referiremos sucintamente os principais.

Um Anjo indica à mulher de Abraão — Agar — uma cisterna de onde ela poderá tirar água e matar a sede a seu filho Ismael, no deserto (76).

Dois Anjos salvam Loth, mais a família, da destruição de Sodoma, amaldiçoada por Deus pela sua corrupção (77).

Degolado Holofernes e já de regresso para junto do seu povo, Judite pede a Deus que se digne patentear a todos como o seu Anjo a guardara sem mancha

no acampamento inimigo, desde que deixara Betúlia até de novo regressar à cidade (78).

Ananias, Azarias, Misael, condenados por Nabucodonosor a serem queimados vivos por não quererem adorar uma estátua de ouro, são salvos da morte no meio das chamas pela intervenção milagrosa dum Anjo do Senhor. «Os ministros do rei, depois de os lançarem na fornalha, aticavam o fogo com nafta, estopa, lenha e piche. As chamas alteavam-se a quarenta e nove côvados e, saindo fora da fornalha, abrasaram os caldeus que mais próximo se encontravam. O Anjo do Senhor juntara-se lá dentro a Azarias e aos companheiros afastando deles as chamas, ao mesmo tempo que por eles perpassava uma brisa fresca. Desta forma o fogo não atingiu nenhum dos jovens nem os molestou (79).

O Anjo de Deus preserva São Paulo e outras 276 pessoas do perigo iminente de naufrágio. Ia o Apóstolo caminho de Roma, numa nau, mas um vento proceloso tornou arriscada a navegação. Deitou-se a carga ao mar; nem assim, porém, diminuiu o risco. No meio da alucinação geral, Paulo manteve-se calmo, sem temor. Por fim disse à tripulação: «Conservai o sangue frio, porque nenhum de vós morrerá... Esta noite um Anjo de Deus, a quem adoro e sirvo, apareceu-me e ouvi-lhe estas palavras: «Não te assustes, Paulo; comparecerás diante de César, e Deus concede-te a vida dos que navegam contigo» (80).

Vamos pôr termo a esta breve resenha lembrando os múltiplos e maravilhosos serviços prestados pelo Arcanjo Rafael a Tobias e a seu filho Tobias

o Moço, no Antigo Testamento, seguindo a enumeração que desses favores nos dá Tobias o Moço.

«Pai, que paga lhe poderemos dar? Que é que poderá igualar os benefícios que ele nos fez? Levou-me e trouxe-me são e salvo; dispôs tudo para que eu recebesse o dinheiro de Gabelo; conseguiu-me esposa e expulsou dela o demónio; salvou-me do monstro que me queria devorar; depois restituiu-vos a vista. Por meio dele fomos cumulados de toda a sorte de bens. Que poderemos nós dar-lhe em proporção com tantos favores?» (81).

A existência do Anjo de Deus não é uma *piadosa crença* destinada a enternecer os fiéis, nem tão pouco *amorosa invenção poética*, aprovada apenas no intuito de induzir a boas acções o coração das crianças. Longe de nós dar entrada a tais sentimentos só porque em livros infantis se encontram referências ao *lindo anjinho da guarda*, só porque os párocos mal chegaram a falar dele, só porque (salvo raras excepções) as revistas e os livros católicos dele não fazem menção.

Cada homem tem o seu Anjo da Guarda. É verdade referida e defendida pelos Profetas, pelos Doutores e Padres da Igreja, pelos Santos de todas as épocas; é verdade confirmada pela experiência de quase todos. O próprio Jesus a ensina com suas divinas palavras ao falar sobre a gravidade do escândalo dado às criancinhas. «Asseguro-vos que os Anjos destas crianças vêem continuamente a face do Pai, que está nos Céus» (82).

«Grande é a dignidade das almas» exclama

S. Jerónimo, «pois que cada uma tem por guarda um espírito celeste».

«Junto de cada homem, diz por seu turno Orígenes, há sempre um Anjo do Senhor que o ilumina, o guarda e o protege de todo o mal» (83). E Santo Tomás explica esta verdade mediante uma argumentação feita, como sempre, de lógica e evidência: «A vigilância é como que uma extensão e explicação da Providência Divina; ora como nenhuma criatura escapa ao âmbito da Providência, assim também todas devem estar sujeitas à guarda dos Anjos (84).

Outros exemplos que, a seguir, aduziremos vão fornecer matéria para outras reflexões e ensinamentos úteis. E notemos, antes de mais nada — facto surpreendente e rico em conclusões — notemos que do Antigo ao Novo Testamento, dos escritos dos primeiros Apóstolos aos nossos dias, esta doutrina sobre o Anjo da Guarda longe de enfraquecer ou obliterar-se foi-se consolidando dia-a-dia, graças à floração de factos impressionantes que é impossível enumerar.

NA VIDA DOS SANTOS

Cerca do ano 70 da nossa Era, vivia em Esmirna uma piedosa e nobre senhora por nome Calista. Apareceu-lhe um dia um Anjo do Senhor e exortou-a a ir a determinado lugar da cidade, onde encontraria um menino escravo, guardado por duas pessoas. Resgata-o, ordenou o Anjo, guarda-o contigo e hás-de instruí-lo na Religião de Cristo.

Calista assim fez e, uma vez em casa dela, o menino não a desiludiu. Foi crescendo piedoso, bom e caritativo. Já homem feito e por ocasião duma ausência de Calista, foi-lhe entregue o governo da casa. Aproveitou o jovem o cargo temporário para prodigalizar socorro aos pobres e com tal generosidade o fez que, em breve tempo, esgotou as provisões. Os servos, a quem tal impulso caridoso pareceu excessivo, informaram de tudo a senhora, mal regressou. Calista chamou logo o jovem: «Será verdade aquilo de que vos acusam?», perguntou ela. Sem dizer palavra o moço dirige-se à dispensa. Quando, atrás dele, chega Calista, nota que tudo está em ordem: as vasilhas cheias de vinho e de azeite e os sacos repletos de trigo, como se lhes não houvessem mexido ou tivessem sido cheios de fresco. Que sucedera então? Mal

chegado à dispensa, o jovem caíra de joelhos sobre as lajes e fizera esta simples mas fervorosa prece: «Ó Pai celeste, que enchestes o vaso com farinha e as vasilhas com azeite à viúva de Sareftà (85), renovai esse prodígio agora por meio do vosso Anjo». Imediatamente a fé e a misericórdia com os pobres foram recompensadas. O acusado moço voltando-se para Calista disse-lhe: «Eis que o Senhor, mediante o seu Anjo, vos restitui todos os bens para que novamente os possais distribuir pelos deserdados».

Esse jovem chamava-se Policarpo e veio a ser um dos discípulos favoritos de S. João Evangelista, que o consagrou Bispo de Esmirna. Homem santo e trabalhador, mereceu, pela pureza dos seus costumes, ter intimidade com os espíritos angelicais e coroou a vida com martírio edificante. Dele se conta outro episódio todo emoção e originalidade, no qual se manifesta a clara intervenção do Anjo da Guarda.

Nomeado Bispo, sem delongas pôs-se Policarpo a caminho da sua Sé em Esmirna. Teve de pernoitar numa estalagem mais o companheiro, Camério. Passada já a meia noite uma voz despertou Policarpo: «Foge desta casa que vai desmoronar-se». Levanta-se o Santo e acorda o companheiro que, perdido de sono, resmungava: «Hé! que pressa! Medite lá nas Escrituras, mas deixe os outros dormir...». O Bispo dispunha-se a voltar para o quarto; a mesma voz, porém, insistia para que abandonasse a estalagem sem demora. Voltando a sacudir Camério, Policarpo gritava-lhe: «olha que se vai desmoronar a hospedaria!». Torna-lhe o jovem tranquilamente:

«Tenho toda a confiança em Deus; a casa não cairá enquanto Policarpo estiver cá dentro». «Está bem, retorquiu o Santo; mas Deus quer-nos salvar e por isso mesmo é que enviou o seu Anjo a prevenir-nos do perigo em que nos achamos». No mesmo ponto o Anjo tornou-se visível, incitando-os a sair. Perante a realidade, Camério, com maior prontidão ainda do que o seu Bispo, abandona a estalagem. Mal chegados lá fora, ouviu-se um estrondo medonho e os dois, aterrados, viram num instante a casa transformada num montão de ruínas fumegantes (86).

Quando quer premiar uma pessoa, que O serve fielmente e se vai assemelhando aos Anjos do Paraíso pelo completo desapego do mundo e pelo ardente amor divino, costuma Deus conceder-lhe o excelso privilégio de ver os mesmos Anjos, fruindo a sua companhia sensível e beneficiando mais do seu auxílio. Assim aconteceu com a admirável virgem romana Santa Cecília. Obrigada a desposar o nobre Valeriano, mas querendo salvaguardar a virgindade, que a Deus consagrara, foi graças à aparição visível do seu Anjo da Guarda que ela convenceu e converteu o marido e o levou a respeitar-lhe a pureza.

Santa Francisca Romana viveu em íntimos colóquios com o Anjo da Guarda. Esplendente de luz, o Anjo iluminava o quarto ao ponto de a Santa poder rezar o Ofício e entregar-se aos seus afazeres. Tinha-lhe morrido, a Francisca, um filho piedoso e meigo, chamado Evangelista. Um ano após a morte, o menino aparece à Mãe com as mesmas roupas que usava em vida, mas imensamente mais formoso. Ao lado dele

via-se um jovem incomparavelmente mais belo. De início Francisca ficou deslumbrada, mas, à medida que o filho dela se acercava e a saudava respeitosa-mente, invadiu-a uma extraordinária alegria. Perguntou ao filho que lugar tinha no Céu e se lá se recordava da Mãe. Resposta do filho: «A nossa única ocupação no Céu é contemplar o abismo insondável da Bondade Divina e louvar a Divina Majestade com a nossa imensa alegria e o nosso terno amor. O meu lugar é no segundo Coro, ao lado desse jovem, que aí vedes, muito mais belo do que eu porque está mais acima na Glória. O Senhor o envia para que seja vosso fiel companheiro e consolador durante a vossa peregrinação terrena, podendo vós vê-lo dia e noite. Quanto a mim, venho chamar a minha irmã Inês para que venha fruir comigo as alegrias do Céu». Inês, pequerrucha de cinco anos, adoeceu e finou-se uns dias mais tarde. No entanto, durante esta segunda provação, aquela santa mãe teve o lenitivo da presença contínua do Anjo. Via-o sempre à sua direita, quer estivesse no quarto ou na Igreja, quer andasse pela rua ou parasse a falar com alguém. Quando se cometia qualquer falta, Francisca notava que o Anjo escondia o rosto com as mãos. Irradiava tal luz que a Santa não podia fitá-lo, a não ser nas circunstâncias seguintes: quando rezava; ao ser tentada pelos espíritos impuros e quando falava dele ao confessor, o Padre Mattiotti (87).

Se nos atemos às afirmações de Santa Francisca, este Anjo não era propriamente o Anjo da Guarda, mas sim um Anjo superior, do segundo Coro Angé-

lico. Para que ela pudesse fitar o Anjo sem ficar deslumbrada, o Padre Mattiotti punha-se a falar dele. Então diminuía a irradiação luminosa e disso se aproveitava a Santa para o admirar à vontade com grande ternura. Por obediência ao confessor, Francisca atrevia-se a pôr a mão na cabeça do seu celeste companheiro, de onde resultava um efeito extraordinário: o rosto resplandecia-lhe como se ela própria fora um Serafim. Era indizível nesses momentos a alegria do Padre Mattiotti.

Foi um Anjo que tirou S. Félix de Nola da prisão e o restituiu são e salvo ao Santo Bispo Máximo.

A S. Raimundo de Pennafort era o Anjo da Guarda que o acordava para se entregar à oração (88).

Certa noite, S. Filipe de Neri foi levar o conforto da caridade cristã a casa dum nobre arruinado. Tendo o Santo caído num barranco logo foi socorrido pelo seu celeste companheiro (89).

Atravessava S. Camilo de Lellis um rio a vau, de noite. Súbito ouve uma voz gritar: «Não façam isso! Não atravessem!» Camillo parou, fez a oração da noite e adormeceu ao pé dum silvado. Ao romper do dia estavam junto dele dois Capuchinhos que lhe disseram que ele teria, sem dúvida, sido arrastado pela corrente se houvesse tentado a travessia (90).

Carlos, o mais novo dos príncipes Odescalchi, ia a levantar o reposteiro para entrar numa sala reservada da Pinacoteca de Viena. Surge, porém, a impedir-lhe a entrada um jovem, todo refulgência. Apenas Carlos retrocedeu, sumiu-se a visão. Nem

tardou que o príncipe soubesse por um empregado da Biblioteca que naquela sala estava uma exposição de quadros obscenos (91).

O Anjo da Guarda faz-se o guia visível de S. Domingos para o reconduzir ao convento; indica, na mesma, o caminho bom a S. Filipe Benizi depois de lhe servir abundante e boa refeição; reanima os Santos Trifon e Respício, maltratados pelos verdugos na Betúnia; aparece múltiplas vezes a Santa Ludovina durante a longa e dolorosa doença, que a consumiu, levantando-lhe o ânimo e exortando-a à paciência e ao total abandono nas mãos de Deus (92).

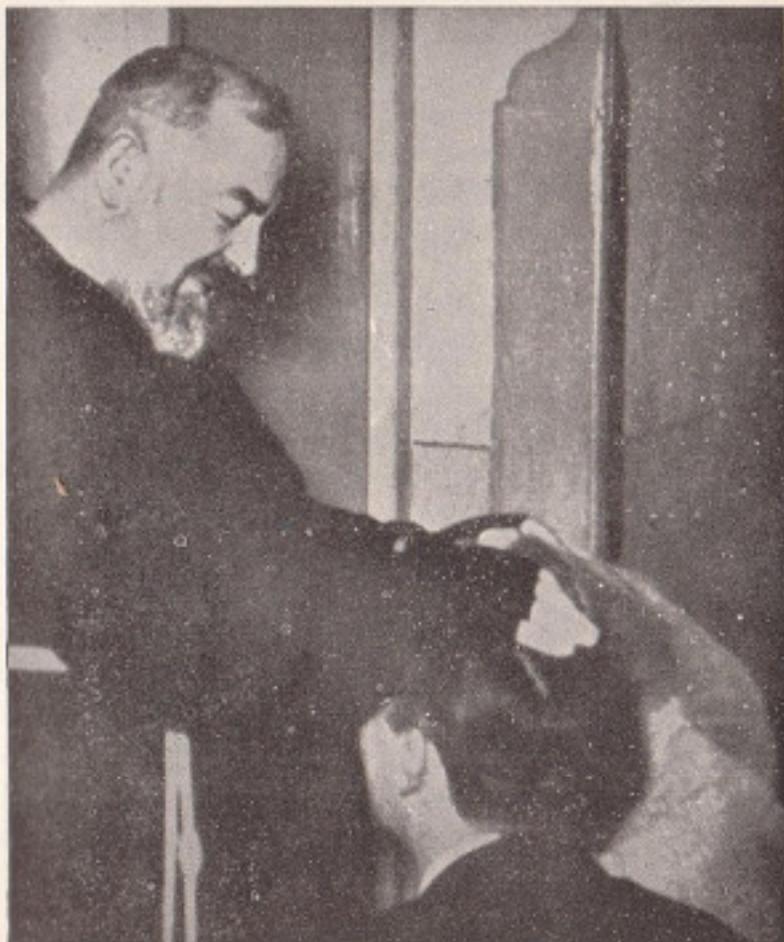
Citaremos apenas, sem mencionar factos, St.^a Rosa de Lima, St.^a Joana de Lestonnac, St.^a Ângela Merícia, Inês de Montepulciano, Catarina de Siena, Domingas di Paradiso, Colomba de Rieti, Lourença Lorini, Guilherme de Narbona, Gauthier de Estrasburgo, Nicola di Ravena e tantos outros Santos e Santas.

S. João Bosco todo se comprazia em falar do Anjo da Guarda aos seus rapazes: «Queridos filhos, sede bons para agradar ao vosso Anjo da Guarda. Nas aflições, em quaisquer desgraças, mesmo espirituais, recorrei a ele confiadamente e ele vos auxiliará».

Viera a esposa dum embaixador português falar a Dom Bosco. Durante o colóquio, não compreendera ela bem esta frase do Santo: «encomende-se ao Anjo da Guarda, e não se assustará com o que lhe vai acontecer». Bem depressa tudo se aclarou. Já de regresso a casa, a carruagem esbarrou inesperada-



A Capela vista de um dos caminhos característicos de Gargano



O Padre Pio abençoa paternalmente dois jovens esposos.

ORIGEM DA PUBLICAÇÃO DESTE LIVRO NA INTERNET
POR

<http://leiturascatolicas.blogspot.com/>

mente com um montão de pedregulhos e, com a violência do choque, despedaçou-se. Relembrando, então, num relance, a recomendação de S. João Bosco, a senhora acode ansiosa ao Anjo da Guarda. Saiu ileso do desastre mais a filha e a criada que a acompanhavam.

De modo semelhante escapou, sem a mais pequena arranhadela, um pedreiro caído do quarto andar dum prédio em construção. Na queda, em que perderam a vida dois companheiros de trabalho, o operário lembrou-se do Anjo da Guarda, sobre o qual ouvira Dom Bosco falar, e, aflito, clamara: «Meu bom Anjo, valei-me» (93).

Quem não terá ouvido falar da íntima e contínua familiaridade de Santa Gema Galgani com o seu celestial Amigo! Nem disso nos admiraremos se advertirmos que ela própria era um Anjo de simplicidade e candura, coração ardente desse amor insaciável de união com Deus e que predispunha para tão impressionante convívio com o Invisível. Pode-se afirmar que não há episódio na sua vida extraordinária em que não participe o Anjo da Guarda. Gema via-o, tocava-o, entretinha-se com ele como com um amigo; rezava com ele, discorria acerca de Deus, vislumbrando as maravilhas do Paraíso. O Anjo aparecia-lhe tanto de joelhos como suspenso no ar. Não havia súplica, pedido ou problema aos quais o bom Anjo não atendesse e desse solução. «Converter-se-á tal pecador?... Que responderei a tal pessoa que me pede conselho?... Terei resposta àquela carta sobre tal assunto?...».

O Padre Germano de St.º Estanislau, Passionista, director espiritual da Santa, escreve: «Frequentes vezes, ao perguntar-lhe eu se o Anjo da Guarda permanecia sempre no seu posto, ao lado dela, Gema voltava-se para ele com um à-vontade encantador e logo se quedava num êxtase de admiração todo o tempo que o fixava» (94). Segundo uma expressiva palavra da santa donzela, o Anjo *espiava-a sem* interrupção: «Ao deitar, pedia ela que lhe fizesse o sinal da Cruz na frente e que ficasse de vela à cabeceira; certa de que ele assim faria, voltava-se para o outro lado e adormecia» (95). Ao despertar, sentia indizível consolação vendo-o ali, junto dela. «Esta manhã, quando acordei, lá o tinha junto de mim» escreve ela ao P. Germano (96). Por vezes, tendo de se apressar para ir à Sagrada Comunhão à igreja, fingia amavelmente que o punha de lado dizendo-lhe: «Agora tenho cá outra ideia... vou visitar Jesus» (97).

Se precisasse de preparar por escrito a confissão, o seu inseparável companheiro, sempre pronto a ser-lhe útil, também nisso lhe prestava serviço; «Traz-me ao espirito as ideias, dita-me até algumas palavras, de forma que não sinto dificuldade em escrever» (98). Era tal o amor que Gema tinha ao Anjo da Guarda que um dia não se conteve e disse-lhe: «Ó meu bom Anjo, como eu vos amo!».

«E por quê?», perguntou ele.

«Porque me ensinai a ser humilde e conservais o meu coração em paz», respondeu (99).

Houve outra santa mulher que saboreou também a presença sensível dos Anjos; foi Edviges Carboni,

atrás citada e a quem chamam a *émula da Virgem de Luca*. Lê-se no seu *Diário*: «Minha mãe mandava-me às vezes fazer recados, à noite. Eu tinha medo de andar sòzinha sobretudo na ruas mais escuras. Mas, de repente, via o meu Anjo da Guarda e ele dizia-me: não tenhas medo, estou aqui para te fazer companhia. Se eu entrava na loja para comprar queijo, ele ficava lá fora; ao sair, voltava a acompanhar-me até casa, desaparecendo à porta. Eu sentia-me contentíssima pela companhia que ele me fizera» (100).

Estava um dia Edviges sòzinha, de cama e com febre. Sua irmã Paulina tinha ido à igreja comungar; de regresso, notou que a casa estava arrumada. Quem veio cá? perguntou com uma candura encantadora Edviges respondeu: «Foi um menino vestido de branco e que tudo arrumou bem depressa» (101).

Não podemos omitir um episódio da intervenção angélica na vida dos Santos; episódio cujo interesse aumenta pelo facto de se relacionar com S. Miguel Arcanjo, no seu Máximo Santuário.

Um grupo de seminaristas de Manfredónia subiu um dia ao Gargano, em peregrinação à Gruta de S. Miguel. Como chefe ia Frei Gerardo Maiella que, para melhor honrar o Arcanjo, decidira fazer o caminho todo a pé. Chegados ao Santuário, entretiveram-se longamente orando com fervoroso recolhimento. Depois, acudiram ao chefe pedindo que lhes procurasse qualquer coisa para enganarem a fome. Gerardo, porém, nem os via nem os sentia! De olhos no Céu, permanecia absorto em Deus... Insistiram a chamar por ele; mas ele conservava-se

mudo e imóvel. Impressionados, começam os seminaristas a recear que tivesse dado qualquer coisa grave ao Irmão. Por isso aproximam-se mais dele, sacodem-no, erguem-no. Tudo inútil. Por fim, Gerardo sorri-se e, advertindo no que sucedera, tranquiliza os companheiros: «não é nada, não é nada!... Vamos comer alguma coisa», e leva-os para uma estalagem, onde cearam, pagando com dinheiro de proveniência misteriosa.

Na manhã seguinte, após o primeiro repasto, voltam ao Santuário a fazer as suas devoções e, de lá, regressam ao Albergue. Entretanto Gerardo assentara-se uns segundos, ao mesmo tempo que os seminaristas se preocupavam com o almoço, pois desta vez iam-se convencendo que ficariam sem ele. Nem valia a pena consumirem-se, visto que o dinheiro se acabara. Bem no afirmava, lá dum canto, Frei Ricardo, mostrando as míseras quatro moedas que haviam sobrado da véspera.

Mas eis que surge Frei Gerardo: «Vamos para a mesa», lhes diz. E, tirando do bolso vinte e quatro moedas, entrega-as a Frei Ângelo para que vá comprar o pão. Entreolharam-se alegres, mas admiradíssimos!

«Ó gente de fé remissa!» continua o piedoso Irmão, «então é assim que se obedece?! Vamos para a mesa!» E o certo é que a mesa estava posta com peixe (era dia de abstinência), peixe raro e de várias espécies! Os jovens mal podiam crer no que os olhos viam... Até que Frei Ângelo, já de regresso, e enquanto Frei Gerardo se mantinha algum tanto des-

viado, lhes explicou o mistério, contando como pouco antes surpreendera Frei Gerardo a rezar no altar de São Miguel. Enquanto rezava abeirou-se uma pessoa desconhecida e entregou-lhe um maço de moedas!

Quem seria essa pessoa? Um Anjo?... Um homem?... Não sabemos; estamos, porém, convencidos de que, Anjo ou homem, fora enviado pela Providência por intercessão do Santo Arcanjo. 102).

Já agora digamos alguma coisa desse santo sacerdote de La Courneuve, nos arredores de Paris, o Padre Lamy. O seu biógrafo dedica um capítulo inteiro à intimidade que ele mantinha com os Santos Anjos (103). Testemunhas fidedignas asseveram ter ouvido a voz desses espíritos celestes com os quais o Padre Lamy se habituara a conversar. O conde Paulo Biver, seu biógrafo, conta o surpreendente episódio.

Tendo-se ele, conde, hospedado uma noite em casa do Padre Lamy, intrigou-o, logo após se ter deitado, uma animada conversa no contíguo quarto do Padre. Eram dez horas e o hóspede notara, ao dar as boas noites ao reverendo amigo, que não estava lá mais ninguém. Entretanto o conde vai reparando que o Padre Lamy fala de onde em onde, respondendo a um interlocutor cuja voz era nítida, quente, de timbre viril e agradável, exprimindo-se autoritária sem altos nem baixos. Percebiam-se algumas sílabas, sem, contudo, distinguir palavras. Um terceiro interlocutor tinha a voz mais sumida e menos agradável, embora normal, falava menos e sem ênfase. Falava em francês, tendo uma das vozes o acento regional e arrastando o Padre os «aa» e certas sílabas. Ao fim

duns sete minutos tudo voltou ao silêncio. Sob um pretexto qualquer, Biver decidiu-se a entrar no quarto do Padre Lamy; encontrou-o só, como o deixara, virado para a parede e de joelhos diante duma estampa do Menino Jesus. No dia seguinte, logo de manhã, puxando à conversa aquelas vozes da véspera, o Conde atreveu-se a perguntar: «Eram os Santos Anjos?». Sorridente, o Padre Lamy respondeu: «É natural; de noite são eles a minha consolação» e explicou: «as vozes eram do Arcanjo S. Gabriel e do meu Anjo da Guarda. Para mim a tonalidade de ambos é a mesma; essa diferença, que notastes, deve-se com certeza ao facto de eles quererem fazer-se ouvir por vós e, também, julgo eu, à distância diversa a que se encontravam. Quando o Santo Arcanjo fala confidencialmente, é em tom baixo. Em todo o caso não diga nada sobre o sucedido, antes de eu morrer».

Um dia esteve quase a ser atropelado por um ciclista; foi salvo milagrosamente pelo Arcanjo S. Gabriel. É o padre quem conta: «Nossa Senhora tinha dito a S. Gabriel:» guardai-o, porque ele vai precisar de vós. E assim foi, de facto. Saira eu da igreja de Nossa Senhora dos Bosques, quase ao sol-posto, e os raios do sol, muito inclinados, molestavam-me os olhos. Por isso ia caminhando com a cabeça muito baixa para que a luz não me ofuscasse, tanto mais que nessa altura eu já via muito pouco. De repente surge um ciclista e tão perto de mim que era inevitável o atropelamento. Nada aconteceu, porém. Muito delicadamente o Arcanjo agarra na bicicleta pelas duas rodas e põe-na, mais ao ciclista,

sobre a erva da berma da estrada. Para os Anjos o peso não se conta! Boquiaberto, o ciclista olha para o Anjo e para mim... Que vontade de rir que eu tive ao ver a cara de pasmo do pobre homem! Tirei o chapéu para saudar o Arcanjo e ia a afastar-me quando outro ciclista se aproxima a toda a velocidade. O primeiro, quase lougo, grita-lhe: «Cuidado! Olha que são dois!». Suponho que se referia ao Arcanjo e a mim. Mas o segundo ciclista, que nada compreendera, retrocou: «Nada, não são!». A distância a que então estaria o ciclista era a da largura da sala, onde o Padre Lamy contava o sucedido, rematando assim: «A Santíssima Virgem teve a bondade de me pôr sob a protecção do Arcanjo São Gabriel, confiando-me à sua Guarda» (104).

A vida do Padre Lamy é um aranzel de factos deste género.

Em conclusão: devemos confessar que nada nos supreende semelhante familiaridade com os Santos Anjos. Aliás está escrito: Bem-aventurados os de coração puro, porque verão a Deus» (105).

NAS APARIÇÕES

Os místicos distinguem três espécies de visões: *intelectuais, imaginárias e corporais*. As primeiras pertencem aquelas cujo objecto — Cristo, a Virgem, um Anjo, um Santo ou a alma dum defunto — é percebido pela inteligência sem intermédio dos sentidos internos ou externos (a imaginação, os olhos...). Neste caso nada se vê «mas a alma... *concebe* claramente qual seja o objecto que se oferece» (106).

Mais nítidas e mais subtis que as outras, estas visões mantêm-se mesmo que se fechem os olhos; imprimem-se vivamente na memória durante longo tempo e suscitam na alma a paz, a luz, um regozijo celestial, suavidade, pureza, amor, tendência e elevação do espírito para Deus» (107).

As visões imaginárias são diferentes: menos nobres que as intelectuais, produzem-se por via de imaginação quer no estado de vigília quer no de sono; a sua apreensão não é imediata nem perfeita (como nas intelectuais) e tanto podem ser produzidas por um bom como por um mau espírito (108). Enfim chamam-se corporais as visões cujo objecto, invisível por natureza, é atingido exteriormente pelos olhos sob uma forma material sensível. Neste caso as vi-

sões corpóreas tomam o nome mais preciso e apropriado de *aparições*. A estas últimas pertencem os exemplos expostos nas páginas precedentes e, tal qual as visões imaginárias, podem ser provocadas pelos espíritos maus.

Habitualmente, ao estabelecerem contacto com os homens, os Anjos tomam forma humana, sem, todavia, deixar de transparecer na matéria — se ela aparente ou fugazmente real — a excelência da natureza celeste. Por isso mesmo aparecem com aspecto juvenil, envoltos em luz, com fisionomia maravilhosa, irradiando vigor e energia excepcionais. No livro de *Tobias* (5,5) o Arcanjo Rafael surge como se fora um «jovem esplêndido»; S. João (20,21) fala dos «Anjos de vestes brancas»; em *S. Lucas* e *S. Mateus* apresentam-se com «aspecto fulgurante e roupagens alvas como a neve»; nos *Actos dos Apóstolos* (1,10-1,30-12,7) mostram-se com «vestes brancas esplendorosas». E assim, na Sagrada Escritura e nas Vidas dos Santos, a luz deslumbrante e a extraordinária brancura das roupas são os sinais distintivos que se encontram sempre aliados à juventude e à beleza.

Santa Francisca Romana via o Anjo da Guarda sob a figura de um menino de nove anos, de olhos e rosto erguidos ao Céu, mãos cruzadas sobre o peito e o cabelo descaindo sobre os ombros em caracóis doirados. Trazia um vestido de cor nívea e, por cima, uma tunicazinha de um branco ainda mais nítido estriado de azul cerúleo ou, por vezes, de púrpura. A túnica descia até aos calcanhares deixando a des-

coberto os pèzinhos descalços, cujo brilho não desmerecia nada mesmo ao pisar a lama dos caminhos (109).

O Anjo da Guarda de St.^a Joana da Cruz tinha asas, era mais fulgurante do que o sol e de beleza divinal. Os vestidos eram extremamente alvos e trazia uma coroa na cabeça, o sinal da Cruz na fronte, inscrições simbólicas e toda a espécie de imagens da Paixão por todo ele (110).

Santa Teresa de Ávila deixou-nos a seguinte descrição do Anjo, que lhe transverberou o coração com um dardo ardente (111): «Era pequenino, lindíssimo, de rosto tão inflamado que parecia um dos Anjos mais sublimemente consumidos de amor. Creio bem que seria um dos chamados Querubins».

O Padre Germano tinha por costume enviar o próprio Anjo da Guarda à cidade de Luca saudar Santa Gema e entreter-se com ela. Sempre dócil, o mensageiro celeste aparecia à Santa com uma estrela brilhante sobre a cabeça.

Por seu lado, o Padre Lamy fez-nos dos Anjos uma descrição minuciosa e muito peculiar, sem equivalente na história das aparições. «O meu Anjo da Guarda tem a cabeça bastante redonda, rosto muito formoso, cabelos pretos e ondulados. O Arcanjo São Gabriel sobressai pela cabeça aos demais Anjos; é por este pormenor que eu reconheço um espírito de categoria superior. Uma das coisas belas que eles ostentam são umas placas de ouro, de forma irregular, dispostas em mosaico a revestir-lhes a parte superior do corpo com refulgência vária e sucessiva,

numa espécie de vaivem luminoso. É Deus que lhes vem todo o brilho. Os Anjos trazem auréolas de luz; trajam túnica até aos joelhos, de meia manga, por cima de um como saial que desce até baixo e é de cor branca, suavíssima, muito distinta do nosso branco e difícil de descrever (112).

O assombro, a alegria, a admiração e o deslumbramento são as sensações espontaneamente suscitadas pelas aparições descritas.

Depois de narrar como Jesus baixa ao altar no momento da Consagração da Hóstia «cercado de incalculáveis legiões de Anjos cintilantes de luz», a Beata Ângela de Foligno continua: «eu pasmava da alegria sentida com tal visão, acostumada como estava a fruir tal alegria apenas quando via Jesus» (113).

Já vimos como Santa Gema Galgani caía em êxtase sempre que fitava o seu celeste Companheiro. «Que belo que ele é!», exclamava.

«Que lindo que é o meu Anjo da Guarda!», dizia igualmente Maria de Santa Cecília de Roma (falecida em 1929) (114).

Mas voltemos a ouvir o Padre Lamy: «Ao contemplar meio cento de Anjos ficamos maravilhados; nem já sequer nos acode a ideia de rezar! Aquelas placas de ouro, lucilando sem descanso, afiguram-se-nos outros tantos sois! Que empolgante espectáculo será, no Céu, assistir ao vôo de milhões de Anjos!» (115).

O pasmo, como acima dissemos, a alegria, a admiração e o deslumbramento são a consequência natural das aparições; o que não quer dizer, cla-

ro, que sejam impressões imediatas. Regra geral, são precedidas dum fugaz sentimento de perturbação e até de terror. «Ao passar junto de mim algum espírito, eriçavam-se-me os cabelos», dizia o Profeta Job (116). E Daniel «caiu assombrado com o rosto no chão» quando o Arcanjo lhe anunciou a libertação de Israel (117).

«Ave, ó cheia de graça, o Senhor está convosco. Sois bendita entre as mulheres!» (118). Tais foram as palavras do Arcanjo Gabriel ao aparecer à futura Mãe de Deus. Ora diz S. Lucas que a Virgem «se perturbou». Não afirma que «se perturbou» devido à visão, mas sim pela saudação que a declarava «cheia de graça». Por conseguinte a perturbação foi a reacção espontânea da sua humildade, nem poderia ter origem na presença de Gabriel, um dos espíritos celestes, porquanto a Virgem tinha sido eleita Rainha deles desde a Eternidade e a todos excedia em grandeza e perfeição. De nenhum outro modo se explicaria — julgo eu — a serenidade de Maria em face da aparição. O evangelista São Lucas atribui claramente aquela perturbação à saudação angélica. Esta passagem evangélica é sintomática, isto é, parece certificar a presença do Espírito Santo guiando o escritor sagrado na redacção do episódio da Anunciação.

Todavia, este facto constitui apenas um caso excepcional a favor da SS.^{ma} Virgem, mas que não ocorre com as outras criaturas.

Com efeito, e citando mais alguns exemplos, vamos encontrar outras pessoas tomadas de temor ante a aparição de Anjos. Recordemos os pastores

que vigiavam seus rebanhos nas cercanias de Belém, na noite de Natal: «e eis que um Anjo do Senhor lhes appareceu, envolvendo-os no seu clarão. E elles ficaram muito assustados» (119). Da mesma forma aquellas Santas Mulheres que foram ao sepulcro de Jesus ressuscitado (120), bem como numerosos e idénticos acontecimentos com muitos Santos e Santas. Baste-nos um exemplo: «Tive a visita do meu Anjo da Guarda», escreve Santa Gema ao Padre Germano. «Ao vê-lo, perturbei-me um pouco e até senti medo» (121).

Segundo afirmam os místicos, tal perturbação é um bom índice, pois nos faculta ajuizar da proveniência destas visões que, dissemo-lo atrás, podem ser causadas por bons ou por maus espíritos. «Nem disso nos devemos admirar, visto que Satã se transfigura também em anjo de luz» (122). Por tal motivo é que S. João nos põe de sobreaviso: «Caros irmãos, não deis crédito a quaisquer espíritos; mas provai-os para saber se são de Deus» (123). E como sabemos se um espírito é de Deus? Quais são os restantes sinais, além da perturbação mencionada, que permitam ajuizar da categoria duma aparição?

Responderemos com as próprias palavras de Jesus a Santa Catarina de Sena: «Seria fácil iluminar-te a alma com uma inspiração que te facilitasse o distinguir uma visão de outra. Mas, para bem teu e dos mais, quero ensinar-te que é exacto o que dizem os Doutores, por mim instruídos. Quando appareço a alguém, de começo ficam assustados; pouco a pouco vão serenando e o amargor inicial vai-se dulcificando.

Dá-se precisamente o contrário quando é o inimigo que apparece. Tem-se a impressão inicial de sentir certo prazer; parece quase verosímil e atrai. No entanto, logo gera na alma de quem o vê uma sensação de pesar e de náusea. Quero ainda dar-te um sinal infalível e certo. Visto que sou eu a Verdade, tem como certo que toda a alma deve tirar das minhas aparições um maior conhecimento da Verdade. O conhecimento da verdade acerca de mim e da alma é indispensável a esta última. Com efeito, a alma deve conhecer-me e conhecer-se; conhecendo-me e conhecendo-se, a alma despreza-se e honra-me, pois isto nasce espontâneo da humildade. Por conseguinte é preciso que, por força das minhas aparições, a alma se torne mais humilde e que, simultaneamente, reconheça o seu nada e se despreze. Dá-se o contrário nas aparições do inimigo. Como elle é o pai da mentira, o rei dos orgulhosos, que jamais poderá dar o que não tem, faz nascer na alma, como consequência das suas aparições, uma certa estima de si-própria, uma presunção peculiar ao orgulho, ficando assim a alma inchada e cheia de vento» (124).

Todavia, muito embora haja normas para distinguir um Anjo dum Demónio, as visões — corporais ou imaginárias — nem por isso deixam de constituir um perigo. Daí o estarem os místicos de acordo quando afirmam: 1.º — a necessidade de expor essas visões ao director espiritual (quer o Senhor que se tenha em grande apreço a direcção do Sacerdote, em cujos lábios põe as palavras oportunas); 2.º — que não se devem desajar tais visões e se devem

aceitar com certa indiferença e premunindo-se contra as fraudes eventuais do demónio, utilizando meios adequados como o uso da água benta, o sinal da Cruz, a invocação dos nomes de Jesus e de Maria.

Todas as vezes que lhe aparecia o próprio Anjo da Guarda ou o do Padre Germano, Santa Gema tinha por hábito, para se assegurar da sua identidade, obrigá-lo a repetir a saudação: «Viva Jesus! Benditos sejam os nomes de Jesus e de Maria». Quando a aparição respondia apenas: «Viva», «Benditos», então A Santa repelia-a enèrgicamente, sem a mínima hesitação, bem convicta de que se tratava de aparições diabólicas. Um dia, aparecendo-lhe o seu Anjo, Gema fez-lhe esta ameaça: «Se vens da parte do diabo, olha, escarro-te no rosto» (125). E um dia escarrou a valer! Eis o que aconteceu: «O Anjo não se moveu e no local em que Gema escarrou, aos pés do Anjo, nasceu uma rosa branca em cujas pétalas se lia, escrito em letras de ouro: «Tudo se aceita do Amor» (126).

È IMPRESCINDIVEL O AUXILIO ANGÉLICO

Na impossibilidade de realizar o projecto insensato de se igualar a Deus, Satã procurou e procura sempre parodiar as acções divinas. Concede Deus aos Anjos que possam proporcionar júbilo aos homens, aparecendo-lhes belos e esplendorosos... Pois logo o diabo se esforça por macaquear a luz, a graça e as palavras dos seus antigos irmãos. Em toda a parte e em tudo o que lhe é possível copia a Deus. Destina o Senhor Anjos para a guarda dum continente, duma nação, duma cidade, duma comunidade ou dum homem? Imediatamente se esforça o espírito mau por fazer o mesmo. Tal procedimento deriva não só da ânsia desenfreada e tenaz de a Deus se assemelhar mas outrossim, e sobretudo, do desejo de prejudicar a Humanidade. E por que permitirá Deus tudo isso? Por que lhe consentirá que tente os homens com risco de os ver precipitados no inferno e associados ao seu eterno e maldito destino? A tentação diabólica é a justa e inevitável herança do pecado original ou, antes, da primeira complacência na primeira satânica sedução. E isso é tão flagrante realidade que a Sagrada Escritura e, em especial, o Novo Testamento dela fornecem testemunhos ainda mais numerosos que os testemunhos relativos aos Anjos bons.

Giovanni Papini publicou um livro sobre a objectiva, palpitante e terrível realidade do Diabo; e, não obstante algumas opiniões pessoais nada conformes com a ortodoxia, esse livro encerra páginas muito para meditar.

Os *espíritos fortes* sorriem e escandalizam-se ao ouvir o nome do príncipe das trevas. Para eles o Diabo é simplesmente «o princípio negativo oposto ao chamamento ao bem e à verdade»; não passa duma inofensiva invenção para espantar os fracos de espírito, fazer esbogarhar os olhos das crianças e causar calafrios nos *carolas*.

Mas o certo é que tais pessoas são os melhores e mais eficazes aliados do demónio, segundo aquela palavra do poeta Baudelaire: «A mais acertada astúcia do diabo é exactamente o querer persuadir-nos de que não existe». Com efeito, explica por seu turno o demoníaco André Gide: «não podemos servir a Deus se não cremos n'Ele; ao passo que não é preciso acreditar no diabo para o servir. Por isso nunca se lhe presta melhor serviço do que quando o desconhecemos».

São Paulo numa das suas cartas faz-nos esta advertência: «Devemos combater os poderes das trevas, os espíritos maus que vagueiam por esses ares» (127). E S. Pedro também nos previne: «Irmãos, sede sóbrios e vigilantes porque o vosso adversário, o diabo, anda ao redor de vós, como leão rugindo, em busca de alguém para devorar» (128). Encontra-se por toda a parte, nos lugares e nas circunstâncias mais imprevisas; tudo contamina com

sua nefasta influência que, — segundo palavras de Sertillanges (129) — «se infiltra como gás deletério que insensivelmente vamos absorvendo»; para tanto basta que se insinue na corrente das nossas inclinações ou no sorriso que nos seduz».

«Sabe o inimigo à maravilha — insiste S. Leão (130) — a quem deve inflamar com a cobiça; onde instilar o veneno da inveja; quem deva atrair pela gula, a quem excitar com a luxúria. Conhece quais os que cedem à perturbação da tristeza, os que se enredam na sedução da alegria e os que se rendem perante maravilhas. Estuda as inclinações e os afectos de cada qual; descobre as apreensões e acha meios de se tornar nocivo naquilo em que o homem mais fraco é». Oíçamos agora St.º Agostinho (131): «No alimento esconde o demónio o anzol da gula; no trabalho o da preguiça; na correcção o do ímpeto da cólera; no mando o do orgulho. Desperta na alma os maus pensamentos, põe nos lábios palavras más, arrasta os membros a acções iníquas. Se estamos acordados, incita-nos ao mal; durante o sono infesta-nos a imaginação com sonhos vergonhosos... Em suma, todos os males que se praticam no mundo derivam da sua ruindade.

Certos quadros, esculturas e obras literárias ressumam horrores, frivolidade, impudicícia ou estão subtilmente impregnados de erros; só lhes falta a rubrica «Satanás». Onde é que o diabo se não mete? Que ocasiões deixa ele de aproveitar para pôr em acção a sua malignidade? Um dia, evocando os perigos de certos espectáculos públicos, o Padre Pio alu-

diu a determinada representação teatral religiosa, à qual assistira; lembrou uma cena em si inocente, mas onde, não obstante, o *mafarrico* tivera habilitade de deitar o seu grão de pimenta. «Quem tal suspeitaria! comentava o religioso; e, no entanto, lá estava a pègada da sua pata invisível». O Padre Pio não é homem que se ria do diabo, como os espíritos fortes; muito pelo contrário ri-se do sorriso desses tais, com profunda pena e enorme comiseração. E para que não vamos julgar que o fez sem razão, ponderemos os factos seguintes. O saudoso Padre Fernando de S. Marcos in Lamis contava este impressionante episódio. Antes de fixar residência em S. Giovanni Rotondo, o Padre Pio residia em Foggia, no Convento de Santa Ana. Um dia, à hora do almoço, o Padre Fernando perguntou-lhe se descia ao refeitório. Sentindo-se doente e esgotado como de costume (132), o Padre Pio declinou o convite, preferindo ficar na cela, recostado no catre. O Padre Fernando saíu e, mal tinha descido alguns degraus, estacou, surpreendido por um ruído que vinha da cela do Padre Pio. Subiu de novo e entrou precipitadamente no quarto, indo encontrar o religioso irreconhecível: cabelos e barba em desalinho, ofegante, lívido e a tremer; a cama estava desfeita e, no chão, uma cadeira tombada e uma vassoura partida. O Padre Pio tivera um terrível combate com o demónio!

Estando o Padre Pio convalescente em Pietrelcina, na sua terra natal, apareceu-lhe o diabo com o aspecto do seu director espiritual (133) aconselhando-o a abandonar o hábito, insinuando a ideia de que

o estado monástico não era bom para ele e mostrando-se penalizado pelo seu estado de saúde, provocado pela presunção de querer seguir as pisadas de S. Francisco.

De outra vez rezava o Offício Divino à sombra dum carvalho, na propriedade de seus pais; de repente vê junto de si uma serpente descomunal. O Padre Pio solta um grito de terror. Mercúrio Scocca trabalhava na quinta vizinha e logo acudiu com uma forquilha; mas nem rasto viu da serpente.

Numa hospedaria de Nápoles, um demónio agarra-lhe pelo braço, maltrata-o, fá-lo rodopiar no quarto como se fora um argueiro de palha e atira-o ao chão, provocando-lhe uma dolorosa contusão no braço (134). Ainda em Pietrelcina, uns vultos mal definidos recebem-no com troças todas as vezes que entra em casa ao entardecer, na rua Storto Valla, enquanto a família não regressa do campo: «Olha, olha o santo que recolhe a casa!» (135).

Sob a forma de máscaras trocistas, assenhoreiam-se-lhe da cama, insultando-o, dizem-lhe frases canalhas e palavras de gíria suja, saltam sobre ele, espancam-no, atiram-no contra a parede. Tudo são urros, barulho de cadeiras a cair, bofetões e socos, móveis violentamente arremessados... Os vizinhos, ignorantes do que na realidade se passa, põem-se à escuta, no silêncio da noite, bem longe de poderem imaginar que é de facto ele, o «santo filho do *Papá Orazio*, que aguenta semelhante inferneira, sem o mínimo respeito pelo burel franciscano e pelo repouso nocturno da vizinhança.

Aqui, em San Giovanni Rotondo e no povoado de St.^a Maria das Graças (construído em redor do Convento para residência de estrangeiros desejosos de viver perto do Padre Pio), só aqui haverá mais demónios do que numa cidade inteira. Compreende-se. Lá diz S. Crisóstomo (136) que o pirata não se preocupa com barcos vazios, mas sim com os abarrotados de tesouros. Se quiséssemos calcular o joio que o diabo semeia neste cantinho do céu, entre as pessoas generosas que se dedicam a fazer bem, à oração e à prática da virtude; se quiséssemos dizer quanto se esforça por perturbar-lhes a paz, teríamos de escrever um capítulo bem longo. Basta pensar que é com frequência que, devido a essas instigações diabólicas, se é tentado a fugir deste povoado de St.^a Maria como dum lugar de suplício; e, em muitas dessas ocorrências, o Padre Pio teve de chamar alguém à realidade perguntando: «Então! Queres fazer a vontade ao diabo?!» Este falar não é simples palavreado, uma espécie de brincadeira; não, as alusões do Padre Pio aos diabos que infestam o bairro são, por vezes, ainda mais claras e sem equívocos: «Preparai-vos para a luta», dizia ele um dia às Religiosas, que vinham fixar-se em St.^a Maria, «aqui reside o estado maior dos diabos».

Positivamente a existência do Espírito do Mal é uma realidade. Todavia, e para felicidade nossa, quis a Misericórdia do Senhor que fôssemos defendidos contra o Maligno por um Espírito amigo, cheio de solicitude, que «se exilou espontaneamente na Terra por nosso amor», conforme a expressão de

Chateaubriand. Se tal é a razão principal do destino dos Santos Anjos ao nosso lado, não há dúvida de que eles nos hão-de salvaguardar das «sombras da morte» (137) contrafazendo e neutralizando a sua maléfica influência. No entanto, a eficácia da protecção angélica depende de nós, da nossa livre escolha, segundo aquilo do Senhor: «Eis que eu te enviei o meu Anjo para que ele te introduza na terra que para ti preparei... Se escutares a sua vontade e fizeres quanto te diga, serei o inimigo dos teus inimigos e perseguirei os que te persigam» (138). Ora escutar a voz do anjo significa seguir as palavras interiores que ele sugere ao nosso coração, significa aceitar os avisos e conselhos, as luzes e inspirações, o apêlo à observância dos Mandamentos de Deus e da Igreja, pois é com tudo isto que ele nos vai acompanhando nesta peregrinação da vida em demanda da Pátria Celeste, que por Deus nos foi preparada.

«Ao lado de cada homem há dois Anjos: o da justiça e o da iniquidade. O primeiro é meigo e modesto, benévolo e jovial; ao acercar-se do nosso coração fala-nos sempre da justiça, da caridade, da temperança, da bondade e da beleza de toda a virtude. Portanto se em nós surgirem tais sentimentos é sinal de que o Anjo Bom está connosco» (130). Se, porém, brotam na alma sentimentos opostos: a melancolia, o desânimo, o tédio, a antipatia, a náusea, pensamentos e impulsos contrários à pureza e à caridade, repugnância em receber os Sacramentos da Confissão e da Comunhão, em rezar, em cumprir qualquer obra virtuosa e meritória..., nesse caso estejamos certos

de que é o anjo da iniquidade que está junto de de nós.

Em tal conjuntura só nos resta voltarmo-nos de novo, decidida e confiadamente, para o nosso Anjo da Guarda, como Tobias o Moço se voltou para o Arcanjo Rafael ao ver-se assaltado pelo monstro marinho: «Senhor, ele quer matar-me!» (140). Em tais circunstâncias imitemos St.^a Francisca Romana olhando para o nosso angélico guardião, para que ele, com o simples brilho da sua cabeleira refulgente, fulmine e ponha em fuga o inimigo da nossa alma.

Enriquecido por Deus com a liberdade, o homem tem de merecer a recompensa eterna mediante a sua boa vontade. Por esse motivo não pode o Anjo da Guarda exercer sobre o homem outra influência que não seja o incitar-lhe a vontade à prática do bem. Colocado, pois, o homem entre o bom e mau Anjo e esforçando-se um e outro por atraí-lo às suas sugestões, é evidente que só do homem depende fazer triunfar um deles (141). O Anjo da Guarda talvez não intervenha por iniciativa própria senão quando o Anjo do mal ultrapasse os limites que a Justiça divina lhe impôs. Infere-se daqui ser necessário pedir o socorro do nosso bom Anjo, se queremos assegurar a eficácia da sua contínua assistência.

Nem podemos deixar de considerar aqui a grande importância da oração como exigência de meio necessário à salvação.

As palavras e a vida de Jesus foram um constante apêlo a esta verdade: «É preciso orar sempre e nunca se cansar de o fazer» (142). «Pedi e recebe-

reis, buscai e encontrareis, batei e abrir-se-vos-á. Porque o que pede recebe, o que procura encontra e a quem bate abre-se» (143). «Vigiai e orai para não cairdes em tentação» (144). A oração é a respiração da alma, conserva nela e fortalece a graça que é a vida da alma; «ela é a cidadela das almas piedosas, as delícias do Anjo Bom, o suplício do diabo» (145); é armadura que nos protege de todos os assaltos — a par do Sacramento da Comunhão — e contra a qual se despontam os dardos venenosos do Maligno.

O homem que reza é invulnerável; em nada o pode prejudicar o demónio. Quando uma pessoa reza, o Anjo Bom mete o seu escudo entre o tentado e o tentador e diz a este: «arreda! esta alma nada quer de ti, respeita-lhe a vontade». E o diabo, mau grado seu, é forçado a render-se, porque ele nunca pode prevalecer ao Anjo Bom, mesmo na hipótese de este pertencer a uma jerarquia angélica inferior. Com efeito, reflecte S. Tomás: «Qualquer anjo inferior na ordem da natureza sobreleva aos demónios — ainda que superiores na mesma ordem natural, — porquanto a virtude da justiça divina, sobre a qual se firmam os Anjos Bons, é superior à virtude natural dos Anjos maus» (146).

Em contraste flagrante o homem que não ora é um fraco, predisposto a todas as quedas; é lutador sem armas, que há-de sucumbir logo no primeiro combate e que, talvez, eternamente venha a chorar a sua louca temeridade. Deixa-se enredar nos laços do inimigo, feito boneco e joguete naquelas mãos infernais.

Por seu lado, em tais adjuntos, o Anjo da Guarda torna-se incapaz de prestar auxílio, pois a mesma lei da Justiça lho impede. Desta feita, é o Maligno que se interpõe entre ele e o desgraçado homem; é o Maligno que diz então: «Arreda! esta alma nada quer de ti, respeita a sua vontade».

«Vigiai e orai». Aqui está o segredo da nossa vitória sobre o mal, o penhor da nossa Salvação. Mesmo quando se consentiu nas seduções diabólicas fazendo do pecado um hábito; até quando o mal enraizou e nos identificámos com o vício; mesmo quando se perdeu toda a energia moral e se relaxou a vontade; mesmo então bastará um leve grito de invocação: «Ó meu bom Anjo, valei-me!» para que este acorra sem demora e para que logo afrouxe a pressão infernal. «Quem ora, salva-se; quem não ora condena-se», diz St.º Afonso de Ligório no seu livro «Del gran mezzo della preghiera».

Jamais se frisarás bastantemente quanto erram os luteranos e os existencialistas modernos por um lado e, por outro, os humanistas de tendência pagã. Os primeiros favorecem o pessimismo recusando ao homem a possibilidade de praticar o bem, no uso da liberdade; os segundos, por optimismo exagerado — e que é fruto do orgulho — são levados a confiar em si próprios e nos recursos puramente humanos da inteligência e da vontade. Todavia o Senhor disse: «Eu sou a videira. Assim como a vide só por si não pode frutificar, mas necessita de estar unida à cepa, também convosco sucederá o mesmo, se não permanecerdes em mim..., porque sem mim nada conse-

uireis fazer» (147). «Sem mim» isto é sem a virtude sobrenatural da graça, que é a vida de Cristo em nós, sem os Sacramentos, sem a oração.

A inquietação, as discórdias, as injustiças, as falências, a que todos os dias assistimos, alteram as construções do pensamento, as actividades criadoras, as ideologias políticas e qualquer tentativa dirigida a estabelecer entendimento pacífico entre os povos; e tudo isto porque falta aos homens esse princípio de vida, que tem na oração — humilde confissão da nossa indigência — a expressão mais pura e mais sublime.

A Igreja repete-o sem cessar, mas os homens têm ouvidos que não ouvem. Fechados no seu egoísmo, escravos da sua insensata auto-suficiência, atribuem valor aos conselhos perversos de Satanás, favorecendo a sua hegemonia sobre a Terra. Em face de tudo isto é de absoluta necessidade solicitar o socorro dos Anjos Bons; temos de reconhecer e de confessar humildes a nossa insuficiência, de maneira que, assim, o demónio perca a sua posição preponderante no Mundo. Não é sem justos motivos que, todos os dias e em todas as igrejas da Cristandade, no final da celebração da Santa Missa, não é sem motivos justos que os fiéis invocam o Príncipe dos Anjos, São Miguel, pedindo o seu auxílio contra «Satanás e os outros espíritos malignos que vagueiam pelo mundo para perdição das almas». Temos de repeti-lo: a influência diabólica não é uma fábula. Enquanto não nos resolvermos a reflectir a sério sobre esta realidade; enquanto lhe não opusermos as armas celestes

mediante a oração — não tenhamos ilusões — a paz não reinará na Terra. Como o Doutor Angélico, S. Tomás de Aquino, temos de nos convencer que «o homem não pode realizar obras meritórias sem o socorro divino, que nos é dado por intermédio dos Anjos. Estes concorrem para todas as nossas acções boas» (148).

Mas os Anjos são como os Santos que todos os dias invocamos: dispõe cada qual de uma reserva peculiar de graças — se assim podemos exprimir-nos — e aguardam apenas o mais pequenino sinal para delas nos fazerem participantes. Vamos, pois, haurir nesse caudal reservado em todas as nossas necessidades, mediante a oração. A quantos males espirituais e materiais se poupariam os homens se soubessem utilizar este meio! É necessário «pedir, bater, buscar». Foi por isso que os Santos como um Dom Bosco e S. Francisco — para não citar outros — foi por isso que eles jamais se cansaram de expor aos fiéis os benefícios da veneração e invocação dos Santos Anjos. É por isso também que o Padre Pio — como vamos ver — exorta os seus filhos espirituais a recomendarem-se constantemente ao Anjo da Guarda.

XV

O AMOR QUE O ANJO NOS TEM

Surge, com frequência, uma dúvida acerca do Anjo da Guarda: será ele, verdadeiramente, nosso companheiro inseparável? Certos motivos, determinadas circunstâncias conseguirão separá-lo de nós? S. Basílio parece inclinar-se para a afirmativa. Conforme o grande Doutor, o pecado carnal é que provocaria o afastamento do Anjo da Guarda.

«Assim como o fumo afugenta as abelhas e do mesmo modo que um mau cheiro repele as pombas, assim também o pecado lastimoso e fétido (o da sensualidade) afasta o Anjo da nossa vida» (149).

Na minha opinião, porém, creio que não devemos tomar à letra esta frase de S. Basílio; apresenta-se assim com certo ar de paradoxo ao apontar por um lado a gravidade de tal pecado e, por outro lado, o nojo e a ofensa que representa para o puríssimo Anjo da Guarda.

Se houvéramos de interpretar a rigor as palavras de S. Basílio, deixaria de ter sentido o conceito de um Deus infinitamente misericordioso, adiando a morte do pecador no intuito de que se converta, disposto Ele, Deus, a perdoar «até setenta vezes sete» (150) e a abraçá-lo de novo «com ale-

gria» (151), se se converter. Igualmente nada significariam os méritos de Jesus Cristo e as obras reparadoras dos justos; ser-nos-ia tirada a possibilidade de reabilitação após a primeira falta; ficaria totalmente comprometida e sem remédio a salvação da Humanidade. Já vimos que o homem, só por si, nada pode nem para se libertar do mal nem para praticar o bem; em ambos os casos precisa de alguém que o ampare: esse alguém é o Anjo de Deus.

Outra razão para nos convenceremos da constante solicitude angélica temo-la no dever, imposto ao Anjo da Guarda, de velar pelo nosso procedimento. Ele observa cada acção, cada palavra, cada pensamento, o modo como cumprimos os nossos deveres, os arrazoados que nos acodem aos lábios, as vistas da nossa imaginação, os movimentos fugazes do nosso coração, tanto os dignos de louvor como os condenáveis. O aforismo: «cada qual é senhor do seu destino» significa exactamente o seguinte: o Anjo da Guarda preside ao nosso destino em conformidade com os altos e baixos do nosso proceder ou, por outras palavras idênticas, de harmonia com o uso que fazemos da nossa liberdade.

Considerado assim, sob este novo e duplo aspecto de testemunha e de executor da justiça divina, é evidente que o Anjo da Guarda deve acompanhar forçosamente sempre o homem por quem vela.

Por conseguinte não nos abandona um instante, está connosco em toda a parte, onde quer que paremos e moremos, despertos ou a dormir, sós ou acom-

panhados, na hora das lágrimas ou das alegrias, na prosperidade e na angústia, por sobre o mar como pelos montes, no comboio ou de avião, à entrada dum restaurante, dum museu ou dum bar, através das ruas tumultuosas da cidade ou pelos caminhos solitários e relvosos do campo...

Faz-nos sempre companhia, mais chegado a nós do que a própria sombra que nos deixa ao escurecer, mais próximo que o pensamento daqueles que nos amam: a mãe, a esposa, a filha, a noiva, os amigos... Disposto sem cessar a desviar-nos dos caminhos do mal, a evitar-nos encontros desagradáveis, a prevenir perigos para a alma e para o corpo, a exortar-nos à confiança e à entrega ao Senhor, bom e misericordioso, e à ternura maternal da Virgem Maria, quando nos vê na inquietação, no pesar, vítimas do infortúnio. Consola-nos e infunde-nos paz e alegria no coração; estende-nos a mão nas circunstâncias difíceis; abre-nos uma porta; organiza encontros e acontecimentos providenciais; socorre-nos com as suas luzes e as suas inesperadas inspirações.

Dom Césare Angelini escreve com delicadeza de poeta e emoção de crente (152): «Asseguro-vos que são raras as verdades da nossa Santa Religião que tanto prazer e alívio dêm como a da existência do Anjo da Guarda, verdade aliás tão humana. Isto de levarmos sempre ao lado um ser espiritual fazendo-nos companhia em todas as vicissitudes — na escuridão, no deserto, nas angustiosas desolações da alma — isto é para mim o dom mais escolhido de um Deus magnificamente artista... Por ventura já reflectistes

sobre os aspectos que o vosso Anjo pode apresentar, segundo as épocas e urgências da vossa vida? Imaginai-vos caminhando por uma rua solitária; inesperadamente uma pessoa — vinha não sabeis donde — surge e acompanha-vos em conversa familiar... Acaso não será essa pessoa o vosso Anjo da Guarda, sob a aparência humana, e que assim vos quer levar são e salvo para fora das incertezas das encruzilhadas, para longe das tentações dos caminhos, da noite e da solidão?

Um dia, ao cair da tarde, cheguei eu à portaria de uma velha abadia. Rezavam os monges Completas e ouvi o Padre Prior recitar a oração final — que é um verdadeiro hino aos Anjos: «Visitai, Senhor, esta morada e repeli dela todas as insídias do inimigo; que habitem nela os vossos Anjos e a guardem em paz». Pareceu-me, nesse instante, vislumbrar, para além destas palavras e do toque derradeiro do sino, pareceu-me vislumbrar uma legião de Anjos baixando do Céu e unindo-se em multidão a todas as famílias, numa última bênção concedida por Deus nesse dia. Uma vez sozinho no quarto que me destinaram, nu como cela monacal, senti desusado tremor de mistura com indizível alegria ao reflectir sobre a verdade de que tinha ali encerrado um Anjo de Deus, um anjo para mim só!

O crente goza desta consoladora e inestimável certeza: nunca está só! «Para os homens solitários há um Anjo da Guarda», dizia o P. Pio a pessoa das suas relações.

«O desespero frio» do abandono e da solidão,

quer em sociedade e nas cidades cheias de bulício e de corrupção, quer nos mares distantes ou nos desertos, esse desespero só o sentem aqueles que negam ou ignoram que o olhar de Deus paira sobre nós; só o sentem os que negam ou ignoram que, desde o alvor da nosa existência até ao seu declínio, cada qual de nós tem um Anjo do Céu como companheiro fiel e inseparável. Se o repelimos ele teima em nos seguir, ainda quando nós — cedendo aos conselhos do inimigo comum — nos deixamos cair no abismo pela senda fácil, larga e florida do mal. Multiplica os desvelos numa ansiedade nervosa de verdadeiro irmão. E, na impossibilidade de nos libertar dos enredos demoníacos, esforça-se por conseguir seus intentos mediante a oração, as obras reparadoras de almas boas e o estímulo dos remorsos, que faz surgir na consciência com as suas severas admoestações.

Numa aparição a St.^a Margarida de Cortona e falando-lhe da sua misericórdia para com os pecadores, Jesus disse-lhe: «Mando até os meus Anjos para que lhes assistam e eles, com frequentes impulsos, incitam-nos a abandonar e a aborrecer o pecado». Então os Espíritos puros permaneceriam junto dos pecadores impuros? perguntava a si mesma a Santa, numa espécie de hesitação. Jesus dissipou-lhe totalmente a dúvida com uma resposta afirmativa (153).

Lembrai-vos — diz o Padre Pio — lembrai-vos que Deus está em nós se estamos em estado de Graça e fora de nós se estamos em pecado grave; mas o seu Anjo nunca nos abandona... É o nosso Amigo mais sincero e mais seguro, mesmo quando temos a des-

graça de o entristecer com o nosso mau procedimento».

Estas impressionantes palavras do Padre foram-me ditas uma tarde, ao sair do confessionário, num período da minha vida em que o meu querido Anjo de Deus começava a ser o objecto constante dos meus pensamentos, em consequência de certos factos e experiências, de que falarei mais tarde. E o Padre ajuntou: «Oh! se pudéramos imaginar a amargura do Anjo quando nos vê à mercê do inimigo!». O Padre Pio pusera-se a falar do Anjo do Senhor sem que eu nada lhe houvesse dito do meu plano secreto de escrever um livro sobre os nossos Anjos Celestiais. Enquanto falava, a fisionomia do Padre era a um tempo terna e triste e a voz quase que lhe tremia. Fiquei emocionado e em tudo vi a aprovação da minha ideia e uma vez mais compreendi a extrema delicadeza, a profunda humildade, a dedicação e o grande amor que nos têm os Anjos da Guarda.

Os Anjos amam-nos como sabem amar criaturas celestes abrasadas na caridade divina e que são a imagem mais perfeita do Deus de amor. Amam-nos com pureza, simplicidade e desinteresse. Que poderiam eles esperar de nós? Em que cálculos terrenos iriam eles fundamentar a sua bondade para conosco? Que ambição os moveria? Ah! sim, a ambição de nos verem um dia felizes com eles e como eles na Eternidade! E porque é que nos amam? Muito simplesmente porque Deus nos ama; porque brotamos do mesmo pensamento criador; porque vêem que somos fracos e desprotegidos — embora destinados a preencher os

lugares vagos dos Anjos prevaricadores; enfim, porque, ocupando eles o último escalão entre os Anjos, vivem em contacto imediato com o homem e até, segundo chega a defender um Doutor da Igreja, porque têm com o homem qualquer semelhança.

Há entre o homem e o seu Anjo da Guarda uma afinidade que os aproxima e lhes facilita o convívio. Alguém chegou a dizer: «creio que os puros espíritos devem ter um temperamento igual ao da alma que lhes é confiada, bem como as mesmas boas inclinações» (154). Seja como for, as atenções, a solicitude e o amor destes seres celestes ultrapassam os das mães mais ternas. «Quem se interessará mais por nós, depois de Deus e da Virgem?», pergunta um piedoso Autor. E logo responde: «Os nossos Anjos da Guarda».

**ORIGEM DA PUBLICAÇÃO DESTE LIVRO NA
INTERNET POR**

<http://leiturascatolicas.blogspot.com/>

MOTIVOS DA SUA ALEGRIA

Se, para cada criança que nasce, destina Deus um Anjo próprio, não deve ter-se na conta de fantasiosa a afirmação de que uma parcela do Céu, mais um santo de entre as multidões do Paraíso desce, em silêncio, à nossa casa e vem unir-se aos outros, que o precederam. Se eles eram nove — suponhamos —, tantos quantos os componentes da família, não devemos temer o riso escarninho dos estultos, ao afirmarmos a sublime e providencial realidade de um décimo Anjo, enviado para guardar o décimo elemento familiar.

Sim, a prole é um sinal manifesto da Bondade de Deus, uma bênção do Senhor; mas não o é menos o Companheiro de luz e de pureza destacado para guardião de cada criança. E tanto mais uma família é objecto da benevolência e dos favores do Altíssimo quanto mais numerosos são os Anjos custódios dos seus membros.

Muitos de nós deveríamos corar por, até hoje, não termos reflectido bastante sobre esta realidade tamanha. E, se nos foi concedido render graças a Deus por mais um filho nascido, não devemos ser

menos gratos pelo novo hóspede invisível, que vem santificar o nosso lar com a sua celestial presença.

Quem jamais ponderará, cabalmente, o alvoroço e a alegria com que o Anjo da Guarda logo se desvela pela criaturinha humana, que lhe é confiada, no anseio de a introduzir no Céu! E porque tal não pode conseguir-se antes da libertação dessa alma da mancha original, bem podemos calcular a jubilosa ansiedade com que o Anjo assistirá ao Baptismo do seu pequenino protegido.

Se nos fosse concedido aquele dom precioso de uma visão pura, como a de St.^a Francisca Romana ou a de St.^a Gema Galgani, contemplaríamos uma cena empolgante dentro de poucos dias: o novo Anjo da Guarda caminha jubiloso à frente de pequenino cortejo, em direcção à igreja paroquial; ali, vemo-lo participar no rito do Baptismo com atenção e profundo respeito; depois, no momento culminante em que o sacerdote derrama a água de salvação na cabeça do neófito, intensifica-se a sua refulgência angelical e ele prorrompe em vozes de alegria...

Quando o homem, graças ao Baptismo, alinha entre os herdeiros do Paraíso, os Santos Anjos rejubilam; tal é, entre outras, a opinião de S. Cirilo e de S. Gregório Nazianzeno (155).

Muito embora se encontre no cume de bem-aventurança e cada qual ocupe a ordem designada pela Providência, os Anjos podem, não obstante, dilatar a capacidade da sua alegria (156) independentemente da visão de Deus — se para tanto se oferece oportunidade —. Daqui se deduz que o Santo Baptismo

não constitui caso único para a manifestação de tal alegria; devemos acrescentar a primeira Comunhão e todas as Comunhões, o Crisma, a Confissão, a consagração das virgens a Deus, o Matrimónio, a Ordem, a eleição de um Bispo e do Papa, bem como outras manifestações e solenidades religiosas (uma canonização, a proclamação de um dogma novo, etc.). Nesta resenha incluiremos também todos os actos virtuosos e meritórios: a oração, a adoração, as devoções de louvar a Deus, à Virgem ou aos Santos, a caridade com os pobres, o perdão das ofensas, a devoção às almas do Purgatório, os actos de sacrifício, de renúncia a qualquer objecto ou prazer honesto, o domínio de qualquer movimento de impaciência sob o influxo do mais ligeiro e mais íntimo impulso do amor de Deus... Não é verdade que os Santos e os Anjos do Céu fazem parte da Igreja? E a Igreja — segundo a expressão de um seu Doutor — não é a Igreja «uma barca em que os Anjos são remadores?!».

Fácilmente podemos idealizar o entusiasmo com que esses Espíritos puros, aliás atentos a todos os nossos movimentos, assistem às nossas boas obras, as aprovam e, jubilosos, as oferecem ao Senhor! Bem no-lo patenteia o Arcanjo S. Rafael quando diz a Tobias: «Boa coisa é a oração aliada ao jejum e mais vale dar esmolas do que amearhar o ouro... Quando tu rezavas entre lágrimas, quando tu enterravas os mortos, quando deixavas de comer, pelo dia fora, a fim de recolher os mortos em tua casa para os enterraes de noite, eu voava a apresentar ao Senhor as tuas obras de misericórdia» (157).

Orígenes escreveu estas palavras no seu tratado sobre a *Oração*: «Não é só o Sacerdote que ora com os fiéis fervorosos; os Anjos do Céu também com eles rejubilam».

Santa Matilde viu como doze espiritos angélicos assistiam a sua irmã Gertrudes, abadessa de Hackborn (não se confunda com St.^a Gertrudes, discípula da mesma St.^a Matilde) (158). Os Anjos «iam expondo a Deus tudo o que à volta dela se passava, as virtudes que praticava e os obséquios que lhe iam prestando as irmãs que a assistiam. A seus pés, três Anjos lhe insuflavam paciência... À esquerda, três Arcanjos sugeriam-lhe boa vontade, intenções piedosas e santos desejos. À direita, três Anjos do Coro das Dominações acolhiam as manifestações de respeito, veneração e caridade das Irmãs para com a doente, indo logo fagueiros depôr tudo aos pés do Rei Supremo» (159).

S. Bernardo de Claraval diz: «Se tivéramos a ventura de ver cair o véu que nos cobre os olhos, constataríamos a atenção e solicitude com que os Anjos se mantêm entre os que rezam e meditam... Os Santos Anjos assistem sempre às nossas orações, radiantes por nos verem em tal ocupação; juntam as suas próprias orações às nossas e logo as fazem evoluar ao Céu como perfume de agradável incenso (160).

Santo Isidro, lavrador, (Padres Bolandistas — 5 de Maio) fazia as terras de certo João Vergas, de Madrid. Todos os dias, antes de começar o trabalho, ia à igreja ouvir Missa e fazer as suas devoções. Ora isto desagradou a alguns seus colegas que o acusaram

ao patrão de ele não cumprir bem as suas obrigações.

Vergas quis certificar-se pessoalmente do que lhe diziam e, assim, foi de manhã cedo ao campo onde Isidro já deveria estar. E que viu ele? O moço acusado de negligência lá estava na sua faina; notou mais o patrão que Isidro não trabalhava sozinho: dois desconhecidos trabalhavam com ele, cada um com seu arado! Eram dois Anjos, disfarçados em dois belos mancebos, que desapareceram mal Vergas deles se abeirou. Profundamente comovido com o facto, Vergas imediatamente compreendeu tanto a santidade do seu jornaleiro caluniado como o prazer e apreço que os Anjos manifestavam pelos hábitos piedosos do bom cristão.

Ja S. Filipe de Néri um dia por uma rua de Roma; aproxima-se um pobre a pedir esmola. O Santo, cuja compaixão pelo necessitados era notória, ia a dar-lhe as poucas moedas que trazia; mas o pobre não as aceitou e disse-lhe sorridente: «Eu quis apenas ver o que fazias!» e desapareceu. Conforme Filipe o assegurou a dois Padres seus amigos íntimos, o mendigo era o seu Anjo da Guarda, que dessa forma quis fazer-lhe compreender quanto Deus e os Anjos apreciam a esmola (161).

É com prazer particularíssimo que os Anjos notam o amor dos seus protegidos a Jesus na Eucaristia e à Virgem Senhora. Vários Santos, e entre eles St.^a Estanislau Kostka e Raimundo Nonato, receberam a Sagrada Comunhão das mãos de Anjos, quando a doença ou outros obstáculos os impediam de comun-

gar das mãos do Sacerdote. Santo Onofre comungou diversas vezes, no deserto, por ministério do mesmo Anjo que o guiara até à caverna, que Deus lhe destinara, e onde viveu sessenta anos. Lê-se nas Revelações de St.^a Matilde: «Ao aproximarem-se as Virgens do Banquete do Rei dos Céus, cada Anjo levava pela mão aquela de quem era o protector».

Aos oito anos, levado por irresistível impulso interior, S. Gerardo Maiella ajoelhou-se, com os demais fiéis, à Sagrada Mesa, mas o Sacerdote negou-lhe a Comunhão e fê-lo desviar do Altar. Era ele muito pequeno e estavam ainda bem longe de aparecer aquelas normas, com as quais S. Pio X convidaria a multidão das criancinhas a abeirarem-se da Mesa Santa, embora com idade inferior à de Gerardo.

O pequeno, confuso e aflito, retirou-se para o lado, e desfez-se em lágrimas. Porém o Coração de Cristo não ficou insensível à dor daquele seu filhinho querido. Durante a noite seguinte aparece a Gerardo o Arcanjo S. Miguel e dá-lhe a comungar a Hóstia branquinha e consagrada, que trazia nas mãos angelicais.

«Ontem, o Padre não quis dar-me a Comunhão — confidenciou Gerardo, cândidamente, à Senhora Manuela Vetronica e a outros íntimos da Casa — mas esta noite S. Miguel Arcanjo trouxe-me a Comunhão.» Quando, já religioso e próximo da morte, lhe foi imposto por obediência que revelasse os segredos da sua alma, Gerardo não fez mais que repetir o que declarou em pequeno.

Comenta o seu biógrafo: «Ora, aquela ingénua

simplicidade infantil, sincera como a Verdade, unida à sabedoria do homem maduro em santidade e que foge até da sombra da mentira, não bastará para fazer desaparecer toda a dificuldade em aceitar a narração do facto como crível. Além disso é digno de nota que Gerardo deu sempre o lugar de honra à imagem do Arcanjo e cresceu em devoção para com ele desde que das suas mãos comungou (162).

O Santo Cura d'Ars dá-nos também testemunho do júbilo dos Anjos ao verem os seus protegidos abeirarem-se da Sagrada Comunhão (163): «Oh! como o Anjo da Guarda é feliz quando acompanha uma alma bela à Sagrada Mesa!» exclama o Santo e acrescenta: «Quando uma alma cristã entra no Paraíso após ter recebido Jesus Sacramentado, ela aumenta a alegria do Céu; os Anjos e a sua Rainha saem-lhe ao encontro».

Para ilustrar o contentamento dos nossos Anjos da Guarda pelas homenagens de respeito e devoção prestadas à Virgem Maria, oiçamos ainda os bellos exemplos seguintes:

No decorrer de solene festa em honra da Senhora, Santa Gertrudes e outra irmã desceram à igreja do mosteiro de Hefta. Ora, enquanto no coro cantavam a antifona: «Ave, decus...», ante os olhos da Santa abriram-se os céus e, num extase maravilhoso, foi-lhe concedida esta visão, que referimos pelas textuais palavras das «Revelações» (livro IV, capítulo LI): «Um trono magnífico trazido por Anjos foi colocado no meio do coro. Nele se assentou a celestial Rainha, cheia de Majestade, mostrando no

rosto de suavidade e gentileza a disposição de atender as preces da Comunidade... Diante de cada freira estava um Anjo com um ramo fresco e verdejante na mão; cada ramo continha flores e frutos diversos consoante as disposições da pessoa em face da qual se conservava o Anjo. Em determinada altura, os Anjos levantavam voo para ofertar os ramos à Virgem Maria; todos se colocaram junto da Grande Rainha, em redor do trono, colorindo-o e embelezando-o». No mesmo capítulo, um pouco mais adiante, lê-se: «Durante Matinas, a Santa observou os Anjos a reunir os frutos e as flores — isto é os variados sacrifícios, intenções e preces da Comunidade, para devotamente os oferecerem à Virgem Maria. As flores eram tanto mais lindas, graciosas e perfumadas quanto mais cada alma tinha sofrido e lutado com maior pureza de intenção».

S. Raimundo Nonato (XIII século) assinalou-se por uma devoção muito peculiar à Virgem Senhora e teve as provas mais evidentes da alegria que esta devoção proporcionava ao seu Anjo da Guarda. Raimundo era ainda novo quando o pai, para o impedir de entrar nas Ordens, decidiu inesperadamente retirá-lo dos estudos e mandá-lo para uma das propriedades como pastor de ovelhas. Foi tal o desgosto que arrancou lágrimas ao pobre Raimundo. Não tardou, porém, que o Céu o consolasse. Perto desta propriedade erguia-se uma igreja dedicada a S. Nicolau de Mira e onde se venerava uma rica imagem da Virgem. Começa Raimundo a frequentar o santuário, alargando-se em desabafos diante da Senhora, expondo os

seus pesares e pedindo o seu amparo virginal. Um dia, em que mais fervorosamente rezava, de joelhos, a imagem da Virgem começa a falar: «nada receies, eu te protegerei; sempre que precisares, recorre à tua Mãe do Céu e serás atendido».

Com tal prodígio mais se afervorou o amor filial para com a Virgem. Como ele desejaria ficar ali dia e noite, em doce conversa com Ela! Mas como, se o rebanho exigia a sua presença? Um dia fora tão instante o desejo de ir à igreja que se pôs a caminho deixando o rebanho. No mesmo ponto vê junto de si um jovem de beleza deslumbrante que se oferece para guardar as ovelhas... Era o Anjo da Guarda! Raimundo agradece-lhe com palavras repassadas de reconhecimento e, tomado da mais viva emoção, corre para ao pé da sua Mãe Celestial.

Nem foi esta a única intervenção miraculosa do Anjo da Guarda de Raimundo; por diversas vezes voltou a oferecer-se para o substituir na guarda do rebanho. O próprio pai logrou também, um dia, observar o milagre e, então, deixou de opôr-se à vocação do filho que voou para uma ordem religiosa dedicada precisamente a Nossa Senhora das Mercês, a quem tantos favores devia por intervenção do Anjo da Guarda (164).

Entre as circunstâncias que constituem motivo especial de alegria para o Anjos, uma existe que o Sagrado Evangelho nos aponta: a conversão do pecador. E aqui é Deus mesmo que se preocupa, com impressionante persistência, por tornar compreensível a satisfação, que lhe causa qualquer pobre filho lan-

gando-se nos seus braços misericordiosos de Pai. Relembremos as parábolas do filho pródigo, do dracma perdido, da ovelha tresmalhada. À primeira vista ficamos incrédulos: é lá possível que Deus tenha em tal conta o homem?... Mas uma luz intensa fulge na nossa alma, a luz duma realidade que nos deixa boquiabertos e nos enche o coração duma íntima comoção: o infinito amor de Deus para conosco!

Não esqueçamos, entretanto, que também eles, os Anjos, amam terna e profundamente os homens e, por conseguinte, sentem-se felicíssimos quando os homens decidem, enfim, renunciar ao pecado e voltarem-se arrependidos para o Senhor. Aliás diz-no-lo o próprio Evangelho: «É imenso o gozo dos Anjos à vista de um só pecador que se arrepende» (165). Não se fala aqui directamente do Anjo da Guarda, é certo; mas se todos os Anjos do Paraíso rejubilam pela conversão de qualquer pecador, qual não será o contentamento do Bom Anjo a cuja guarda esse pecador foi confiado? Deste raciocínio se faz eco S. Paulo, eremita. Distinguiu-se este santo discípulo de Santo António pela perfeição de uma obediência cega e humildade profunda, duas virtudes que lhe obtiveram o privilégio divino de ver os Anjos da Guarda acompanhando todas as pessoas que entravam na igreja. Um dia chegou ao templo um grupo de frades. Pondo-se a observar os Anjos, S. Paulo notou que todos eles precediam alegremente os seus protegidos, excepção feita de um, que seguia a distância o religioso que lhe estava confiado. Ora este Irmão era também seguido por um demónio que manifestava uma alegria

satânica. Ante espectáculo tal, o Santo rompeu em soluços, em gemidos, fazendo fervorosas súplicas a Deus. Bem depressa foi atendido. Erguendo os olhos ainda marejados, Paulo maravilhou-se e seu coração exultou de satisfação: os religiosos, ali reunidos na igreja, tinham já agora cada qual a seu lado o Anjo da Guarda radiante, incluindo aquele cujo Anjo, há pouco, ia seguindo afastado e triste. Pouco depois, o monge em questão declarava que era, de facto, um grande pecador. Mas, ao entrar na igreja, ferira-lhe a atenção aquele verso do Salmo que os monges na altura entoavam: «Ergue-te, purifica-te, desvia dos meus olhos a perfídia dos teus pensamentos; deixa de praticar o mal e aprende a proceder bem... Ainda que as tuas culpas sejam rubras, tornar-se-ão brancas como a neve» (166). Logo se sentira tomado de grande vergonha de si mesmo e impellido a pedir perdão a Deus e a prometer não voltar a ofendê-Lo (167).

MESTRE DE SANTIDADE

O fim supremo da missão dos Anjos da Guarda é acompanhar as almas na vida espiritual, ajudá-las a trilhar o caminho da santidade e a atingir a perfeição. Os Anjos são «verdadeiras alavancas, postas ao serviço dos que devem receber a herança da salvação, para os guindar às culminâncias da virtude» (168).

O Anjo guia ordinariamente a alma nos caminhos do espírito, graças à sua benéfica acção invisível; muitas vezes, porém, permite Deus que ele exerça essa influência santificadora sobre a alma de um modo franco e sensível, assim à maneira daquele caso do eremita de que fala Cavalca (169). Foi o seguinte: um velho monge vivia numa cela pequena, retirado do mundo. A alguma distância da cela — à volta de umas dez milhas — brotava uma nascente, onde o ermitão ia buscar a água. Aquele vaivém da cela para a fonte e da fonte para a cela foi-o cansando com o tempo. «E se eu desfizesse a cela e a reconstruísse junto da nascente?», ia monologando lá consigo. «Estou velho, enfraquecido... evitaria muitas canseiras». E, monologando assim consigo, a caminho da fonte, avista o eremita um indivíduo que o vai seguindo e se fixa

**ORIGEM DA PUBLICAÇÃO DESTE
LIVRO NA INTERNET POR**
<http://leiturascatolicas.blogspot.com>

ostensivamente nas suas passadas... Uma súbita ilustração mostra-lhe naquele homem um disfarce do Anjo da Guarda ocupado em contar os passos do ermitão. Tão bem compreende este a lição que, pouco depois, destrói a cela, mas para a erguer de novo mais longe da nascente. Nova lição lhe ia ser dada em breve e esta mais severa. Cultivava o nosso monge uma hortazinha onde colhia o necessário ao sustento, sobrando ainda bastante para valer aos pobres. Como bom servo de Deus, deveria contentar-se com viver assim, sem preocupações com o dia de amanhã, totalmente entregue à Providência. Todavia julgou que seria prudente, na previsão de uma doença, ir pondo de lado umas quantas moedas. Juntou, pois, um peculiozinho. Eis que lhe aparece num pé enfermidade séria, a ponto de, em breve, se lhe esgotar o mealheiro. Nessa altura declara o médico a urgência de amputar o pé. Fica o pobre do ermitão consternado e, de reflexão em reflexão, reconhece o erro cometido com aquela sua falta de confiança na Providência. Derramando lágrimas, cai de joelhos e roga a Deus: «Não atenteis, Senhor, no pecado da minha falta de confiança, mas lembrai-vos apenas das boas obras que eu ia praticando ao fazer a minha horta e ao repartir as sobras pelos pobres». Aparece-lhe então o Anjo da Guarda e pergunta-lhe: «Onde está o dinheiro que tinhas amealhado? Onde está a esperança que nele tinhas?» Com mais vivos sinais de arrependimento renova o monge o propósito de não voltar a cometer aquelas faltas. O Anjo tocou-lhe no pé e deixou-lho completamente curado.

São muitos os Santos que, frequentemente, e alguns até continuamente, beneficiaram da acção santificadora e sensível dos Anjos. Lê-se na vida de Edviges Carboni que o «Anjo da Guarda tomava forma visível e com ela discorria sobre as exigências do amor de Deus. Foi mesmo por sugestão do bom Anjo que esta flor de pureza, aos cinco anos de idade, fez voto de virgindade» (170).

S. Francisca Romana sentia-se por vezes enojada com as múltiplas ocupações e convívio com o mundo, que a desviavam da solidão a que o seu espírito a atraía. Aqui estava, até, a causa de uma certa imperfeição. Nesses momentos, e para castigo dela, o Anjo deixava de se lhe mostrar; só reaparecia quando a Santa, reconhecendo a falta, pedia perdão a Deus com lágrimas e manifestava total resignação à vontade divina. Com efeito, queria Deus que esmorecesse em Francisca aquela sensação de horror ao convívio com as criaturas e se moderasse o excessivo amor à solidão» (171).

Outras vezes aparecia-lhe o Anjo com três *raminhos*, dos quais ia dobando fios de seda e ouro em numerosos novelos, com solenidade, sem descanso. Que significaria tudo isso? S. Bento, por quem ela tinha grande veneração, explicou-lhe no decurso duma destas aparições: os raminhos representam a *correção fraterna* ou o triunfo sobre as fraquezas humanas e a frivolidade do século; o ouro figurava o amor com que Francisca deveria tratar as suas filhas; por fim o constante trabalho do Anjo representava a perseverança na actividade e nos sacrifícios com que

ela havia de dirigir a Congregação das Oblatas, que fundara (172).

O Anjo da Guarda de Francisca, anota Georres, era o seu mestre e guia na prática de todas as virtudes e velava para que ela se não deixasse arrastar a um zelo excessivo em mortificar-se e a esforços violentos para a virtude (173).

Num dos seus frequentes colóquios com o Anjo da Guarda, St.^a Margarida de Cortona exprimiu o desejo de que elle lhe explicasse quais são «os perfeitos amigos de Deus». Respondeu-lhe com estas belas regras de santificação: «São perfeitos amigos de Deus aqueles cujo coração está totalmente desprendido das coisas criadas e que, unidos a Deus sòmente, a Ele aspiram com todo o ímpeto do coração».

«E quais são, pergunta de novo a Santa, quais são as virtudes mais próprias deles?

«A primeira, torna o Anjo, é uma profunda humildade, à imitação e por amor d'Aquele que se humilhou até à Cruz. A segunda é a perfeita caridade. Nesta base é amigo de Deus o homem que realiza a palavra divina: *bem-aventurados os limpos de coração*. É amigo de Deus aquele que renuncia a si mesmo até ao ponto de se matar por amor de Cristo, não com o ferro ou o veneno mas pela mortificação voluntária; aquele que vive decidido a suportar seja que sofrimento for — até a própria morte — em defesa da fé cristã. É esta uma forma de aniquilamento bem distinta da mortificação dos sentidos. É amigo de Deus aquele que tem de contínuo nos lábios a verdade e cuja vida brilha pelo bom comportamento

moral. É amigo de Deus aquele que, por amor do mesmo Deus, toma sobre si os sofrimentos dos mais; prefere sofrer a ver sofrer o próximo, até no que se refere ao alimento, ao vestuário, ao alojamento. Enfim, é amigo de Deus aquele que se aflige e entristece com as desgraças alheias de amigos ou inimigos e que, sem reticências, aplaude as suas prosperidades» (174).

Santa Margarida Alacoque conta, a seu respeito, o seguinte: «O meu lenitivo era a presença frequente do meu fiel Anjo da Guarda, que me reprendia e corrigia. Duma vez, tendo-me eu atrevido a falar dum casamento dumha minha parente, fez-me compreender que era indigno dumha alma religiosa tal assunto, repreendendo-me severamente e ameaçando-me até com subtrair-me a vista sensível do seu rosto se eu voltasse a imiscuir-me em tais intrigas. Não suportava a mais leve frivolidade, a mais pequena falta de respeito ao Soberano Mestre. Eu via-o prostrado na divina presença e exigia de mim a mesma attitude» (175).

E já agora digamos umas palavras acerca de St.^a Gema Galgani. A presença contínua do Anjo da Guarda a seu lado foi para Gema escola que a sublimou rapidamente aos mais altos cimos do heroísmo e da caridade. Durante as meditações a que, por hábito, se entregava, o Anjo concedia-lhe profundas iluminações e comunicava-lhe ao coração fortes impulsos para que perfeitamente praticasse esse exercício» (176). Oigamos uma dessas numerosas lições dadas pelo Anjo: «Lembra-te, minha filha, que a

alma que ama a Jesus fala pouco e abnega-se muito. Ordeno-te, da parte de Jesus, que nunca dês o teu parecer, se te não for pedido, e que não defendas a tua opinião, mas que cedas logo... Quando cometeres qualquer falta, acusa-te logo dela sem esperares que te interroguem. Enfim não te esqueças de resguardar os olhos, porque os olhos mortificados verão as belezas do Céu (177).

Tendo recebido algumas jóias de ouro, Gema pô-las ao pescoço um dia que saíu para visitar o parente que lhas dera e nisso teria gosto. No regresso, o Anjo olhou-a com severidade e disse-lhe: «Lembra-te que os colares preciosos, para enfeite da esposa dum Rei Crucificado, só podem ser os seus espinhos e a sua Cruz» (178).

O Anjo da Guarda de Gema Galgani, sempre no intuito de a guiar à perfeição, não ficava nada atrás em severidade aos Anjos de Francisca Romana e de St.^a Margarida Alacoque. Também para Gema, caída em qualquer falta leve, havia sem demora a censura angélica: «Não tens vergonha de pecar na minha presença?» e ameaçava-a com não se lhe mostrar, o que de facto ele fez um dia porque a Santa assistira a um espectáculo aliás honesto. Era muito exigente e ordenava-lhe que obedecesse em tudo e para tudo. Gema apreciava imenso a devoção da Hora Santa. Este piedoso exercício, que a fazia reviver os tormentos da Paixão, parece que lhe prejudicava a saúde e proibiram-na de o fazer. Desfeita em lágrimas, obedeceu, mas contrariada; o Anjo censurou-a por isso e aproveitou a oportunidade para a instruir

sobre a generosidade que Deus lhe exigia em face do sacrifício».

Resumindo, e com os próprios termos do P. Germano, o Anjo foi simultaneamente para Santa Gema guarda cuidadoso e excelente mestre de perfeição cristã. Todas as ocasiões lhe serviam para a admoestar, instruir e dirigir com ensinamentos cheios de sabedoria» (179).

Por outras palavras, é evidente que o Anjo da Guarda acompanha e ampara a alma nas três vias de perfeição, de que falam os místicos:

1. *A via purgativa*, na qual, depois de ter decidido sair da mediocridade e tornar-se santa, a alma vai-se purificando no crisol de duras provas (aridez do coração, dúvidas e inquietações íntimas, tentações diabólicas, sofrimentos espirituais, doenças atroztes e inexplicáveis, perseguições, incompreensões...), provas estas que a libertam do pecado e de toda a escória moral: aspereza, hábitos e inclinações que estorvam o livre impulso para Deus.

2. *a via iluminativa*, em que a alma, vencidos todos aqueles óbices referidos, se exercita e fortalece na virtude, progredindo mais rapidamente no amor de Deus, ao qual estão sujeitas as faculdades espirituais — a inteligência e a vontade.

3. *a via unitiva*, caracterizada por uma comunicação íntima e nova com Deus. A alma aplica-se a fazer em tudo a divina vontade, em tudo vê Deus presente e isso comunica-lhe permanente alegria; ama-O em si mesma e por si mesma com o amor mais puro e desinteressado, que «fica a ser a única

virtude em que todas as outras se fundem» (180). Tal é a via dos *perfeitos*. Preludia o noivado e os *desposórios místicos*, por S. João da Cruz definidos como «total transformação da alma no Bem Amado, na qual um ao outro se dão numa quase consumação de união amorosa em que a alma se diviniza, participando do próprio Deus até ao limite do possível nesta vida» (181). São por assim dizer dois círios tão intimamente fundidos que dão uma única chama; ou então como a água dum regato que se confunde com a água do mar em que se lança (182).

Antes e no decurso destes *desposórios*, ocorrem as chamadas *chagas de amor*. Estas — de natureza espiritual — têm o condão de transverberar a alma, infundindo-lhe um ardente amor de Deus, que mais a purifica e transforma. Estas misteriosas chagas caracterizam-se por uma dor mortal, e, ao mesmo tempo, por uma suavidade e encanto inexprimíveis. Enfim, podem localizar-se em determinada parte do corpo, tornadas chagas autênticas. Assim se produzem os «*estigmas visíveis*», distintos dos primeiros (acima referidos) isto é dos *estigmas invisíveis*, que forçosamente precedem os visíveis; pois, como observa Scaramelli (183) «Deus jamais concede a um corpo qualquer destas graças visíveis sem que primeiro com elas favoreça a alma».

Tais estigmas podem ser obra directa de Deus ou então — e eis-nos de novo dentro do nosso assunto — mediante a acção dum Anjo. É o caso de certos estigmatizados como o Poverello de Assis ou St.^a Teresa de Ávila, bem como — citando muito a pro-

pósito exemplos mais recentes — o de Edviges Carboni e do Padre Pio.

Celano escreve assim a estigmatização de S. Francisco: «Nesse tempo, dois anos antes da morte, vivia o Santo Frade no ermitério de Verna. Viu ele por sobre a cabeça uma aparição inefável: um homem com seis asas abertas como se fora um Serafim; tinha os pés juntos e estava cravado numa cruz... Em face desta visão o Santo Servo do Altíssimo ficou submerso em pasmo e não conseguia penetrar-lhe o sentido. Ficou inundado de alegria ante a suave doçura do olhar do Serafim; mas logo o trespassava um calafrio de terror ao fixar aquela cruz em que o via cravado, num suplício atroz... Permanecia Francisco nesta indecisão e preocupado com a singularidade da aparição, quando começaram a imprimir-se nas suas mãos e nos pés os sinais dos cravos como os que vira no homem que, pouco antes, se lhe mostrara crucificado e suspenso no ar» (184).

Quém for a Alba de Tormes e entrar na igreja das Carmelitas pode ainda hoje contemplar o coração de Santa Teresa, em perfeito estado de conservação, e pode também observar como ele está trespassado. Segundo o relato deixado pela própria Santa, foi igualmente um Serafim que produziu a ferida milagrosa, mais conhecida pela nome de «*Transverberação*». Escreve Teresa: «Eu via-lhe na mão uma comprida seta de ouro, que parecia de fogo na ponta de ferro. Tive a impressão de ele me ter enterrado esta seta no coração, por várias vezes, ferindo-me até ao mais profundo. Ao arrancá-la parecia que me arran-

cava as entranhas, deixando-me toda abrasada num grande amor de Deus» (185).

A estigmatizada sarda escreveu, muito sôbriamente, no seu *Diário*: «Rezava eu ao Bom Jesus quando, súbitamente, vi diante de mim um Anjo que me feriu o coração. Sinto ainda agora essa ferida, que me inflama no amor de Jesus» (186).

Com referência aos estigmas do Padre Pio e apesar da minuciosa descrição que deles se encontra no célebre livro do Doutor Festa (187) que, tal como outros médicos, os examinou escrupulosamente a pedido da autoridade eclesiástica, temos de afirmar que desconhecemos os pormenores do sucedido no momento (20 de Setembro de 1918) em que se imprimiram na sua carne. Todavia é já hoje do conhecimento público, graças à afectuosa indiscrição de pessoa fidedigna, que eles foram também produzidos por um Serafim.

XVIII

OS ANJOS SOLIDÁRIOS DOS ELEITOS
NO SERVIÇO DE DEUS

Prêgava o Diácono S. Filipe o Evangelho na Samaria. Um Anjo aparece-lhe e exorta-o a tomar sem demora o caminho de Jerusalém para Gaza. Obedece o Diácono; e indo ele seguindo jornada, encontra-se com o poderoso eunuco da rainha Candace. Lã ele, sentado no seu carro, uma passagem do profeta Isaías relativa ao Redentor. Inspirado pelo Anjo, Filipe perguntou: «Compreendes tu o que lês?». «Ora, como poderei compreender se não tiver quem me explique?» e convidou Filipe a subir para o carro e a sentar-se. Então o Diácono começa a explicar aquele passo de Isaías e a falar de Jesus. A graça de Deus actuou no coração do eunuco e a luz da Verdade encheu-o com os seus clarões. Logo que encontraram água manifestou ele o desejo de ser baptizado, ao que imediatamente acedeu Filipe. Já baptizado e repleto de alegria, lá seguiu o ministro da rainha Candace em demanda da Etiópia, de que foi o apóstolo, enquanto Filipe, arrebatado pelo Anjo, se viu num repente reconduzido a Azoto (188).

Esta narração da Escritura é uma das muitas que nos revelam o importante papel, que os espíritos

angélicos devem com frequência desempenhar: assistir aos filhos de Deus na sua missão terrena. Sob este ponto de vista, recordemos o Anjo que, disfarçado em nuvem de fogo, foi o grande auxiliar de Moisés no êxodo de Israel do Egipto; lembremos o Anjo que desvaneceu as dúvidas de S. José sobre a pureza de Maria (189); mandou-o fugir para o Egipto com o Menino Jesus e a Mãe (190) e ordenou-lhe, mais tarde, que voltasse para a Galileia, após a morte dos que perseguiam o Menino (191).

São João, no Apocalipse, chama aos Santos Anjos os companheiros dos Profetas no serviço de Deus. Motivos fundamentados da economia da Providência levam a admitir que o Senhor destina dois Anjos, ou ainda mais, ao Sumo Pontífice, aos Bispos, aos Sacerdotes... e, possivelmente, aos governantes. «Podemos crer piamente — afirmou-se acerca destes últimos — que o Anjo deles afasta o ferro ou o projectil mortífero, não tanto em atenção ao méritos da pessoa em si mesma quanto à tranquilidade dos povos deles dependentes, e isto de harmonia com as palavras do Apóstolo S. Paulo, que nos manda rezar mais pelo bem-estar dos povos governados do que pelo dos governantes» (192), para que usufruamos vida tranquila e de quietação» (193).

As mesmas razões levam-nos a pensar que essas pessoas constituídas em autoridade são, em geral, assistidas na sua missão peculiar por espíritos de hierarquia superior; aliás os factos confirmam-no, como vimos relativamente a Francisca Romana, por exemplo, ao Padre Lamy, a Tobias e, como veremos,

a Joana d'Arc. De qualquer forma, a cooperação angélica na missão terrena dos filhos de Deus é incontestável.

O Padre Lamy gozava do sustentáculo dos Santos Anjos quando as ocupações lhe esgotavam as energias. Às vezes, tendo de ir a lugares mais distantes, bastava dizer: «Ó meu Deus, como estou cansado!» para imediatamente se ver transportado de forma inexplicável — como o Diácono Filipe.

Durante a primeira Grande Guerra, chegaram à estação de La Courneuve, vindos da frente, três combóios a abarrotar de feridos. Prestou-lhes o Padre Lamy todo o conforto sacerdotal sobretudo aos mais graves e moribundos. Enquanto assim se dedicava, ouviu um pobre soldado queixar-se: «Ai! que vou morrer!». Então o Anjo da Guarda abençoou-o e, no mesmo instante, o doente exclamou: «Oh! já me sinto melhor!». Oigamos o Padre: «Era à noitinha, na estação de La Courneuve. Havia ali talvez uns duzentos feridos em macas. Ao chegar comecei por pedir ao Anjo da Guarda que sarasse alguns. Vi como o Arcanjo São Gabriel e o meu Anjo os abençoavam; eu segui àvante: a todos ia dizendo «sou o pároco da freguesia; meus filhos, coragem»... Davalhes a absolvição, depois de me informar se eram crentes, e repetia com eles: Meu Deus, dou-vos o meu coração. Deste modo, percorria as carruagens: se eram de corredor tudo se facilitava; caso contrário, não havia mais remédio senão dependurar-me dos varais exteriores. Quando era preciso subir sessenta ou oitenta vezes e até mais (com os combóios esta-

cionados fora dos cais), então eram os Santos Anjos que me auxiliavam. Enquanto os tinha presentes claro está que mal pensava em mim: era sensível a visão de São Miguel e do meu Anjo da Guarda. Tendo-os ali, tudo eu via com clareza: é que eles iluminavam a consciência: via-se então *como com isto* (e o padre fazia o gesto de alumiar com uma lanterna). Nesse dia dei a absolvição bem convencido que noventa e nove por cento a recebiam com proveito» (194).

Há um meio de que os Anjos lançam mão, com frequência, no auxílio que prestam aos homens: é o que os místicos chamam *locuções*. Por esta palavra entendem-se aquelas luzes e inspirações superiores, mercê das quais se adquirem conhecimentos relativos ao espírito, à Divindade, ao futuro, aos segredos da consciência alheia, etc. O autor destas *locuções* é Deus, mediante os seus Anjos.

No livro de Zacarias lemos pelo menos onze vezes a frase: «o Anjo que dentro de mim falava», frase em que a alusão às locuções é evidente. Podem elas produzir-se de maneira diversa: com palavras perceptíveis pelo órgão da audição (*locuções auditivas*); por meio de visões da imaginação (*locuções imaginárias*); ou ainda mediante ideias impressas no espírito (*locuções intelectuais*) (195).

Aquelas vozes célebres de Joana de Arc temos de classificá-las, sem a mínima reserva, na primeira categoria. Essas vozes vinham de tal e tal Santa, mas sobretudo do Arcanjo São Miguel e de outros Anjos, que a incitavam, a aconselhavam e a ajudaram na arrojada façanha, que a introduziu na História

como a maior heroína lendária e uma das Santas mais veneradas.

«Os ingleses estavam já na França e tinha eu treze anos, quando ouvi uma voz que me auxiliou a tomar decisão. Era um dia de verão, por volta do meio dia; percebi essa voz no quintal do meu pai. Na véspera tinha eu jejuado. Vinha-me a voz da direita, do lado da igreja... «Joana, debes ir a França e obrigar a levantar o cerco de Orleans». Porém a Santa hesitava: «Sou uma pobre rapariga que não sabe militar, nem sequer fiar». E a incerteza de Joana acentuava-se com a rigorosa sujeição em que os pais a mantinham. Entretanto a voz tornava-se insistente. «Duas ou três vezes por semana, a voz dizia-me que eu devia partir para França». A pequena resigna-se e toma a decisão de ir falar com Roberto de Baudricourt, que lhe facilitaria uma entrevista com o Delfim Carlos VII. «Quando cheguei a Vaucouleurs — informa a Santa — reconheci imediatamente Roberto de Baudricourt, apesar de nunca o ter visto e sem que ninguém mo apresentasse. Reconheci-o graças à voz que me dizia: «Ele aí está!». Logo que decidiram acompanhá-la a Chinon para a audiência real, Joana dirige-se sem hesitação ao Delfim, para lhe falar, muito embora ele se encontrasse disfarçado entre os trezentos cavaleiros reunidos na sala. «Reconheci o Rei no meio dos outros todos, explica a Santa Menina, guiada pela voz que mo apontava». Estas frases extraídas dos interrogatórios constantes do processo, que levou à fogueira a *donzela de Orleans* (196), e aqui citadas a título de exemplo, bastam para de-

monstrar que às vezes as locuções são de origem angélica e que é este o meio utilizado pelos espíritos celestiais na sua cooperação com os eleitos da terra. Finalmente semelhantes locuções estão na base do célebre fenómeno do *discernimento dos espíritos*, de que também falam os místicos e que vai ser objecto de capítulo à parte, precisamente por constituir um dos assuntos mais palpitantes deste nosso livro.

**ORIGEM DA PUBLICAÇÃO DESTE LIVRO NA
INTERNET POR**

<http://leiturascatolicas.blogspot.com/>

XIX

DISCERNIMENTO DOS ESPÍRITOS

Diz-nos S. Jerónimo (197) que havia entre os Hebreus sacerdotes com o privilégio de distinguir os profetas verdadeiros dos falsos, reconhecendo se era o espírito divino, o diabólico ou o humano que os inspirava. Tratava-se, com evidência, de sacerdotes enriquecidos por Deus com a faculdade de *ler*, ou mais exactamente, de *perscrutar* o foro interno dos seus interlocutores. Este mesmo dom foi comum a muitos santos.

Santa Maria Madalena de Pazzi lia na consciência das suas noviças e revelava-lhes as más inclinações a que tinham cedido. Conhecia-as de tal forma que elas não se atreviam a abeirar-se da Santa sem primeiro se examinarem escrupulosamente; e, uma vez na presença dela, todas se mantinham em contínuo resguardo para não darem ocasião a serem repreendidas.

Santa Catarina de Sena possuía também este dom do discernimento. O Padre Raimundo, seu confessor, conta como ela lhe conhecia os mais íntimos segredos do seu coração: «porque tentais esconder-me o que eu vejo mais claramente do que vós?» dizia-lhe um dia a Santa a propósito de um defeito,

que ele procurava dissimular e pelo qual ela já o admoestara suavemente.

Este dom não foi regateado a S. José de Cupertino. Conta-se que ele penetrava até o coração das pessoas com quem cruzava nos caminhos. «Vai-te lavar» dizia ele, sempre que encontrava alguém necessitado de lavar a consciência com o sacramento da Penitência» (198).

Dom Bosco dizia: «Apresentai-me um jovem que eu nunca tenha visto; bastar-me-á fixá-lo no rosto para lhe poder descobrir os pecados que tenha cometido desde a mais tenra idade». «Esta convicção de que Dom Bosco lia no rosto os segredos do coração (escreve Agostinho Auffray) (199), estava tão espalhada no Oratório, que as consciências menos puras se mantinham longe instintivamente, evitando-o o mais possível. Mas nem sempre o conseguiam e, então, os rapazes, para fugirem a essa leitura inquietante, escondiam o rosto com o boné ou com a mão aberta. No regresso de férias, antes de purificarem os corações daquelas condescendências havidas durante esses meses de liberdade mal vigiada, era curioso ver como alguns alunos se esgueiravam mal Dom Bosco aparecia, com receio de que ele tudo lesse num olhar».

Factos deste género sucedem quase diariamente em San Giovanni Rotondo, no segredo do confessorário, na sacristia, nas escadas e nos corredores do convento, em toda a parte onde os peregrinos possam abeirar-se do Padre Pio e trocar duas palavras com ele.

Ainda que fora fácil reunir todos os factos, episódios e anedotas relativas à faculdade de discernimento do Padre Pio, não chegariam para tal nem o tempo nem o espaço. Homens como G. B. Angioletti, Giovanni Artieri, Attilio Crepas, que foram a San Giovanni Rotondo na qualidade de jornalistas, puderam pessoalmente certificar-se deste extraordinário poder do Padre e dá-lo a conhecer à imprensa diária. O primeiro escreveu em *La Stampa* de Turin (9 de Agosto de 1950): «Os homens não o assustam porque uma desconcertante capacidade de introspecção permite-lhe avaliar imediatamente os defeitos e as virtudes que possam ter». Artieri, no jornal romano *Il Tempo* (17 de Agosto de 1950), confessa ter recebido do Padre Pio vivas censuras «pelo facto de ser católico hesitante e não praticante, péssimo cristão, de coração em luta contínua com a inteligência».

«Que estais para aí a pensar no vosso gabinete e nos linguados de papel? É fora de todo o jeito andardes a fazer barulho à volta de um sacerdote que reza» (200), disse o Padre Pio a Attilio Crepas, na altura em que o jornalista já se imaginava sentado à secretária, com uma rima de *linguados* na frente, rabiscando uma interessante crónica sobre os acontecimentos e as impressões de San Giovanni Rotondo.

M. Antonio Basile, de San Martino in Pensilis (província de Campobasso), ouviu o Padre dizer-lhe no fim da absolvição: «Agora vai comer». Maravilhosa surpresa causaram estas palavras em Basile. Com efeito, e sem que ninguém o soubesse, há três dias que ele jejuava, por penitência (201).

O senhor Antonio Donnini, de Lucera (Província de Foggia) estava na Capela do Convento. Sentado num banco, olhava para o terço desfeito em pedaços. É muito frágil, pensava lá consigo; preciso de outro mais forte. Mas... vai ser mais caro! E logo cismava nos sacrifícios que teria de fazer para o comprar, pois os seus cobres iam perto... Nisto passa um rapazito com um punhado de terços, daqueles exactamente em que o senhor Donnini pensava.

«Onde os compraste? Quanto custa cada um?» perguntou.

«Agradam-lhe?» perguntou o moço. «Ande, tire um para si. O Padre benzeu-os agora mesmo».

Escusava-se o nosso homem com certo acanhamento delicado. Mas o pequeno tanto insistiu que, por fim, sempre se resolveu a pegar num. Imediatamente o pequeno continuou o seu caminho sem dar tempo a agradecimentos. O homem levantou-se e foi ter com o religioso ao corredor.

«Quem to deu?» informou-se o Padre Pio apontando para o terço. «Com certeza que o não pagaste!» E, voltando-se para o outro religioso que sempre o acompanha, acrescentou: «Este é um daqueles que rezam com o pescoço!»

Donnini riu-se, mas sem atingir o sentido destas palavras.

«Compreendeste?... Nada... Estás-te a rir, mas não compreendeste nada», insistia o Padre.

«Explique-me, então, V. Rev.ª?» rogou o homem.

«É que eu pus-te um ao pescoço esta noite, compreendeste agora?!»

E era verdade. Donnini lá trazia um terço novo ao pescoço! O certo é que nem reparara nele, pelo facto de estar na igreja e, por isso mesmo que tinha o hábito de trazer o terço ao pescoço, o terço andava sempre feito em pedaços.

De tarde, o Padre Pio confessa homens na sacristia. Chega a vez de M. Giovanni Paganini, comerciante de tecidos em Roma.

«Há quanto tempo te confessaste?»

«Há pouco, meu Padre».

«Eu diria antes há muito pouco» emendou irónicamente o Padre Pio. Na verdade, Paganini confessara-se pela manhã a outro Sacerdote, para não perder a Sagrada Comunhão, que o Padre Pio distribui todos os dias às nove horas.

Vamos agora à igreja, ao confessionário das mulheres. É a vez da parisiense Denise Garnier. Logo no começo da confissão é rispidamente interrompida pelo Padre: «Disseste mentiras!». Tratava-se de umas mentiras insignificantes, segundo confessa a própria penitente: «Realmente eu tinha dito pelo menos oito, para vencer dificuldades que me impediam de me abeirar do confessionário. No entanto, o Padre mudou logo de tom e foi muito bom para mim, um verdadeiro pai. E então, quando eu passei em frente do confessionário, que amorosa palmadinha ele me deu na cabeça!».

Salpicadinho de graça é o episódio passado com um camponês dos arredores de Benevento (20). Uma noite estava ele com uma dor terrível de dentes; agarra num sapato e atira-o contra o retrato do

Padre Pio, deperdurado à cabeceira da cama. E isto por quê? Porque o Padre Pio fazia ouvidos de mercador as súplicas instantes que o desesperado homem fazia. Meses volvidos, o camponês foi a San Giovanni; não tornara a pensar no gesto inconsiderado. Chegado ao confessional, ia a dizer as faltas quando o Padre, com voz áspera e olhos brilhantes, lhe diz: «Ainda tens coragem de me aparecer depois de teres arremessado aquele sapato, que veio parar à minha cela!».

Surpreende-nos ver como o Padre revela um segredo que até ao próprio aldeão tinha já esquecido. Caso análogo sucedeu ao Padre Benoit, secretário geral do Instituto Católico de Lille. Tendo vindo a San Giovanni com outros sacerdotes seus patrícios, pediu ao Padre Pio que escrevesse um autógrafo na estampa, que levaria como recordação. Ia a entregá-lhe a estampa quando o Padre lhe pediu o breviário onde, numa página em branco, escreveu algumas linhas. Logo que o Padre Benoit pôde ler as palavras escritas, ficou assombrado. É que essas palavras eram a solução de um espinhoso problema que, desde há anos, o atormentava! Mais surpreendido e maravilhado se sentiu ao reflectir que nem uma só vez pensara em tal problema, nos dias passados em São Giovanni.

O coração humano não tem segredos para o Padre Pio. Por isso mesmo é que todos, grandes e pequenos, todos se sentem intimidados diante dele. Pela mesma razão é que eu me sinto sempre tomado de um certo e invencível temor ao encontrá-lo seja onde



A bênção do Padre Pio no fim da missa.

for. Há dez anos que eu vejo o Padre Pio quase todos os dias; pois ainda não consigo estar na presença dele plenamente tranquilo e à vontade!

Por vezes, na confissão, o Padre ajuda a *tirar as castanhas do brasido*, como se diz em linguagem familiar. Ele enumera os pecados do penitente e chega a indicar as circunstâncias exactas em que foram cometidos; e, se o penitente esquece qualquer falta, não é raro ser o Padre Pio quem lha recorde. Outras vezes até faz o diagnóstico de doenças físicas e aponta o remédio eficaz, melhor do que um especialista.

Talvez julgueis que há exagero nestas afirmações. Oxalá que os factos seguintes, de que eu mesmo fui protagonista e testemunha, consigam dissipar tais suspeitas.

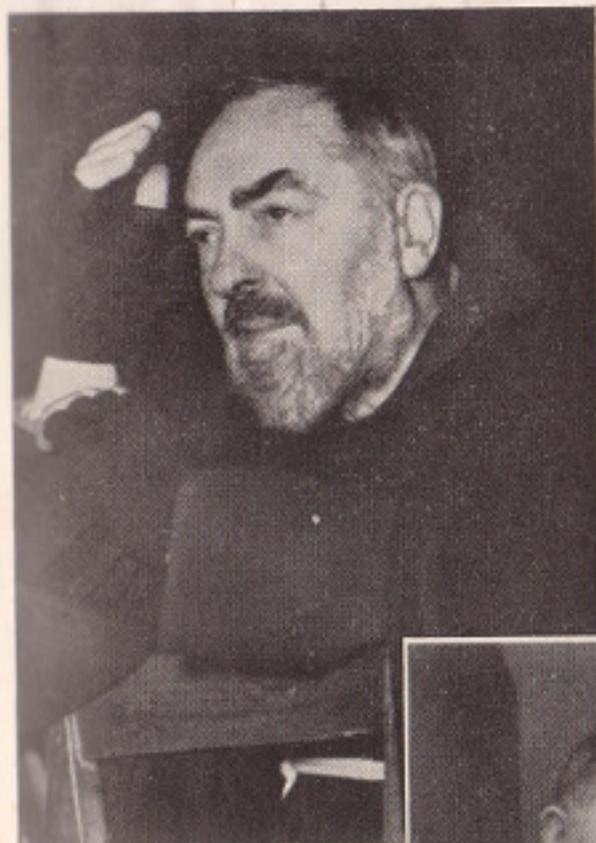
Não se pode dizer que o Padre Pio seja homem de boa saúde; afligem-no permanentemente males misteriosos, que os médicos não sabem definir e que chegam a impedi-lo de exercer o ministério sacerdotal. Anda com frequência adoentado e os estigmas, que se lhe imprimiram na carne, provocam dores incriveis. Tudo isto, naquela idade avançada foi causa, há uns anos atrás, duma inquietação que me ralava sem cessar. Quantas vezes dizia eu de mim para mim: acabou-se; o Padre vai deixar-nos. E, se ele morre, que será dos seus filhos espirituais? Que será de mim? Ora um dia, tive de ausentar-me; fui despedir-me e pedir-lhe a bênção. Notei, surpreendido, que o Padre me fixava com um sorriso enigmático, meio trocista. Desnortado, perguntava a mim mesmo: que significa tal atitude? Deu-me a resposta

uma exclamação jovial do religioso que, ao mesmo tempo, me sobressaltou: «Quem sabe se nos voltaremos a ver quando regressares?» Bem se vê que o Padre vira no meu coração a ansiedade que me atormentava.

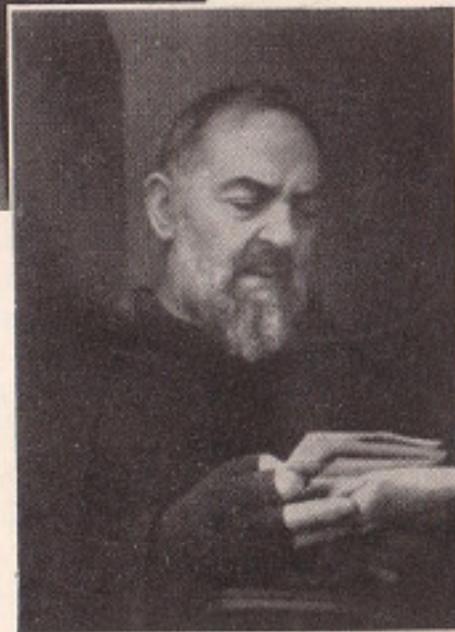
Pedi-lhe, de outra vez, que me obtivesse de Deus uma graça a que eu ligava suma importância. Assegurou-me que a conseguiria, mas depois dum período de provas e humilhações e com a condição de perseverar paciente e confiado. Os anos foram passando e a tal graça não me era concedida. Ter-se-á o Padre enganado ao prometer-me?... Terá ele atingido com precisão o meu pedido?... No momento de maior fraqueza e desânimo, escaparam-me certas palavras e gestos em total desarmonia com a paciência e a esperança que o Padre me recomendara. Arrependi-me logo, é claro, desta minha atitude e resolvi até pedir perdão dela indo ter com o religioso à sacristia, na manhã seguinte, para me confessar.

«Que vens tu cá fazer? Vai-te embora! Não tenho tempo a perder!»

O Padre Pio nem sequer me deixara abrir a boca. Bem pode o leitor calcular a minha consternação: nunca na minha vida chorei tanto como nesse dia. Quem poderia ter dito ao Padre o que eu dele pensara na véspera? Na semana seguinte, e como se desejasse convencer-me de que sabia perfeitamente daquela minha falta, o Padre Pio justificou a sua atitude com estas palavras: «Não compliquemos as coisas; com essa tua desconfiança atrasas tudo. És como o escaravelho, tanto quer empurrar a bola que, de



Com a sua expressão serena mostra-nos a alegria do sofrimento.



O Padre Pio lê as cartas que lhe são dirigidas pelos peregrinos, amigos e parentes.

ORIGEM DA PUBLICAÇÃO DESTE LIVRO NA INTERNET POR

<http://leiturascatolicas.blogspot.com/>

repente, a deixa escapar e perde o caminho andado!».

Neste período da minha vida, sucedia-me fazer esta reflexão sobre os efeitos benéficos das provações: «o Padre Pio quer que eu vá *amealhando*, isto é, vai-me exercitando na virtude da paciência sujeitando-me a contrariedades e humilhações frequentes». Efectivamente precisava eu muito desta aprendizagem salutar, em vista do meu carácter, da falta de resignação e do violento orgulho que em mim predominavam. Ora, uma tarde, queixando-me eu de tantas provas, que nunca mais tinham termo, o Padre quis uma vez mais surpreender-me com estas palavras, sublinhadas com uma ponta de malícia e segredadas ao ouvido: «Temos de aprender a *amealhar*! Devo advertir que, nessa altura, estava eu bem longe de fazer uma reflexão humorística sobre os benéficos efeitos das provações.

Voltemos, porém, aos nossos raciocínios acerca do discernimento dos espíritos. Os factos com ele relacionados têm, realmente, qualquer coisa com as vozes ou locuções dos Anjos? A resposta é categoricamente afirmativa. Se os homens de Deus podem revelar os segredos do coração humano, isso deve-se às misteriosas sugestões dessas celestiais criaturas, desses amáveis e zelosos delatores! Mas os Anjos — e isto é uma coisa posta em evidência — não agem independentemente de Deus, que está sempre na origem das locuções. Diz, com efeito, S. João da Cruz: «As almas são iluminadas cá na terra pela mesma Divina Sabedoria... que se comunica de Deus às mais

elevadas hierarquias angélicas, destas às inferiores e destas aos homens. E é por isso que na Escritura se diz com verdade, e a propósito, que todas as inspirações angélicas provêm simultaneamente de Deus e dos Anjos; porque, de ordinário, Deus comunica tais inspirações por intermédio dos Anjos, que logo as transmitem uns aos outros, como um raio do sol passa através de várias vidraças dispostas em série (203).

Sublinhemos, pois, em resumo, que o dom do discernimento dos espíritos se deve à acção mediadora dos Anjos.

Para aqueles que, não obstante a autoridade de S. João da Cruz, duvidem ainda desta asserção, aduziremos alguns exemplos comprovativos na pessoa de S. João Baptista Vianney e da mística de Koennersreuth. Lê-se na vida do Cura de Ars que certos penitentes, não podendo aguardar vez para se confessarem, por causa da multidão comprimida em volta do confessor, costumavam encomendar-se ao Anjo da Guarda. «Então, (é citação textual) o Santo Cura saía do confessor para facilitar assim o encontro, que esses tais haviam pedido. Noutro ponto lê-se ainda: «Um dia, confessava ele uma criada disposta a calar um pecado grave; lembrou-lho o próprio Santo. E como a penitente, estupefacta, a si mesma se perguntava como é que o confessor podia conhecer aquela sua falta, o Santo Cura ajuntou: este pecado foi o vosso Anjo da Guarda que mo indicou» (204).

Kaplan Fahsel, autor de um estudo muito sério

sobre Teresa Neumann, dedica um capítulo quase inteiro às locuções (205). Começa por dizer que, junto das pessoas que dela se abeiram, a mística alemã vê os Anjos com formas muito luminosas, e de contornos distintos. Todavia, mais directamente relativo ao nosso assunto é a passagem seguinte: «Teresa Neumann beneficia em escala extraordinariamente daquilo que os místicos chamam *locuções interiores*... Semelhantes locuções produzem-se, às vezes, sem que ela esteja em êxtase, inesperadamente. De uma vez, estando eu a falar, ela interrompeu-me: «Cale-se», e quedou-se na atitude de quem escuta uma voz interior... Ela própria declara que as locuções interiores, na maioria dos casos, partem do seu Anjo da Guarda, que ela ouve falar ali a seu lado. Quando recebe visita desconhecida, e mesmo que se encontre no estado normal, ela ouve breves informes sobre defeitos de carácter e os pecados do visitante. Estas informações têm feição bem positiva: em geral, o Anjo manda-lhe que repita em voz alta... Foi um dia visitá-la uma senhora. De repente, em meio da conversa, Teresa disse: «Foi uma acção má a que praticastes naquele momento, não torneis a repeti-la: lançastes ao chão e calcastes uma imagem de St.^a Teresa do Menino Jesus. Bem sei que foi um ímpeto de zanga: as dores do ouvido não desapareciam e julgastes que tinham sido inúteis as vossas orações!»! A senhora ficou petrificada, não sabendo explicar como é que Teresa tivera conhecimento do sucedido... Atravessava ela um dia a rua com o professor Wutz; de súbito disse: «está aí alguém que me quer fotografar». Ora não

se via por ali nenhum fotógrafo. O professor Wutz virou-se na direcção por ela indicada e descobriu, entre a multidão, um jovem disposto a tirar uma fotografia... Tudo isto, concluiu Kaplan Fahsel, leva-nos a pensar em lendas e fadas; mas quando pessoalmente constatamos tais fenómenos, sentimo-nos forçados a reflectir... Nem podemos esquecer que Teresa fala de continuo no homem refulgente que se conserva à sua direita».

Com referência ao facto de os Anjos intervirem nos colóquios dos peregrinos e dos penitentes com o Padre Pio, disse tive eu a prova nas circunstâncias que passo a relatar.

Múltiplas vezes me succedeu não saber como explicar difíceis problemas espirituais. Para me dar resposta adequada precisaria o Padre de me pedir explicações mais claras. Pois ele nunca o fez; deu-me sempre a resposta desejada após ter-se recolhido uns instantes, de olhos semicerrados e um ligeiro erguer de cabeça, como quem está absorto em conversa segredada por alguém ao ouvido. Este alguém — estou mais que certo disso — era o meu Anjo da Guarda fazendo de intérprete.

Rematarei o presente capítulo com mais três casos, e, nos dois primeiros, também eu entro em causa.

Sucedeu o primeiro em 1950, período da minha actividade na *Casa do Alívio do Sofrimento*, o célebre Hospital criado pelo Padre Pio com o concurso generoso dos seus filhos espirituais disseminados pelo Mundo. O saudoso Dr. Guilherme Sanguinetti, que dirigia a Obra, então no começo, fixara-me o posto na

barraca — depois destruída para ceder o lugar aos actuais escritórios, ao longo da Rua do Convento. Ali se recebiam, entre outras coisas, as ofertas para o Hospital nascente, bem como as assinaturas do periódico *A Casa do Alívio do Sofrimento*. Uma tarde chegou uma tal senhora D. C., duma cidade do Sul. Deixa ela uma esmola para a casa, lastimando não poder ser mais generosa. Enquanto eu recolhia as ofertas falava ela com a Senhora X, a qual, de acordo com as ideias do pároco, não via com bons olhos o zelo da Senhora D. C. «É de recear que, por causa destas colectas para a Casa Hospital, os fiéis percam o interesse pela freguesia...» Volvido pouco tempo a Senhora D. C. foi-se embora. Mal passaram trinta minutos quando a Senhora X, entra pela *barraca* dentro e diz: «fazia favor de não continuar a mandar o Jornal para mim. Compreende — acrescentou, como quem se desculpa — já assino tanta coisa que nem tempo tenho para lhe dar uma vista de olhos». Fiquei pasmado; até o jornal! O jornalzinho era o eco do que ia sucedendo em St.^a Maria das Graças e, por isso mesmo, pediam-no de toda a parte na Itália e fora da Itália, em tal número que até se atrasava o seu despacho. Era, pois, estranho o procedimento da Senhora X., para mais sendo ela filha espiritual do Padre Pio, a quem visitava com frequência e, desta vez, até lhe trouxera como presente um objecto destinado ao culto. Pois não tinha escrúpulo de censurar as despesas do Hospital e suspendia a assinatura do jornal que ia, de longe, levar-lhe as notícias do pai espiritual.

A Senhora X. lá se foi, depois de ter escrito ela própria na ficha correspondente: «não tornem a mandar o jornal». Passada uma hora escassa, volta de novo a entrar no escritório; desta vez, convulsa e desfeita em lágrimas: «Por caridade, façam-me uma ficha nova. Oh! meu Deus! eu nem sei o que sinto!» Tendo-se acalmado um pouco, a Senhora X. contou como acabara de encontrar o Padre Pio no corredor do rés-do-chão; ao querer entregar-lhe o embrulho com o tal objecto para o culto, o religioso sem parar, rejeitou-o encarando-a com desprezo!

Foi testemunha presencial desta ocorrência um meu íntimo amigo de infância. Já três anos antes e quando ainda nem por sonho pensávamos em vir a ser cooperadores do Hospital, fôramos ambos testemunhas e protagonistas de outro episódio, talvez a mais cara e inolvidável recordação da nossa vida.

Corria 1947. Acabara eu de me confessar, coisa que há catorze longos anos não fazia. A alegria de ter novamente recuperado a Amizade de Deus trasbordava-me da alma e, com espontaneidade, queria que todos a sentissem. «Ó Nicolau, queres também ser feliz? Anda daí, vamos ao Convento!» Nicolau Viscio não voltara a confessar-se desde há quatro anos e, silencioso, resistia ao meu convite. Fui-o observando e convenci-me de que era necessário ajudá-lo a vencer aquela atitude passiva, irresoluta. Sucedia-lhe o que me sucedera outrora: a crise interior revelava-se na má disposição e no desassossego que não sabia explicar. E eu teimava: «Anda, vamos ao menos à igreja visitar N.ª S.ª das Graças». De-

pois, na igreja, tentei ir mais longe: «Já agora porque não iremos cumprimentá-lo à sacristia?». Muito dócil, Nicolau acompanhou-me em silêncio e lá ficamos à mistura com os homens, em monte. O Padre chegou breve. Calmo e recolhido dirige-se para o confessionário entre o aperto dos que o rodeiam para lhe beijar a mão. Ouvem-se vozes daqui e dali: Padre, Padre! gritava um pobre homem com um filho paráltico nos braços. Porém o Padre a ninguém atende e levanta as mãos para evitar que lhas beijem. Lança em redor um olhar perscrutador e logo se encaminha para nós com passo decidido. Após um momento de surpresa minha, parece-me que compreendo aquele gesto. Mal tendo olhado para mim, o Padre Pio dirige-se ao meu companheiro e pergunta-lhe: «Diz lá, donde és? Como te chamas?».

«Nicolau... sou de San Giovanni Rotondo» balbucia o interpelado num pasmo incrível e vermelho como um pimento.

«E onde estiveste até hoje? Escondido no mato? Bom, bom, vem daí comigo». E sem mais, com um gesto quase teatral e com sorriso malicioso, o Padre puxa por uma orelha do homem e arrasta-o para o genuflexório caruncho do confessionário. Alguns minutos após, Nicolau Viscio comovido e radiante, deixava o confessionário. Foi preciso que alguém o levasse, quase pela mão, até à sacristia; o resto... foi tudo obra do bondoso e invisível Amigo — o Anjo da Guarda.

Ainda um terceiro factó.

«Na visita que em breve contas fazer ao Padre

Pio, não te esqueças de lhe perguntar se deves voltar para Ascoli Piceno ou continuar em Ancona; se te deves casar; se o teu falecido irmão se salvou. Procura também que o Padre te ponha a mão na cabeça. Tem cuidado com o frio de San Giovanni Rotondo.

Eram estas as recomendações que de Ascoli Piceno mandava a mãe de José Cinelli, empregado de escritório em Ancona. A carta leva a data de 18 de Dezembro de 1948; mas José não a pôde ler, visto que, na mesma altura em que o correio a levava para Ancona, viajava ele para o Sul da Itália, a caminho de San Giovanni Rotondo, onde chegou a 20 de Dezembro. Chegada a vez de se confessar, as perguntas que ele fez ao Padre foram exactamente as que preocupavam o coração da mãe: se devia sair de Ancona; qual a sorte do defunto irmão; se devia casar.

Respostas do Padre: «Não, não deves ir para Ascoli Piceno, mas para Roma (cidade em que Cinelli nunca pensara). Quanto ao irmão o religioso disse com entusiasmo: «Alegra-te, alegra-te; está no Paraíso». Respondeu também sobre o casamento. José Cinelli não pedira ao Padre Pio que lhe pusesse a mão na cabeça; mas esta omissão foi suprida, pois o Padre pôs-lhe as duas mãos sobre a cabeça, abanando-lha e dizendo: «não é a cabeça que regula mal» (resposta clara à ansiedade da mãe de José, receosa de que a vivacidade excessiva do filho degenerasse em desarranjo mental). Mesmo com referência à recomendação materna de que se acautelasse do frio, foi o Padre Pio que lha recordou: «tem cuidado com as correntes de ar».

Em tudo isto há um facto de verdadeira e autêntica revelação, que os racionalistas não conseguem explicar — saibam eles ao menos reconhecer esta incapacidade — e que faz desabar todas as estruturas doutrinárias architectadas pelos que negam a Deus, a imortalidade da alma e os seres espirituais amigos e auxiliares dos homens. É mais um facto que só pode explicar-se graças à luz divina transmitida aos Anjos e que estes, por sua vez, comunicam aos filhos de Deus. Porventura não são esses espíritos ministros ao serviço de todos aqueles que trabalham para conseguir a salvação?» (206).

O ANJO É OBEDIENTE

O que atrás expus sobre os Anjos como intermediários entre os fiéis e o Padre Pio é uma simples descoberta minha e muito relativa. A minha ignorância era absoluta em matéria religiosa e, de início, passei por um período em que tudo eram apenas suspeitas; depois a minha descoberta foi-me facilitada pela narração de alguns factos em Pietrelcina e por citações ligeiras de algum biógrafo.

Aparece-nos o Padre Pio a aludir à presença do Anjo da Guarda logo aos vinte anos, encontrando-se então convalescente em Pietrelcina. Conta-se que nessa altura nunca se preocupava com fechar a porta quando saía de casa; mas, se de tal coisa o advertiam, era certa a resposta: «O meu Anjo é que guarda a casa».

Certo dia, o seu íntimo amigo Don Salvatore Punnullo — o tio Tore, como em família o tratavam — recebeu uma carta em que estava também interessado o Jovem Irmão (Frei Pio). O bom do Sacerdote abriu a carta, desdobrou a folha... Estava tal qual o remetente a tinha tirado da gaveta, sem uma letra sequer; apenas, ao alto, o nome do Convento donde vinha.

«Piuccio, és capaz de explicar isto?»

«Ó tio Tore, foram aqueles maus», respondeu Frei Pio, inspirado pelo Anjo da Guarda. *Aqueles maus* (conforme ele a seguir explicou) eram os demónios que tinham surripiado a folha escrita, substituindo-a por aquela em branco, só para lhe causar aborrecimento. Então, e auxiliado pelo Anjo Bom, o Padre Pio reconstituiu a carta com toda a precisão. Os demónios tiveram de engulir em seco e bem podemos imaginar quanto se terão divertido com o caso os Anjos da Guarda do Padre Pio, do tio Tore e o do próprio remetente da carta.

Entretanto o episódio fora tão singular que deixou na alma de Don Salvatore certas suspeitas. E assim escreveu, às escondidas, ao autor da missiva (o Padre Agostinho de S. Marcos in Lamis, já aqui mencionado), pelo qual soube que «Piuccio» não se enganara: a reconstituição da carta correspondia exactamente ao original. Não havia, pois, a mínima dúvida: *Piuccio* estava marcado pelo dedo de Deus.

Estou convencido que, após este acontecimento, os Anjos da Guarda ficaram a ser o objecto de longas conversas e de ternas confidências entre os dois amigos. Com efeito, se dermos crédito a uma sobrinha de Don Salvatore (já falecido) cada qual tinha o costume de salvar o companheiro celeste do outro; recorda-se ela de ter lido no verso duma carta do tio Tore ao Padre Pio: «Saúda o teu Anjo da minha parte».

Tais são os factos que me induziram à minha descoberta. A seguir vieram as primeiras experiên-

cias pessoais. Interrogava este e aquele dos meus amigos e conhecidos; ligava mais valor a determinadas expressões do Padre; fiz as primeiras buscas bibliográficas, sempre na pegada daquelas minhas intuições. Bem sei que tudo isto são pequeninas migalhas que eu consegui ajuntar; mas a minha indignidade e a grande humildade do Padre Pio, que o leva a esconder o que vale — e ele vale muito mais do que tudo o que se possa imaginar — não nos deixam ir mais longe. Todavia, é tudo bem significativo e é quanto basta para suprimir qualquer dúvida acerca do convívio familiar dos Santos Anjos com o Padre e acerca da sua mútua cooperação.

«Que o Anjo de Deus te acompanhe» é, com frequência, a frase de despedida aos peregrinos, que partem do Convento. «Que o Anjo de Deus te acompanhe e te abra as portas» são ainda os votos dele, quando lhe pedem orações e ajuda em pretensões de resultado incerto. Outra expressão que lhe aflora aos lábios a cada passo, é esta: «Que o Anjo de Deus seja a tua luz, o teu auxílio, a tua força, o teu conforto, o teu guia».

A senhora Lina Bottio, de Vicence (Via A. Rossi 53) conta o que segue: «A 1 de Outubro de 1956, confessei-me ao Padre Pio. Pedi-lhe um conselho que me servisse de guia na vida. Respondeu: «Pois que isto te sirva de guia: conserva-te sempre na presença de Deus; trabalha e vive na sua presença. Lembra-te do Anjo da Guarda, sempre tão perto de ti, quer estejas ou não estejas na graça do Senhor; que maior amigo poderás ter do que o Anjo da

Guarda? Pede-lhe que te ajude a conservares-te na caridade, na humildade e na paciência».

A insistência do santo religioso junto dos fiéis, para que invoquem frequentemente o Anjo da Guarda, tornou-se mais característica nestes últimos tempos. Todas as vezes que o meu caro concidadão, o Dr. António Moscio, deixa San Giovanni Rotondo para regressar à Universidade de Nápoles, o Padre Pio recomenda-lhe: «Invoca muitas vezes o teu Anjo da Guarda».

Na presença de várias pessoas, entre as quais eu me encontrava, um forasteiro pediu ao Padre que o ajudasse de longe; serviria de intermediário o Anjo da Guarda. «Está bem, volveu-lhe o Padre, contanto que o mandes ter comigo...».

A senhora Julia Del Villano, de Roma (Via E. Filiberto, 43) perguntou ao Padre, ao deixar o confessorio: «Padre, dá-me licença para mandar ter com V. Rev.ª o meu Anjo da Guarda?» Com toda a vivacidade o Padre respondeu-lhe: «Ótimo! E então já as coisas não serão como dantes! Tu nunca o mandaste ter comigo!»

Ficamos às vezes surpreendidos ao ouvir o Padre Pio ser o primeiro a aconselhar aos peregrinos que lhe enviem o Anjo da Guarda. «Quando for necessário, manda o teu Anjo da Guarda ter comigo» disse ele à senhora Amélia Banetti, de Turim, de quem falaremos abaixo mais por extenso. A senhora Adda Stulla, de Génova, que lhe pedira que fosse o seu director espiritual, respondeu: «Reza ao Anjo da Guarda, e manda-o ter comigo sempre que for preciso».

Enfim, é coisa particularmente notória que o Padre não admite, de forma nenhuma, que se duvide da vinda dos Anjos da Guarda a San Giovanni, donde quer que eles se encontrem, perto ou longe. «O Anjo é muito obediente» afirma ele. «É obediente e cheio de solicitude» repetia ainda ao Dr. Feruccio Zernar di Motta, de Livenza (provincia de Treviso).

Franco Rissone, prezado amigo meu, que reside agora nos Estados Unidos, todas as noites, lá do Hotel, onde se hospedava em Rotondo, enviava o Anjo da Guarda ao Padre Pio. Persistia, no entanto, certa dúvida no seu espírito sobre se o Anjo iria ou não iria ao Convento. Um dia, ao confessar-se, perguntou ao Padre: «V. Rev.ª ouve realmente o que lhe mando dizer pelo Anjo da Guarda?» Retrucou o religioso: «Mas então julgas que estou surdo?»

A senhora Franca Dolce, que fixara residência no burgo de St.ª Maria, apesar de não ser natural dali, narra o exemplo que segue e que é ainda mais típico: «Padre, disse-lhe ela certa manhã no fim da confissão: uma destas noites mandei o Anjo da Guarda tratar com V. Rev.ª uns assuntos delicados. Veio ou não veio?».

Respondeu logo o Padre Pio: «Julgas, porventura, que o teu Anjo da Guarda é tão desobediente como tu?».

«Bom, então veio; e que é que ele lhe disse?».

«Ora essa, disse-me o que tu lhe dissesse que me dissesse».

«Mas que foi?».

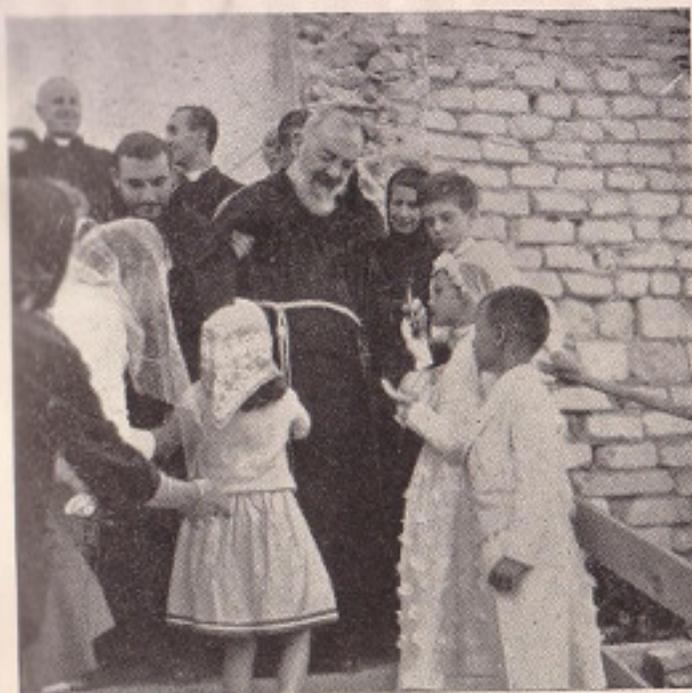
«Disse-me...» e o Padre Pio repetiu, com sur-

precedente exactidão, o recado que o Anjo lhe trouxera de mando da senhora Dolce!

M. Lauzzana Giovanni Nino, tinha ainda algumas dúvidas acerca da obediência dos Anjos; totalmente se lhe desvaneceram nas circunstâncias seguintes. A 16 de Abril de 1956, Lauzzana, morador em San Vito di Fagagna (província de Udine) tinha ido a Genzano (província de Roma) para ser padrinho do menino Daniel, filho de Luís e Maria Ferruzi, seus amigos. Anteriormente ao baptizado, que foi na igreja nova de Genzano, desejava ele inenso que o Padre Pio — espiritualmente presente — tomasse o neófito sobre a sua protecção e o abençoasse. Nesse intuito, recolheu-se Lauzzana em oração e enviou o Anjo da Guarda ao Convento de Rotondo. Dias após foi o padrinho de Daniel a San Giovanni, e, por sorte, encontrou o religioso. Como sucede, com frequência, na presença do Padre Pio, Lauzzana não se atrevia a falar-lhe; foi o próprio Padre que se lhe dirigiu com estas palavras, que o desnortearam: «Es pagão... Já o não és...». Calou-se uns segundos e precisou: «Não o é...». Segue-se outra pausa para logo dizer: «Crês? Não crês...». Novo silêncio, após o qual mais estas palavras: «Mas agora crês...». Lauzzana estava petrificado e só pôde dizer: «Agora creio, agora creio».

Há um facto extraordinário que dissipa, de todo, qualquer dúvida sobre a obediência dos Santos Anjos e a sua actuação como mediadores entre o Padre Pio e seus filhos espirituais. Deu-se com a senhora Amélia Banetti.

Em 1945 — terminara a grande guerra — a se-



O Padre Pio com as crianças que acabavam de realizar a primeira comunhão. Em Itália, os pais consideram como uma graça a possibilidade de seus filhos receberem do Padre Pio a sua primeira comunhão.



A benção do Padre Pio no fim da missa

nhora Banetti morava no campo, a alguns quilómetros de Turim. Na manhã de 20 de Setembro, aniversário da estigmatização do Padre Pio, conforme o hábito de todos os filhos espirituais do religioso, quis ela também expedir um telegrama de cumprimentos para San Giovanni. Mas, por mais voltas que desse, não conseguiu encontrar ninguém que fosse à cidade, ao correio. Estava a senhora desoladíssima. De repente recorda-se da recomendação que lhe fizera o Padre Pio, ao despedir-se dela na última vez que fora ao convento: «Quando for preciso, manda o teu Anjo da Guarda ter comigo». Imediatamente se concentrou e fez esta rápida oração: «Ó meu bom Anjo, levai vós próprio os meus cumprimentos ao Padre, pois não tenho outra forma de lhos mandar». E o Anjo partiu, mais veloz do que o relâmpago! Eis a prova: alguns dias depois, a senhora Banetti recebia uma carta da senhora Rosine Placentino, de San Giovanni Rotondo: «o Padre pede-me que vos agradeça em seu nome os votos espirituais que lhe enviastes».

Esta carta guarda-se como documento precioso. E, quanto às duas senhoras, conheço-as perfeitamente. Nem posso duvidar da sua boa fé e sinceridade.

Os Anjos da Guarda são, pois, obedientes, mas com uma condição: «Não se devem mandar ter com o Padre para lhe dizer bagatelas» (palavras textuais do Padre Pio).

«ADORMECESTE»

«Entrega-te confiadamente ao Anjo da Guarda». Nunca insistiremos demais nos benefícios auferidos da prática desta exortação paternal, aliás tanta vez surpreendida nos lábios dos Santos. Os episódios atrás expostos são disso prova eloquente, nem deveríamos aduzir outros, mesmo para não cansar o leitor. E-nos, porém, impossível omitir um último facto sem dúvida alguma prodigioso.

Sucedeu com o advogado Attilio de Sanctis (Via Fabio Filzi, 35, Fano, província de Pesaro), com quem pessoalmente tratei diversas vezes, muito apreciado na Itália e no estrangeiro. Pela sua simplicidade, rectidão e religiosidade, foi escolhido há anos para ser um dos cinquenta conselheiros da Casa do Alívio do Sofrimento. Convém advertir que De Sanctis conhecia desde menino o célebre quadro do Anjo da Guarda, da autoria de Guerchin, que se venera na igreja de St.º Agostinho de Fano, diante do qual rezara amiúde. Ultimamente, e poucos dias antes do acontecido, o Dr. Attilio visitou o Padre Pio e, com a família, peregrinou até ao Santuário de São Miguel, na cidadezinha próxima do Monte Sant'Angelo. A sua devoção ao Anjo da Guarda era notória; todos os dias

lhe rezava a tão sabida oração *Santo Anjo do Senhor...*

Eis o que lhe sucedeu, contado pelas textuais palavras de De Sanctis. «A 23 de Dezembro de 1949, antevéspera do Natal, resolvera eu ir de Fano a Bolonha buscar o meu terceiro filho, Luciano, aluno do colégio *Pascoli*; comigo iriam minha mulher e os outros dois filhos, Guido e João Luís. Fariamos a viagem no meu carro Fiat e partiríamos às seis horas da manhã. Acordei eu às duas horas e não consegui mais pegar no sono; o resultado foi a má disposição física em que eu estava ao partir, enfraquecido pela insónia. Guiiei até Forli, onde, extenuado, cedi o volante a meu filho Guido. Uma vez em Bolonha fomos buscar Luciano ao colégio, demos umas voltas pela cidade e, às duas horas da tarde, resolvemos regressar a Fano. Guido tomou o volante, mas depois eu teimei em guiar de novo, pelo menos até às proximidades da cidade. Guido ia ao meu lado; atrás, os pequenos falavam com a mãe. Ultrapassada a região de S. Lázaro, senti maior fadiga: pesava-me a cabeça e fechavam-se-me os olhos. Quis deixar o volante, mas Guido adormecera e não tive coragem para o acordar. Lembro-me de ter feito uns zigue-zagues... Do mais que aconteceu não tenho a mais pequena ideia. A alturas tantas, retomo consciência, despertado súbitamente por um ruído ensurdecedor, como se eu tivesse carregado a fundo no acelerador. Olhei para a estrada e vi que estávamos a dois quilómetros de Imola. Desnorteado e em sobressalto perguntei: Como é que o carro pôde avançar?... Que foi que aconteceu?... Di-

gam lá!... Não aconteceu nada?... Enquanto assim fazia perguntas e mais perguntas, numa ansiedade enorme, minha mulher e os filhos continuavam, tranquilos, a sua conversa. Por fim responderam: Não, não aconteceu nada! Por que é que perguntas isso?... Contei-lhes, então, o que se passara. Só neste momento é que meu filho Guido acordou. Ninguém acreditava no que eu lhes dizia. Podia lá ser que o carro continuasse a caminhar, sem ninguém ao volante!... Afinal sempre concordaram em que, de facto, eu permanecera imóvel um grande pedaço, não respondendo às perguntas que me tinham feito, nem tomando parte na conversa. Disseram até que, por vezes, tinham tido a impressão de que o carro ia esbarrar-se contra os outros, mas que eu tinha manobrado hábilmente e ultrapassara vários automóveis, entre eles o do célebre corredor Renzi... Só aqui é que eu lhes disse que não dera por nada, pela simples razão de ter adormecido a valer; tanto, que me sentia agora bem disposto e livre daquele cansaço que me dominara. Em resumo, o sono por que eu passara ao volante corresponde ao tempo que o carro levou a perfazer vinte e sete quilómetros, mais ou menos!

Posto a reflectir sobre o sucedido e ao imaginar a catástrofe de que eu e a família tínhamos escapado, fiquei numa violenta comoção, meio transtornado e pálido, conforme os meus diziam. Acalmei pouco a pouco e agradei ao Senhor o auxílio milagroso com que nos acudira.

Passados dois meses — precisamente no dia 20 de Fevereiro de 1950 — fui a San Giovanni Rotondo.

Afortunadamente encontrei o Padre Pio na escadaria do Convento: falava com um capuchinho para mim desconhecido — O Padre Ciccioli, de Pollenza (provincia de Macerata), segundo soube depois. Conteí ao religioso o que se passara e pedi-lhe uma explicação daquela incrível aventura. Tendo-se recolhido um instante, o Padre respondeu: «Tu adormeceste e o teu Anjo da Guarda guiou o carro enquanto tu dormias».

«Está a falar a sério? meu Padre. É verdade o que me diz?».

O padre insistiu: «O teu Anjo protege-te» e logo, pondo a mão sobre o meu ombro, ajuntou: «Sim, adormeceste e o teu Anjo da Guarda guiou o carro durante esse tempo».

Depois o Padre lançou um olhar perscrutador ao Padre Ciccioli, que manifestava um pasmo enorme.

Após esta conversa, precipitei-me numa fugida ao correio de Rotondo e, num telegrama, expus à família a interpretação que o Padre Pio dava ao acontecimento de há dois meses!...»

Outrora, para provar a verdade duma sentença, recorria-se à autoridade do personagem que a tinha proferido. Afirmava-se: *Magister dixit* — o Mestre assim o disse; e não se discutia mais. Hoje parecem-nos gratuito semelhante testemunho e vem-nos a tentação de perguntar, a propósito do caso exposto: «Devemos acreditar em que o Anjo guiou o automóvel, simplesmente porque o Padre Pio o afirma?». Eu respondo: «Sim».

Na verdade, se reflectirmos um pouco na perso-

nalidade do Padre Pio, se o conhecemos algum tanto, se — como a São Tomé — nos foi permitido palpar para crer — não fica lugar possível para dúvida e, então, somos levados a afirmar: *ipse dixit*: foi ele que o disse. Por outro lado, como explicar o facto de um homem que, ao volante, se esforça por lutar contra o sono, que é vencido pelo sono e que, não obstante, consegue fazer vinte e sete quilómetros, quando nós conhecemos as tragédias causadas por uns segundos apenas de distração ao volante?!

OS ANJOS E OS FENÓMENOS MÍSTICOS
DO PADRE PIO

**ORIGEM DA PUBLICAÇÃO DESTE
LIVRO NA INTERNET POR**
<http://leiturascatolicas.blogspot.com/>

Diz-se que o Padre Pio possui o dom da profecia. É exacto e eu posso confirmá-lo com exemplos.

Há alguns anos eu fiz um projecto que expus ao santo religioso, como quem pedia conselho, mas que ele repeliu com tal presteza que me deixou em pasmo: «Quem é que te sugeriu essa ideia? Cuidado! Cuidado!» Tratava-se de um plano de fácil realização, honesto e que parecia não envolver nenhuma complicação ou perigo. Pois bem, o Padre teve toda a razão em se lhe opôr; com efeito, passados meses, as circunstâncias evoluíram de forma tal que, se eu houvera executado o meu projecto, estaria a braços com desastrosas consequências.

Quem não recorda os dias anteriores ao famoso 18 de Abril de 1948, dia em que na Itália fomos chamados às urnas? O comunismo era o pesadelo de todos, em particular dos católicos. Quantos votos conseguiria a foice e o martelo? Surgiria na Itália nova ditadura, pior do que a do fascismo desmoronado? O Vaticano, ansioso da salvaguarda da religião, não era dos últimos a preocupar-se. Que deveria fazer-se? Como as eleições iam realizar-se dentro de dias,

S. S. Pio XII resolveu pedir conselho ao Padre Pio, por intermédio de um homem de toda a confiança. Ora o Padre Pio respondeu categoricamente que era necessário agir; e, categoricamente, fez esta predição: «Dizei ao Santo Padre que a vitória será nossa e que será uma vitória retumbante».

Como todos sabem os factos comprovaram a profecia do Padre Pio: os católicos ganharam em toda a linha!

Este successo tornou-se público na capital um mês depois, através de uma confidência de personagem de destaque no Vaticano ao Dr. Francisco Morcaldi e deste ao Rev.º Dom Domingos Labellarte, do Colégio romano Caprânica, homem justamente célebre; eu próprio recebi também a mesma confidência.

Não quero alongar-me com outras predições do santo religioso: regresso de soldados da frente de batalha ou do cativo; falecimento de tal e tal pessoa; indicação do sexo de crianças nascituras... Todavia, a respeito deste último particular — indicação do sexo de crianças prestes a nascer — vou citar um facto na realidade típico e interessante.

A senhora Poggiani, de Veneza, decidira ir pela primeira vez a San Giovanni: «Olhe que o Padre conhece o futuro» disse-lhe uma amiga, a senhora Andretto Leonarda (Via Dardanelli, 47, Lido de Venise); «quer uma prova? Pois então, logo que se encontre com o Padre Pio no confessionário, pergunte-lhe que nome hei-de eu dar ao menino que nascerá daqui a um mês». A senhora Andretto estava no oitavo mês da gravidez e falou desta forma à senhora

Poggiano, uma tarde, há dezoito anos. Tinha ela a ideia fixa de que seria mãe de um menino e esperava, ansiosamente, que o Padre Pio confirmasse esta sua esperança por meio da senhora Poggiani. Foi esta, efectivamente, a San Giovanni e, na confissão, disse ao religioso: «A senhora Andretto, de Veneza, espera o nascimento de um menino e gostaria imenso que V. Rev.ª lhe indicasse o nome, que deve pôr-lhe no baptismo».

«Um menino?! Um menino?! Não, é uma menina!» interrompeu o Padre, quase impaciente. E depois de ligeira pausa: «Tal é a vontade de Deus...» Ao fim dum mês a senhora Andretto dava à luz, numa clínica de Pádua, uma menina a quem deu o nome de Maria Francisca Pia.

Outro dom que se atribue ao Padre é o de *ver a distância* as coisas e os acontecimentos. Provam-no os factos seguintes, escolhidos entre quantidade de outros idênticos.

O primeiro relatou-mo um antigo professor de francês e matemática, Matteus Merla, hoje ecónomo da Casa do Alívio do Sofrimento. Estava o professor no jardim com o Padre Pio. De súbito, abeira-ra-se um homem em completo estado de excitação e lança-se aos pés do religioso. Vinha duma cidade nortenha da Itália e, entre soluços, põe-se a falar dum parente, a braços com uma grave doença e condenado pelos médicos. Com palavras de viva ansiedade pedia por ele ao Padre. Retirou-se o pobre homem e Merla, de novo sózinho com o religioso, não conteve o pasmo: «Padre, então nem uma palavra de

conforto dissestes àquele infeliz?! quando eu — que não sou o Padre Pio — mal pude conter as lágrimas!»

«Tu não imaginas como se me despedaçava o coração ao vê-lo» murmurou o Padre ao ouvido do professor. Calou-se um instante e ajuntou: «Realmente está muito mal». Novo silêncio e, abanando a cabeça com tristeza e inclinado para o professor, logo rematou: «Morreu».

Uma tarde, estava eu na sacristia à espera de vez. Silenciosos, estrangeiros e nativos, iam-nos acercando do confessional. De repente o Padre levanta-se: de cabeça baixa, preocupado e perplexo, avança para uma porta da sacristia que dava para a igreja. Abriu-a e parou. Diante do altar-mor duas mulheres rezavam com fervor; o Padre chamou-as com um gesto e disse-lhes, erguendo as mãos e os olhos ao Céu: «Voltai para casa o mais depressa possível e tende confiança no Senhor, a fim de que não chegueis tarde demais para o poderdes ainda ver».

Espanto e aflicção das pobres mulheres. Coitadas! acabavam de chegar ao convento para recomendar ao Padre um parente muitíssimo doente. Se eu quis deixar consignados aqui estes exemplos comprovativos do *dom de profecia e de visão a distância*, é porque também deles se não pode excluir a intervenção dos Anjos.

Dionigi Petavio — teólogo a quem se deve um dos melhores tratados sobre os anjos — escreve acerca do dom da presciência dos profetas: «Os Anjos eram, geralmente, os ministros e os intérpretes das predições celestes» (207). S. Tomás defende a

mesma tese (208). E quanto ao papel afectivo dos Anjos no fenómeno da visão a distância, o Padre Pio confirmou-no-lo igualmente. A senhora Mariuccia Chialeri (de Salé, província de Alexandria) contou-me que, tendo interrogado o Padre sobre o destino de uma pessoa cristãmente falecida há pouco, elle respondera: «O Anjo ainda não voltou».

Resta-nos, por fim, averiguar se os Anjos intervêm também noutras manifestações misteriosas: o *fenómeno do perfume* e o da *ubiquidade*, aos quais o Padre Pio deve muito da sua fama.

O fenómeno do perfume é largamente conhecido. Um aroma por vezes indefinível e agradável, assemelhando-se ao ácido fénico, ao pão fresco, à violeta, ao lírio, à menta, à rosa, ao jasmim e a outras plantas, exala-se do Padre como dum canteiro de flores, impregnando-lhe as roupas, a cela, o coro, o corredor e a sacristia que elle vai atravessando. Mais: este fenómeno singular sente-se ao longe, a distâncias inverosímeis! Temos disso testemunhas a esmo, em face dos quais seria simplesmente ridículo duvidar do fenómeno, mau grado certo personagem que, numa linguagem digna de Garibaldi, clamava há pouco: «É preciso acabar com esses contos acerca do Padre Pio!»

O perfume faz-se notar assim às ondas, como se fora levado pela brisa, e entra pelas narinas como a querer afastar toda a hipótese de auto-sugestão. Os fiéis dão interpretações diversas: para uns o cheiro a pão fresco, por exemplo, é um convite do Padre à Sagrada Comunhão (interpretação digna de ponde-

rar-se e que eu tenho por aceitável); o ácido fénico seria um apelo à mortificação e à penitência; todos os perfumes, em geral, marcariam a presença espiritual do Padre, um estímulo à prática da virtude da Fé ou à aceitação favorável de um pedido. Eu próprio senti estes perfumes centenas de vezes, em coincidência com os mais difíceis períodos da minha vida. Os aromas agradáveis precedem ou anunciam o despacho de uma graça. Citarei, a propósito, o sucedido à jovem Maria Josefa La Porta, de San Marzano (Tarento). Havia três anos que um sofrimento inexplicável transformava a sua juventude em drama desesperante, medonho. Era um incómodo para todos e movia à compaixão a quem quer que dela se acercava. Alucinada, de olhar vago, emitia sem relaxes sons lastimosos, espécie de queixas lamuriantes, com um balancear contínuo e desgraçoso do corpo, que simultaneamente excitava comiseração e riso.

Vi Maria Josefa neste aflitivo estado no longo corredor do rés-do-chão do convento; estava ela apoiada à parede e, a um canto, uma sua irmã soluçava no meio dum grupo de mulheres, que se esforçavam por consolá-la. Também lá estava o pai, um camponês chamado José, e duas tias taciturnas. Uma senhora idosa, dominada pela compaixão e toda aflita, não conseguia calar-se nem estar queda ante espectáculo tão comovente. Mas quem estava no auge da impaciência, sem poder aguentar mais, era o dono do *táxi* que trouxera a família La Porta. Ouvira ele as contínuas lamentações da rapariga, durante a viagem de San Marzano a San Giovanni Rotondo, e uni-

ra-se à esperança que os seus passageiros tinham num milagre. Afinal o milagre não se deu... e o homem receava dar em doido. Sucedeu até que, depois da distribuição da Sagrada Comunhão, às nove horas, e quando no corredor apareceu o Padre Pio, este se mostrou bastante áspero com a pequena: «Que necessidade tens de gritar desse modo?».

Logo, porém, o seu rosto se desanuviou maravilhosamente; ao franzir do sobrolho seguiu-se um sorriso afectuoso e paternal: «Vai em paz, minha filha,» disse o Padre dando-lhe a benção e pondo-lhe a mão direita, meio enluvada, sobre a cabeça. E mais nada... Desiludido, o motorista céptico voltou com a família La Porta para o largo da igreja, pôs-se ao volante e arrancou.

Entretanto o Padre Pio entrou na tribuna que dá para a igreja, esteve um momento em oração e regressou à sua cela — o número um — pelos corredores sombrios do convento. Parecia triste e preocupado.

«Viste aquela infeliz rapariga?» perguntou ele a um engenheiro. Abanou a cabeça e acrescentou com acento dolorido: «Que pena ela me causa!»

Ora foi nesse momento, mais ou menos, que o milagre se deu. O *táxi* dos La Porta ia já a vinte e cinco quilómetros de San Giovanni. Estranhando um cheiro esquisito, que lhe pareceu de óleo queimado, o motorista parou e examinou escrupulosamente o motor: nada havia de anormal. Mas o cheiro tornava-se mais forte. Os La Porta entreolhavam-se interrogativos, até que soltaram um grito: «Oh! é incenso! E o cheiro

de incenso. É o perfume do Padre Pio!» Pasmava o motorista, que nada sabia do perfume do Padre Pio, e lá consigo cismava: mas o Padre Pio terá qualquer fábrica de matérias cheirosas? No mesmo instante, porém, a doente parou com as suas insistentes lamúrias, recuperou o domínio e a consciência de si mesma e mostrou-se feliz — como a princesa adormecida no bosque, de que nos fala tão antiga lenda. Volta-lhe a fala e torna a ser a rapariga sadia que ela fora antes de atingida pela terrível enfermidade, que tanto a obrigara a calcorrear a Itália, em dolorosas peregrinações, à procura de especialistas.

Quando, pouco tempo depois, (os La Porta retrocederam velozmente os vinte e cinco quilómetros), a praça do convento ecoava com os clamores de emoção da miraculada e dos pais radiantes, todos os que a tinham visto, horas antes, escancaravam olhos e boca mal podendo acreditar no prodígio. O motorista, esse ia perdendo os sentidos, em consequência da profunda comoção, que vinha sobrepôr-se aos seus nervos já destrambelhados pelas sensações precedentes. Foi preciso assentá-lo numa cadeira, gaguejante, enquanto o Padre Pellegrino lhe dava bofetadas para o reanimar. Tudo isto provocara aquele perfume a incenso, que também teve consequências moralmente salutaras sobre o motorista céptico.

A 21 de Setembro de 1956, algumas horas depois da Missa do Padre Pio, voltando eu para casa a pé, parei uns segundos a falar com a mãe do meu amigo Beni, a senhora Pierina Roversi, no estabelecimento Abresch. Inesperadamente entra uma rapariga de

uns vinte anos, num incrível nervosismo e afogueada: «Que pouca sorte!» exclama, enquanto se põe a escolher entre as fotografias do Padre Pio, expostas na montra. «Há três dias que aqui estou e há bocadinho, desesperada, disse: lá tenho que ir embora sem ter podido, sequer, beijar-lhe a mão e trocar com ele uma palavra. Nunca mais cá torno! Tanto dinheiro mal gasto para nada. Eu bem quisera não ter dito estas palavras...; é que o meu irritado monólogo foi interrompido por uma espécie de bafarada, que me entrou pelo nariz, impregnada de um perfume agradável e intenso que não consigo especificar. Fiquei atordoada! e só então é que realmente compreendi...» e, toda entregue a uma imensa alegria, concluiu: «Não, agora não só estou longe de não querer cá voltar, mas até pedirei a minha mãe que me acompanhe na próxima visita...».

A senhora Pierina, em silêncio, rebuscou atrás do balcão e passou-me meia folha de papel de carta, onde eu anotei este delicioso incidente, bem como o nome e a direcção da jovem: Maria Josefa Bellagamba, Via Vittorio Alfieri, San Benito del Tronto (Província de Ascoli Piceno).

A senhora Maria Salvadori, de Gavardo (Província de Brescia), escreve-me: «A vinte e nove de Julho de 1951, perdi dois parentes meus, num trágico acidente de automóvel, entre eles uma irmã que eu estremeia. Foram terríveis os meses seguintes, chegando eu a um estado lastimoso de prostração moral e física. Tinha comigo uma rapariga para o serviço da casa, a qual se esforçava por obrigar-me a comer e a

dormir. Uma noite de Fevereiro de 1952, pelas oito horas, subi ao meu quarto com a criada para nos deitarmos. Ao entrar nele surpreendeu-nos um cheiro intenso e indefinível. Perguntei então à pequena: «Maria, porque é que te perfumaste? Bem sabes que, no estado em que me encontro, não suporto perfumes, fazem-me doer a cabeça...».

«Ó minha senhora, está enganada, eu não me perfumei» respondeu a rapariga pasmada.

«Não me fiando nela, comecei a cheirar-lhe os cabelos e a roupa. Convenci-me do meu engano e pedi-lhe desculpa. Deitei-me; não conseguindo, porém, adormecer, pus-me a rezar pelos meus mortos até altas horas. Passaram-se duas semanas e eu esquecera já o perfume. Mas uma noite, ao entrar no quarto, voltei a senti-lo e tão forte, que me estonteava.

«Ainda terás coragem de me dizer, também hoje, que não te perfumaste?» disse eu à rapariga; e era tal a minha irritação que a moça se desfez em lágrimas.

«Garanto-lhe que não», teimava ela, «e é que nem sinto sombra de perfume». Estas palavras fizeram-me reflectir. Seriam os meus últimos desgostos, cuja ideia me perseguia por toda a parte, que me transtornavam a cabeça? Com tais cismas, e cada vez mais deprimida, deitei-me.

«Dez dias mais tarde, repete-se a aventura: no momento de entrar no quarto, sinto o misterioso perfume. Guardo-me, no entanto, de falar nele à minha criada Maria, pois ia-me convencendo que eu estava doida e que o perfume era coisa já do outro

mundo. Quem sabe se não seria a minha falecida irmã que mo fazia sentir, para me tranquilizar acerca do seu destino, que tanto me inquietava, por causa da morte brutal que ela tivera.

«Passaram-se quinze dias sem novidade; mas uma noite, ao deitar-me e nas mesmas circunstâncias, tive idêntica sensação. Desta vez foi a própria Maria que exclamou: Senhora! Ó Senhora, cá está o perfume! Que maravilha! Entro no meu quarto sob o domínio de grande excitação. Começo a cheirar e noto que o aroma se tinha localizado entre a janela e a cómoda, numa superfície livre duns setenta centímetros quadrados. Não havia dúvida possível: lá estava o perfume e só naquele local. Ali ficamos um bom quarto de hora, extasiadas, impressionadas, algum tanto assustadas...

«Alguns anos antes da tragédia que ceifara a vida da minha irmã, tinha eu ouvido falar do Padre Pio, como de um santo, que vivia perto de Foggia. Durante os dias sóbrios do luto comecei a invocá-lo de longe. Entre outras coisas, pedia-lhe a possibilidade de o visitar em San Giovanni. Finalmente, vencidos mil contratempos, pus-me a caminho de Foggia, com a minha cunhada. Só então ouvi falar pela primeira vez do perfume do Padre Pio. Estávamos na praça da estação, quase na hora da partida do correio. Tomámos lugar na carruagem e a meu lado sentaram-se duas senhoras que logo travaram conversa. Foram estas as primeiras palavras que apanhei: «Sabes que o perfume do Padre Pio se sente mesmo a distância?». Perpassou-me pelos membros

um calafrio de enregelar; só então compreendi o que se passara em minha casa. Foi tal a comoção que mal pude conter um ataque de choro...

«Tudo isto, que deixo exposto, assino-o e torno a assiná-lo quantas vezes for preciso, para glória de Deus. A princípio guardei silêncio, levada por uma natural e compreensiva vergonha, certa aversão à propaganda e, também, pelo sentimento da minha indignidade: eu merecia lá ter sido objecto de tanta bondade por parte do santo servo de Deus, qual é o nosso querido Padre, tão grande na sua humildade! O meu encontro com o Senhor Giovanni Siena convenceu-me de que o meu mutismo nem contribuía para a glória de Deus nem para a justa veneração devida ao seu servo, vivo testemunho da divina Grandeza e Verdade». (Maria Salvadori).

Já agora encaremos a questão de frente: *como é que este perfume pode sentir-se a distância?*... Desempenharão aqui os Anjos algum papel também?... Ficamos perante um mistério! Podemos inclinar-nos para a afirmativa, uma vez que sabemos da importância deles na vida do Padre Pio; não ousamos, porém, afirmá-lo categoricamente. Entre os episódios conhecidos, relativos a esse misterioso fenómeno olfactivo, nem uma só palavra do religioso capuchinho se conhece, que justifique a intervenção dos espíritos celestiais e nunca nas minhas leituras encontrei coisa, que lançasse réstea de luz sobre o assunto.

Prevalece a mesma incerteza a respeito do *fenómeno da ubiquidade*. Tal fenómeno é tão célebre como

o do perfume e apoia-se em múltiplos e irrefutáveis testemunhos. É fácil de definir o *dom da ubiquidade*: é a faculdade, que Deus concede a raros privilegiados, de estar simultaneamente em dois lugares distintos. De entre os Santos, que dele beneficiaram, lembraremos Santo António: estando ele a pregar em Pádua, ao mesmo tempo foi visto em Lisboa, no Tribunal, defendendo a inocência do pai, acusado de homicídio. Da mesma forma Santo Afonso Maria de Ligório foi visto em Roma, à cabeceira do Sumo Pontífice Clemente XIV, moribundo, sabendo-se que nessa mesma ocasião se encontrava em Norcia dei Pagani.

Poderíamos dissertar largamente acerca da ubiquidade do Padre Pio, mas esse desenvolvimento não se justificaria aqui. Seremos breves.

Sabe-se que o Padre appareceu em Roma, absorto em oração junto do túmulo de S. Pio X. Foi visto igualmente na Basílica de S. Pedro durante a cerimónia da Canonização de Santa Teresinha do Menino Jesus. Uma testemunha — amigo íntimo de Edviges Carboni, de que temos falado — conta: «Edviges, em visão, teve colloquios diversos com o Estigmatizado de Gargano, o Padre Pio de Pietralcina. Um dia, Edviges disse: falei com o Padre Pio; foi muito affectuoso comigo, como um pai com sua filha» (209).

Padre Pio apparece com frequência à cabeceira de doentes para lhes assistir no último alento, exortá-los à Fé e, muitas vezes, para os curar. Citam-se, a propósito, inúmeros exemplos e lastimo, sinceramente, não poder referir alguns. Não omitirei, no

entanto, um cuja autenticidade se nos afiguraria duvidosa, se não fosse a seriedade irrefutável de quem no-lo assevera. Por ele constataremos, ao mesmo tempo, que nos fenómenos de ubiquidade nem sempre o Padre Pio aparece com o hábito de franciscano. Há alguns anos, em Bolonha, um jovem encontrou um cavalheiro com barba e fato cinzento. Saía o moço de uma livraria onde comprara, por módico preço, certos livros religiosos de impressão antiga. O desconhecido abeira-se do jovem e, com um sorriso todo familiar, pede-lhe os livros que tinha na mão. Folheia-os depois de ler os títulos e, entregando-os, diz ao mancebo: «Com pouco dinheiro adquiriste muita luz». Dito isto seguiu o seu caminho. Passado tempo, o jovem, de nome Beni Roversi, foi com a mãe a San Giovanni — onde mais tarde fixou residência em casa do fotógrafo Abresch. Ora o rapaz reconheceu no Padre Pio aquele desconhecido que, de modo tão singular, se lhe dirigira em Bolonha e perguntou: «Êreis vós, Padre?»

«Sim, era eu» respondeu tranquilamente o religioso.

Mas Roversi não ficou de todo convencido. Voltou a fazer a pergunta duas vezes mais, obtendo a mesma resposta. Um dia, sete anos mais tarde e levado pela ideia fixa de conseguir saber a certeza, decidiu-se a pegar nos livros (que guardava cuidadosamente) e foi à sacristia mostrá-los ao Padre.

«Reconhece-os?» perguntou ele com o coração aos pulos. O Padre Pio, com a sua fleuma habitual, disse: «Gostava mais deles antes; com as capas anti-

gas tinham outro sabor...». Efectivamente a encadernação primitiva tinha sido substituída por outra de couro com títulos dourados.

Deveremos atribuir os fenómenos da ubiquidade à intervenção do Anjos? O Cardeal Lépicier pronuncia-se pela afirmativa: «Quando lemos que personagens de extraordinária santidade foram encontrados em dois ou mais lugares simultaneamente, isso não quer dizer que um mesmo corpo tenha realmente estado, ao mesmo tempo, nesses diversos sítios... A ubiquidade no caso dos Santos, consiste no seguinte: no momento em que o corpo desses Santos ocupa localmente determinado lugar, um Anjo enviado por Deus toma as feições exteriores deles e realiza, em sua substituição, os actos que eles — os Santos — deveriam realizar» (210).

O Anjo aparece, fala e procede em vez da pessoa cuja aparência tomou. É o que sucede com Teresa Neumann, por exemplo, que foi vista igualmente aqui e além, quando na realidade se encontrava *unicamente* em Koennersreuth. Perguntaram-lhe um dia se todas as aparições eram casos de ubiquidade. Respondeu negativamente e atribuiu tais aparições ao Anjo da Guarda (211).

Em opposição com Teresa Neumann, o Padre Pio, esse disse uma vez a um Padre Capuchinho, que fazia as suas reservas sobre a ubiquidade em Santo António: «Não sei se é o corpo ou se é o espírito que se desloca, mas sei para onde vou e o que faço». Numa carta do santo religioso, datada de 10 de Dezembro

de 1914 e que se se conserva ainda (212), lê-se: «Há alguns dias, o Senhor concedeu-me a graça de ir visitar Giovina; por meu intermédio, o bom Jesus derramou sobre ela muitas graças... Peço-vos que não digais nada a Giovina acerca desta visita que lhe fiz (é bom esconder os segredos do Rei...)» (213).

Resumindo: no que diz respeito ao Padre Pio, fica bem demonstrado o papel exercido pelos Bons Espíritos na sua missão terrestre. É tudo publicamente notório, já de nada se faz mistério. Na tão numerosa família espiritual do querido Capuchinho, não há ninguém que ignore que o Anjo é obediente, perfeitamente obediente. Eis a grande razão por que os seus filhos mal se queixam da distância — por mar ou por terra — que os separa do seu Pai espiritual. Dispõem de um expediente muito simples, cómodo e infalível: o Anjo da Guarda é para eles o mais aperfeiçoado meio de comunicação. Quando surge a necessidade, basta um impulso da Fé para transpor todas as barreiras do espaço (214).

XXIII

ATÉ À ETERNIDADE

Missão de responsabilidade incumbe ainda aos Santos Anjos no momento decisivo da existência, quando está em remate um destino e outro vai iniciar-se, imutável: o *Além*, terrível ou glorioso; o Céu ou o Inferno!

Feliz do homem que, numa constante docilidade aos conselhos e santas sugestões do Anjo da Guarda, nunca infringiu a Lei de Deus e soube viver santamente na prática diária da virtude e dos deveres cristãos. Então, mais do que nunca, o Anjo estará perto dele, prepará-lo-á para a última viagem e, como lenitivo para os derradeiros momentos, comunicar-lhe-á serenidade e até alegria nunca experimentadas. O seu passamento será suave como o de todos os justos, como o de todos -que adormecem nos braços do Senhor, como o daquele santo teólogo que exclamava, moribundo: «nunca imaginei que a morte fosse tão suave e tão agradável.» (215).

Que gozo incomparável não sentirá a alma quando, pela primeira vez, contemplar aquele que foi seu companheiro invisível e amoroso, aquele em que ela acreditou através da penumbra da crença, que ela venerou e amou e cuja presença sentiu em mil cir-

cunståncias difíceis e cheias de perigo! Ouvia-lhe as palavras íntimas, seguiu-lhe as exortações e os conselhos nesses minutos maravilhosos de comunhão de pensamentos, de alegria, de emoções! Agora, unidos uma vez mais os dois, só lhes resta erguer voo em demanda da eterna luz de Deus.

A Tradição e a Revelação são concordes neste ponto: Os Anjos assistem às almas para lhes poupar as angústias da morte; defendem-nas do demónio e acompanham-nas ao Céu (216). Temos no Evangelho uma indicação precisa sobre esta última tarefa angélica, ao dizer-nos que Lázaro, morto, «foi levado pelos Anjos ao seio de Abraão» (217). E S. João Crisóstomo justifica assim o último acto do Anjo no desempenho do seu officio de Guardião: «se nós precisamos de guia quando vamos de uma cidade para outra, quanto mais não necessita de alguém, que lhe aponte o caminho, a alma que rompe os grilhões da carne para entrar na vida futura!» (218).

A mesma doutrina é defendida pelas revelações dos Santos. No ponto de morrer, S. João Gualberto recebeu auxilio e terna assistência dum jovem desconhecido. Um dia, à hora do repasto, o doente notou que o jovem não descera ao refeitório. Perguntou o Santo a razão disto aos religiosos Dom Rústico e Dom Lieto. Mas, de que jovem falais? inquiriram eles.

«Desse belo jovem que vem com frequência e se conserva quase sempre à minha cabeceira». Só então compreenderam que se tratava do Anjo da Guarda do seu Patriarca moribundo. Todavia, para não ferir

a humildade de Gualberto, Dom Lieto rematou: «Ah! sim, é um dedicado monge que veio de Montedómini». Realmente existia um Montedómini perto de Montecalari; não obstante, o enfermo compreendeu a verdade e manifestou-o:

«Bem sei, é do Monte do Senhor, mas desse monte celebrado nos Salmos: Senhor, quem subirá ao Monte Santo?... Na verdade ele é muito dedicado!» (219).

Não têm conta os casos de moribundos assistidos por Anjos. Terrivelmente atacada pelo demónio do desespero, St.^a Margarida de Cortona foi socorrida e defendida pelo seu celeste companheiro:

«Que desejas tu desta alma destinada ao Coro dos Serafins?» Com estas palavras o Anjo pôs em fuga o demónio e, voltando-se para a Santa, animou-a:

«Nada reccies, porque eu, guardião da tua alma que é templo nobre do Senhor, estarei sempre contigo».

Os Anjos assistem aos moribundos por meio dos sacerdotes. São Camilo afirmou a um dos religiosos: «Vi o Anjo do Senhor pôr as suas próprias palavras nos lábios de um de vós quando assistia ao expirar de um enfermo».

Em Roma, na epidemia de 1579, um belo jovem apresentou-se em casa dos Camilianos e pediu que mandassem um sacerdote acudir a um doente. Guiados pelo jovem, logo dois *servos dos doentes* se põem a caminho. Sucedeu, porém, que ao entrarem na casa indicada aquele desapareceu súbitamente... Por certo

que o pasmo dos dois religiosos nada teve de extraordinário, habituados como estavam a estas chamadas misteriosas de indivíduos que os guiavam mas... desapareciam. Regra geral iam encontrar doentes abandonados a si mesmos e sem possibilidade de pedir socorro. Martindale escreveu: «Sucede isto, com frequência, ainda hoje, como no-lo provam exemplos aduzidos por pessoas fidedignas. Eu próprio conheço tantos Padres chamados à cabeceira de moribundos por este modo misterioso, que não me é possível duvidar da intervenção divina em frequentes circunstâncias análogas, no decurso dessas já distantes epidemias» (220).

Dissemos qualquer coisa sobre o mister de guarda exercido pelo Anjo ao acompanhar ao Céu a alma dos justos; mas ainda não vimos se a assistência finda no momento em que a alma entra no Purgatório.

É o ponto mais importante este e que, ademais, nos permite apreciar novamente a comovente solicitude dos nossos Amigos celestes e a sua quase inverosímil bondade.

Não, a alma não é abandonada pelo seu Protector quando cai no fogo purificador. A Teologia, a maioria dos Doutores da Igreja e as revelações dos Santos ensinam-nos que os Anjos, depois de conduzirem as almas ao Purgatório, as visitam com frequência para as consolar e levar-lhe notícias daquelas que, na terra, são caridosamente pródigos em favor delas. Podemos afirmar que os Anjos asseguram uma ligação contínua entre o Céu, o Purgatório e a Terra.

Além disso baixam muitas vezes a este mundo para inspirar e até (por meio de aparições) para aconselhar os justos a rezarem, a mandarem celebrar Missas, a oferecerem os seus sofrimentos e actos meritórios por intenção das almas padecentes. Na sua incomparável bondade, nada há de que se não sirvam para proporcionar alívio ao tormento indizível dessas almas e apressar a sua libertação. Outras mostras dariam do seu amor e generosidade, se lhes fora possível. E como eles invejam (deixai-nos exprimir assim) como eles invejam o feliz mortal, que teve a dita de abreviar o sofrimento e a permanência das almas no Purgatório com os seus sufrágios! Deixemos que fale a História.

Santa Lidvina (+ 1433), virgem célebre do Schiedam pela admirável paciência com que, durante trinta e oito anos, suportou as doenças mais crueis, Santa Lidvina era muitas vezes levada pelo Anjo da Guarda ao domínio misterioso do Purgatório. Não vamos aqui enredar-nos com explicações relativas a essas *incursões no além túmulo*; baste-nos afirmar que os documentos, que possuímos, desfazem todas as dúvidas sobre a autenticidade dessas *idas* ao outro mundo. Lidvina visitava igualmente com frequência os Lugares Santos, em particular os da Palestina e de Roma, bem como os mosteiros das vizinhanças, dos quais podia fazer as mais minuciosas descrições.

Vem-nos aqui à mente o Padre Pio; um dia, descreveu ele, com os mais pequenos pormenores, o convento em que residia um religioso e declarou-lhe: «fique sabendo que percorri o seu mosteiro, visitei

todas as celas e vi os Anjos da Guarda de todos os religiosos que lá moram».

Voltando a St.^a Lidvina. Quis ela um dia saber se a alma de um pecador por ela convertido estaria no Purgatório. Tinha ele cometido pecados escandalosos; graças, porém, às orações, aos sacrifícios e instantes exortações de Lidvina, tinha-se enfim convertido; mas não tivera tempo de fazer penitência, pois morrera de peste pouco depois... Como resposta, o Anjo disse à Santa que o seu convertido estava no Purgatório e que sofria ali horrivelmente.

«Quererás tu, concluiu o Anjo, suportar algum sofrimento para diminuir os dele?»

A Santa aceitou generosamente. Conduziu-a o Anjo então a um lugar espantoso e, seguindo ao longo das muralhas do Inferno, acercaram-se dum poço, em cujo rebordo estava sentado e triste um Anjo.

«Que Anjo é este?» perguntou Lidvina ao seu guia.

«É o Anjo da Guarda daquele cuja felicidade tanto tens a peito e cuja alma está encerrada neste poço que é, para ela, um purgatório especial».

Com um olhar suplicante manifestou Lidvina o desejo de ver essa alma; o Anjo, com um gesto potente, descobriu o poço donde saíram labaredas e gemidos dolorosos. Pouco depois, e por ordem do Anjo, saiu do mesmo poço um medonho vulto humano, todo incandescente.

«Ó Lidvina, serve de Deus, quem me dera contemplar a face do Altíssimo!» suplicava a aparição.

Lidvina não pôde aguentar esta visão. A cadeia

que trazia cingida aos rins partiu-se e a santa acordou do êxtase.

Volvido algum tempo, viu ela de novo o Anjo do pecador, mas menos aflito do que quando estava assentado no poço, o qual informou Lidvina de que o seu protegido fora tirado do poço e passara ao Purgatório ordinário. A Santa prosseguiu nas suas orações e sacrifícios em favor do pobre defunto até que soube que entrara no Céu com o seu Anjo (221).

Santa Francisca Romana, a propósito dos desvelos solícitos dos Santos Anjos com as almas do Purgatório, diz assim: «Quando morre um homem, o Anjo da Guarda, conhecedor dos seus méritos, conduz-lhe a alma às regiões inferiores do Purgatório e coloca-se à direita dela... O Anjo vai apresentando a Deus as orações feitas em favor desta alma e intercede para que lhe seja abreviada a pena» (222).

St.^a Maria Madalena de Pazzi, no decorrer duma visita ao Purgatório, ao chegar ao lugar onde as almas expiam os pecados de ignorância ou de fraqueza, viu ao lado de cada uma delas o respectivo Anjo da Guarda, que as consolava.

O mesmo sucedeu com St.^a Margarida Alacoque. Numa das suas extraordinárias doenças, o seu Anjo convidou-a a ir com ele ao Purgatório. Aceitou a Santa e foi conduzida para um imenso terraplano esbraseado, onde grande multidão implorava misericórdia, de braços erguidos ao Céu. Ao observá-los, notou a Santa que tinha cadá qual ao lado um Anjo a confortá-lo com palavras muito affectuosas (223).

Frisámos atrás o empenho dos Anjos em exortar

os bons a oferecer os próprios méritos pelas almas do Purgatório; eis alguns exemplos comprovativos. O fiel servo de Deus, Pedro de Basco († 1645), grande devoto das almas do Purgatório, todos os dias rezava o Rosário por intenção delas. Certa noite deitou-se, tendo esquecido a habitual devoção. Mal tinha adormecido quando o Anjo da Guarda o acordou: «Meu filho, as almas do Purgatório estão à espera da costumada esmola da tua piedade» (224).

Santa Gema oferece-nos exemplos análogos. É ela própria quem escreve no *Diário*: «Disse-lhe (ao meu Anjo) que pedisse licença a Jesus para se entreter comigo toda a noite. Desapareceu imediatamente e voltou logo que obteve a licença. Então o Anjo perguntou-me: «Desde há quanto tempo é que não rezas pelas almas do Purgatório? Ó minha filha pensas tão pouco nelas!» Com efeito desde manhã que eu não voltara a rezar por elas. Disse-me que ficaria muito contente se eu oferecesse pelas benditas almas os meus sofrimentos mais pequenos.

«Sim, minha filha, sim, a coisa mais insignificante leva-lhes alívio». «Prometi então oferecer tudo por elas a partir desse instante».

Vamos encerrar este capítulo convidando o leitor a reflectir sobre esta última realidade, belíssima e consoladora: o Anjo continua a ser o companheiro inseparável da alma depois mesmo de a ter conduzido ao Céu, coroando assim a missão de guarda fiel na terra e de consolador desvelado no Purgatório. Afirma-no-lo St.^a Gema Galgani, ela a quem aparecia tantas vezes S. Gabriel da Dolorata e o Anjo que o

acompanhara toda a vida, um Anjo (escrevia a donzela ao Padre Germano) «mais lindo do que o vosso e do que o meu».

Oh! inefável promessa da Fé! Quem dela poderá duvidar? O Céu é o lugar onde um dia se encontrarão todos aqueles que se amaram na terra e que a morte separou; e um dos motivos do seu júbilo será precisamente este: verem-se reunidos num lugar onde Deus lhes faz gozar coisa que os olhos jamais viram, nem ouvidos jamais ouviram, nem corações humanos jamais idealizaram! (225) Lugar que Deus não pode tornar mais maravilhoso nem maior (226), visto que no Paraíso, como na humanidade de Jesus Cristo e na Virgem Maria, o Senhor «esgotou os seus tesouros de ciência, de poder e de bondade» (227).

Poderíamos lá acreditar que o Anjo da Guarda abandonasse um dia a alma que tanto amou e da qual nem a morte conseguiu separá-lo! A presença dele ao lado do homem teve um princípio: o berço; mas — salva a hipótese pavorosa da eterna condenação — não terá fim. Há-de subsistir numa condição comum ao homem e ao Anjo: a Eternidade! Feliz de quem a goza ou um dia a gozará! Feliz de quem tiver tido em conta as palavras do Senhor:

«Eis que eu enviarei o meu Anjo para que ele caminhe à tua frente, te proteja na viagem e te introduza no reino que te preparei. Presta-lhe honra, ouve as suas palavras, pois ele vai assinalado com o meu nome».

ORIGEM DA PUBLICAÇÃO DESTE LIVRO NA INTERNET POR

<http://leiturascatolicas.blogspot.com/>

XXIV

QUEM COMO DEUS

Caminhava eu lentamente, convencido como ia de que chegaria atrasado para a Missa. Nas minhas costas, o sol conseguira vencer a nevoeirada rasteira do horizonte e sorria, vitorioso, no seu deslumbrante esplendor. Março tocava ao fim, com as amendoeiras floridas e uma aguarela verde, esbatida, adoçando a palidez acre dos montes.

Um sentimento de contrariedade persistia-me na alma, como espinho, devido a uma decepção que me parecia imerecida. Por que seria que o meu Anjo me não acordara à hora? Tinha-lhe dito, na véspera à noite, que não queria perder a Santa Missa! (228). Distraí-me, porém, imediatamente desses pensamentos ao aparecer-me, num cotovelo da rua, o Irmão Esmoler do Convento que seguia caminho oposto ao meu, com a lata do azeite e o alforje. Trocámos a delicada saudação *Louvado seja Jesus Cristo* e, esquecido já dos meus queixumes, comovi-me com a ideia de que o meu Anjo da Guarda teria acolhido da mesma forma a saudação do Anjo do Irmão Esmoler. Como nós, inclinaram levemente a cabeça um ao outro e,

com um sorriso aprovaram o nosso gesto. Fiquei certo de que os Santos Anjos transmitiram, sem demora e alegremente, as nossas palavras de saudação Àquele a quem eram dirigidas. Enquanto ia observando o Irmão, dizia comigo mesmo: «Ora olha para ele! tão humilde, tão dócil, eternamente recolhido, olhos baixos e a *Ave Maria* a bailar-lhe nos lábios! Como o Anjo da Guarda estará contente com ele!

O seu vulto fez-me lembrar de outro Irmão Esmoler e do amargo desgosto que teve, um dia, por não poder ocorrer às necessidades do Convento. É uma dessas histórias tradicionais, que eu tive a sorte de ouvir da boca do Padre Pio, numa tarde serena de verão, à sombra dos pinheiros e ciprestes que baloiçavam as frondes no azul claro do espaço. Rodeado pelos seus filhos espirituais, sentava-se o religioso num banco de pedra, encostado ao muro sob as janelas das celas. Ergueu-se uma voz de entre o grupo reduzido:

«Padre, conhece V. Rev.^a a história dos Anjos que visitaram o Convento?» Esta voz era a minha e fiz a pergunta com o fim de saborear uma vez mais esse conto, que envolvia o Convento e arredores num perfumado ambiente de poesia e de lenda. Todavia o que para mim não passava de episódio poético era para o Padre viva realidade.

Com um leve gesto de cabeça respondeu à minha pergunta e quedou-se um momento de busto ligeiramente pendido — como é costume seu quando está emocionado. A seguir reconstituiu, com surpreendente gravidade, a bela narrativa de séculos idos

consignada nos Anais da Ordem. Tive oportunidade, mais tarde, de apreciar de novo o sucedido, na prosa desenfastiada e singela de um meu conterrâneo, o Padre capuchinho Bernardino Latiano, de San Giovanni Rotondo.

«Caíra nesse ano muita neve; tanta, que as portas da igreja e do convento ficaram bloqueadas. O Irmão Esmoler viu-se, coitado, na absoluta impossibilidade de prover às necessidades dos religiosos. Acabara-se o pão, falharam os legumes e, à mingua de auxílio humano, recorreu-se a Deus. À noitinha bateram à portaria quatro jovens de aspecto acolhedor: um trazia pão, o outro vinho e os dois restantes iguarias de vária espécie.

No Convento ninguém os conhecia e, por isso, o porteiro informou-se da pessoa a quem deveriam agradecer a esmola. Os jovens responderam: «dai graças ao Senhor, que jamais abandona os seus fiéis servos na hora da indigência». E despediram-se.

Entretanto, inquietos com a sorte dos Frades, alguns corajosos moradores de San Giovanni, vencendo os perigos e dificuldades ocasionados pela neve, apresentaram-se no Convento onde lhes contaram o sucedido pouco antes. Logo foram em busca dos misteriosos benfeitores, mas debalde os procuraram. Certos de que era impossível que tal socorro tivesse vindo das aldeias vizinhas — eram todas muito afastadas e grande a espessura da neve — reconheceram no facto um milagre e convenceram-se de que os Anjos, no disfarce daqueles quatro jovens, é que

tinham acudido à necessidade daqueles Frades, que livremente haviam abraçado a pobreza de Jesus Cristo» (229).

Os olhos vagueavam no éter e pairavam, depois, sobre a pequenina igreja, lá no extremo da rua, mal advertindo nos chilreios e evoluções das primeiras andorinhas no céu de anil, a anunciar a Primavera. É que o meu espírito absorvera-se na visão daqueles Anjos Mensageiros, ali mandados por meus irmãos espirituais. E eles convergiam todos num ponto, vindos do Norte, do Sul, de Este e de Oeste, de perto e de longe; outros irradiavam desse mesmo ponto para os quatro ventos, cruzando-se com os que chegavam...

Pareceu-me ouvir uma voz dizer-me: estás a delirar!...

Mas logo me acudiram à lembrança tais e tais factos irrefutáveis acerca dos Anjos; e comigo mesmo ia raciocinando: mas, então, explica-os! Explica lá esse factos! Olha o dinamismo que deles se desprende e diante do qual até o que se afigura *ridículo e supersticioso e absurdo* se torna irrefutável, transforma-se em palpitante realidade!... E eu não podia deixar de rir à vista de todos esses incrédulos de tão variado matiz, que desconhecem e ridicularizam a significação, a substância, a luz do facto prodigioso — o milagre — e isso apenas porque transcende a ordem natural, porque foge à análise do nosso pobre cérebro e ao exame do microscópio... Eu ria-me recordando esse infeliz anarquista, encontrado em Roma a vociferar: «Não é verdade! Não é verdade!» e que

se esgueirou furioso, quando lhe narrei a cura recente dum canceroso em San Giovanni... Eu pensava na cegueira e na má fé de um Voltaire, de um Charcot, de um Dr. Terrien (230) e dum outro médico francês, cuja aventura estava ainda viva na memória de todos e fora a seguinte: uma tuberculosa curada após o banho na água milagrosa de Lourdes. Telegrafam imediatamente — sem falar no milagre — ao médico assistente da enferma. Resposta dele: «A doente está tuberculosa». Outros médicos haviam confirmado o diagnóstico. De regresso a casa, a miraculada submette-se a novo exame médico e pede um atestado sobre a doença. O médico pega numa folha de papel e nele certifica: «a doente está curada dum simples resfriamento!» (231). É deveras para pasmo! Então só porque a tuberculose foi debelada em Lourdes, por isso deixou de ser tuberculose e passou a simples indisposição sem gravidade, tratável pela aplicação singela de duas compressas e dum suadouro!

Ah! se todos os cépticos reflectissem com serenidade objectiva sobre os acontecimentos de Lourdes, Fátima, Loretto, Banneux, San Giovanni Rotondo, Koennersreuth, Siracusa e Annaya! Sim, Annaya; lá chegou também o meu pensamento enquanto eu ia caminhando e revivia a história impressionante duma corcunda, aquela pobre mulher com a espinha em forma de V. A canalha, inconsciente e má, apontava-a com o dedo e troçava dela, adensando a tristeza da pobrezinha. Mas, um dia, teve ela desejo de ir em peregrinação ao ermitério de Annaya. Rezou largo tempo na cripta junto dos despojos mortais

do monge Charbel Makhlof, desde há cinquenta anos conservados incorruptos e que transudam água e sangue milagrosos. Cada peregrino pedia as graças que mais ansiava para o corpo e para a alma. Só a pobre Mountaha fazia oração diversa.

«Eu não quero aborrecer-vos (rezava ela); direi apenas a oração do Senhor e uma Ave Maria pedindo-vos que auxiliéis os meus dois sobrinhos órfãos. Para mim nada peço, porque estou com cinquenta anos e o meu fim deve chegar breve. Protegei-me os olhos para que eu possa continuar a trabalhar no meu mister de costureira.

«Regressei a Beirouth sem nada sentir. A 15 de Maio, três dias após a peregrinação, sonhei que estava na igreja, ali ao lado da minha casa, rodeada pelos meus parentes, e pedi-lhes que me acompanhassem na reza; disseram-me que estavam muito ocupados, que não podiam. Está bem, rezarei sòzinha. Despertei às 4 horas e meia e vesti-me diante do espelho. Qual não foi o meu espanto ao notar que a corcunda tinha desaparecido! Um pouco antes pedira eu à senhora Kaoukab Nasr, que vivia comigo no mesmo quarto, que ungesse a minha corcunda com óleo bento que ela trouxera do túmulo do Padre Charbel; respondeu-me: faltam cinco minutos apenas para a Missa; farei isso quando voltar. Logo que ela veio gritei-lhe, cheia de alegria: «Estou curada! A corcunda desapareceu!» (232).

Há um adágio que diz: «o argumento nada vale ante o facto real».

Franz Werfel escreveu: «Para os que têm fé não é precisa nenhuma explicação; para quem não erê, nenhuma explicação é possível».

E Pascal afirma: «O milagre é o sinal tangível da Divindade».

— Entretanto aquela voz rebelde ia-me segredando: «São tudo meras palavras!»

Lá virá o dia em que a Ciência saberá explicar o próprio milagre!

— Mesmo o duma simples Virgem de mármore derramando lágrimas autênticas, abundantes e repetidas vezes, à vista de milhares de pessoas? Isso parece-me impossível! raciocinava eu mentalmente.

— Garanto-te que chegará esse dia.

— Então, insistia eu, nesse dia todos os sábios serão crentes, porque, se eles descobrirem a verdadeira origem do milagre, chegarão ao conhecimento de Deus... Receio, no entanto, que fiquem nessa vaga esperança até ao Juízo Final... E isto mesmo sem sublinhar que ficaria ainda por dar a resposta a este facto incontestável: como se explica que só haja milagres no âmbito da verdadeira Igreja de Cristo?

Com semelhante argumentação forcei ao silêncio aquela embirrenta voz interior e, entretanto, chegara eu ao povoado de Santa Maria. Descubri, no seu nicho, uma primeira estátua do Arcanjo São Miguel, feita de pedra mole e translúcida, obra de sumido valor, quase ingénua, dum artista de Monte Sant'Angelo. Trezentos metros à frente outro São Miguel domina o frontespício dum hotel, sobre uma placa de cimento. Um arco enorme, saliente sobre o muro,

protege a estátua, dando à fachada um aspecto de igreja. O Arcanjo, cópia do que se venera na gruta do Monte, revela técnica mais avançada, quase nas raias da Arte. Constatamos que tudo aqui fala ao transeunte do Príncipe dos Anjos. Num espaço de duzentos metros, desde a Casa do Alívio do Sofrimento até à igreja, há pelo menos cinco representações de São Miguel: a primeira, um fresco neo-bizantino, no pináculo da torre que domina a Casa; a segunda, mais adiante, na fachada do forno de cal; a terceira — baixo-relevo de bronze — embutida no espaço semi-circular por sobre o pórtico da igreja; a quarta — um fresco arcaico sobre tela, recentemente restaurado — ao centro do altar-mór, à guisa de quem faz a guarda ao tabernáculo; enfim vê-se uma quinta imagem do Arcanjo na abóbada da igreja.

Julgo que não é fortuita a presença multiplicada do Arcanjo; é natural que alguma destas imagens — em particular as mais recentes: a do forno de cal, a da Casa do Alívio e a da abóbada — é natural que tenham sido sugeridas pelo Padre Pio. Aqui nada se faz sem o conselho do religioso; e todos conhecem a peculiar devoção dele ao Arcanjo. Quantas vezes as penitências, que me dava, eram «em honra de São Miguel!»

Mas vamos a ver: que interpretação daremos a tudo isto?

Perdoem-me se incorro nas fulminações do Santo Ofício ao manifestar uma convicção, que tenho desde há muito: julgo que o Arcanjo São Miguel é o guarda e o cooperador extraordinário do Padre Pio. Acusar-

-me-ão talvez de ultrapassar os limites da prudência e das conveniências; sinto-me, porém, apoiado pela confiança que me fez a senhora Anita Zanotti, uma das tão numerosas filhas espirituais do Padre Pio, que não moram em São Giovanni, a quem ele pediu que partilhassem a sua vida de oração e de sacrifício. Há muito tempo já, tinha ela ido ao Monte Sant'Angelo visitar o Arcanjo (233). Na sua grande fé e simplicidade, pediu a São Miguel que voasse até junto do Padre para o saudar em nome dela. De regresso ao Convento, a senhora Zanotti perguntou ao religioso se o Arcanjo «tinha obedecido». O Padre Pio deu-lhe uma resposta cujo significado profundo a senhora ainda hoje não atingiu bem; foi esta: «Ele está sempre aqui».

Mas para que são precisas explicações? Lembremo-nos simplesmente da alta espiritualidade do Padre Pio, das suas obras, cuja retumbância ultrapassam as fronteiras da Itália; ponhamos tudo isso em confronto com o século em que vivemos, século sem precedentes no que respeita a revoluções e a lutas, a corrupção de costumes, eminência de novos conflitos e de novas destruições. Nem esqueçamos as palavras dessa autoridade indiscutível que era Bento XV: «*O Padre Pio é um homem verdadeiramente extraordinário, desses que Deus suscita de tempos a tempos sobre a face da Terra para converter os homens*».

Converter os homens! Tal é a sua grande missão e tudo, afinal, se vem a resumir nisso, pois na conversão reside o segredo da salvação da Humanidade, quer na ordem eterna quer na temporal. À me-

dida que forem engrossando as fileiras dos crentes e aumentando o coro das vozes que rezam a Deus, desvanecer-se-ão as nuvens carregadas, que pesam sobre o Mundo. Este será salvo quando as legiões dos homens de fé contrabalançarem as forças do mal e as destruírem, mediante a arma da oração: arma invencível, a oração, que move e comove o coração de Deus, que previne e frustra os males e as calamidades.

«Nada há no mundo tão poderoso como o homem que reza» (234). A oração é onnipotente para a estabilidade do Mundo (235). Quem ousará resistir a Deus, se o crente lhe desarmar a cólera e o atrair aos seus modos de ver? Por esta razão é que os nossos corações se abrem à esperança, ao assistirem ao reflorescimento da Graça entre os homens, neste mundo desiludido e amedrontado, mas por sobre o qual vai ecoando a palavra d'Aquele que ocupa o lugar de Pedro e teve a dita de contemplar o rosto deslumbrante e consolador de Jesus, Salvador e Senhor do Mundo! (estas últimas palavras aludem às visões de S. S. Pio XII).

Temos outro motivo para ser optimistas: é a chama que arde na vertente da nossa montanha (O Monte Gargano). É consolador ver como de além oceano e além Alpes os olhos se voltam para esta chama (da devoção a São Miguel Arcanjo; é consolador notar como se multiplicam os discípulos deste filho do Poverello (o Padre Pio), unindo-se aos italianos irmãos seus de outras nações e de outros continentes. É esta onda benéfica (a dos devotos do Pa-

dre Pio) alarga-se mais e mais. Talvez que a esperança da salvação humana esteja na nossa pobre Itália. Deus, na sua predilecção pela humildade, colocou possivelmente nesta virtude o mais portentoso designio para este século; de facto está escrito: «Senhor, engrandeceste-me nas tribulações» (236). «Por isso mesmo que eras aceite ao Senhor, preciso foi que a tribulação te experimentasse» (237).

Oremos à Virgem para que nos alcance do Senhor que de novo sejam lançadas no Mundo as celestiais milícias de que Ela é Rainha; que uma nova ofensiva dos Anjos venha destronar Satanás, destruir os seus esconderijos, impedi-lo de exercer influência nefasta sobre os costumes, o coração e os pensamentos dos homens.

«Arvorai o estandarte de São Miguel!»

A nós compete não deixar perder-se tão fervente exortação do Santo Padre. E, por certo, não é casualmente que semelhante apelo nos é sugerido sobre o Gargano, sobre o Monte consagrado ao Príncipe dos Anjos e onde se ergue a Basílica mais antiga, mais illustre e mais veneranda dedicada ao culto angélico.

Sem dúvida estão-se a preparar aqueles tempos em que «Satanás será reconhecido como Satanás e em que o Arcanjo retomará a sua missão de luta contra a matéria e em que o Gargano será o santuário da bondade e da virtude» (238).

Não queremos pôr o ponto final a este livro com uma frase grandiloqua; estamos, todavia, persuadi-

dos que, ao soar o toque de alvorada desse dia fatal, reboará pelos céus o mesmo grito que pôs calafrios nos Anjos rebeldes:

«*Quem como Deus!*»

E a Terra será pacificada e os sacrifícios e os impulsos generosos dos justos encontrarão digna coroa no início duma era nova, a era por tanto tempo predita e por tanto tempo esperada, a era dum Mundo melhor.

NOTAS

- (1) P. Arrighini, *Gli Angeli buoni e cattivi*, L. I. C. E. Turin.
- (2) *Il libro degli Edda*, cfr. P. Arrighini, obra citada.
- (3) Assim, por exemplo, a história do pensamento chinês dá-nos a conhecer um filósofo, Mo Tsé (479 a 381 A. C. mais ou menos), o qual defendia — contrariamente a Confúcio — a crença nos espíritos subalternos, que recompensam quem ama e respeita o próximo e castigam o que ao próximo odeia e maltrata. (Cfr. Fung Yu Lan, *História da Filosofia Chinesa* Mondadori, Milan).
- (4) Acerca dos Anjos a Igreja definiu apenas como verdade da Fé, que, fora do mundo visível, Deus criou espíritos invisíveis e que uma parte dos Anjos se afastou de Deus e se mantém em revolta eterna perante Deus. A interpretação dada neste livro a certos textos da Escritura, as opiniões de muitos Padres e as revelações particulares não envolvem compromisso de fé.
- (5) Arrighini, obra citada.
- (6) Cfr. *Encyclopédie Catholique*, na palavra *Anges*.
- (7) *Daniel*, 7, 10.
- (8) *Apocalipse*, 5, 11.
- (9) *Suma Teológica*, p. 1, q. 50, a. 3, Salani Editore, Florença.
- (10) *Il libro della Beata Angela da Foligno*, Salani Editore, Florença.
- (11) Giacomo Leopardi, poesia *All'Italia*.
- (12) *Il ad Corinthis*, 4, 15.
- (13) Cfr. Arrighini, obra citada.
- (14) Cfr. Arrighini, obra citada.
- (15) É alusão ao célebre episódio dos Anjos que cingiram os rins de Santo Tomás de Aquino com um cinto de castidade, a fim de o preservar do pecado da impureza

com o qual fora arditosamente tentado. Encerrado num castelo próximo de Rocassecca, introduziram junto dele, para o provocar, uma mulher nova e graciosa. O jovem Tomás reagiu com uma prontidão e energia iguais à perfídia da armadilha. Tomando um tição em brasa da chaminé, com ele ameaçou a miserável tentadora até que a pôs em fuga. Feito isto, com o mesmo tição fumegante traçou uma cruz na parede da sala e caiu de joelhos para agradecer ao Senhor a vitória e pedir-lhe que o continuasse a preservar do pecado, em que haviam procurado fazê-lo cair. Adormeceu a rezar. Então dois Anjos resplandecentes baixaram do Céu a dizer-lhe que Deus escutara a sua oração. Gozará, pois, do privilégio de perfeita castidade. Os Anjos rodearam-lhe a cintura com uma faixa branca e disseram: «Em nome de Deus, nós te cingimos com o cingulo de castidade que nenhuma tentação jamais despertará». Mas, no instante em que os Anjos apertavam a faixa em volta da cinta, o jovem sentiu uma dor aguda e acordou, soltando um grito lancinante que levou os parentes a acudir. A cilada, armada pela própria família, fora feita no intuito de levar Tomás a abandonar o hábito dominicano. A mãe, a altiva condessa Teodora, considerava desonroso o facto de o filho pertencer a uma Ordem Mendicante e obscura como a de São Domingos; preferia vê-lo entre os beneditinos, tanto mais que ela sonhava admirar-lhe na cabeça a mitra de abade de Monte Cassino. Conserva-se ainda o *cinto de castidade* na igreja dominicana de Chiari, onde é testemunho do excepcional prodígio. Tendo sido objecto de minuciosos exames científicos e de cuidadosas investigações ninguém jamais conseguiu desatar o cinto, que é constituído por matéria misteriosa e inexplicável. Cfr. Reginaldo M. Guilani *L'Angelo della Scuola*, S. E. I. Turin, e P. Arrighini, obra citada.

- (18) R. P. Garrigou Lagrange, *Synthèse Thomiste*, p. IV, cap. IV, Queriniiana, Brescia.

- (17) *Ezequiel*, 28, 12.
 (18) *idem*, 28, 16.
 (19) «Vede as calamidades causadas aos Anjos pelo gozo e prazer de se desvanecerem com a própria beleza e dotes naturais. Quantos males acabruham os homens, dia a dia, gerados pela mesma vaidade!» S. João da Cruz, *Galite al Monte Carmelo*, cap. 22, *Opere*, Postulazione Generale, O. C. D. Roma.
 (20) Bossuet, *Élévation à la IVe semaine*, Cfr. Arrighini, obra citada.
 (21) *Luc.* 10, 18. Convém advertir que a rebeldia de Lúcifer se deve seguramente atribuir a uma *ocasião*; em que consistiu exactamente, isso ninguém o sabe. Certos Padres e Doutores, e entre eles Tertuliano, S. Basílio, S. Cipriano, S. Bernardo e o Abade Roberto, seguidos por Suarez e muitos outros Teólogos, pensam que a *ocasião* foi a revelação, feita aos Anjos, da *Incarnação do Verbo* decretada por Deus *ab aeterno*. Segundo eles, Lúcifer ficou ciumento por o Filho de Deus incarnar entre os homens, ficando desta sorte o homem preferido a ele, o mais nobre, o mais belo e o mais inteligente dos Anjos. Esta união hipostática do homem com o Verbo pareceu-lhe intolerável; queria que tal união se realizasse com ele, recusando-se a reconhecer como superior seu um homem criado por Deus em vista da Incarnação. Como, porém, Deus se recusasse a satisfazer-lhe tais anseios, Lúcifer rebelou-se contra o Senhor e contra Jesus Cristo, aconselhando os Anjos a segui-lo na revolta. (Cfr. *Les trésors de Cornelius Alapic tirés de ses Commentaires sur les Saintes Écritures*, Pelo P. Barbier, vol. I, pg. 450, E. E. I. Turin). «Mas esta opinião, nascida no século XVI, não tem fundamento na Escritura e é falha de argumentos persuasivos (assim fala Silvius em *Comentarium in I partem S. Thomae aquinatis*). Cfr. *Suma Teológica*, A criação dos Anjos, vol. IV, na nota da pg. 389, Salani Editore, Florença.
 (22) *Mateus*, 25, 29.

- (23) *Isaias*, 14 12-4.
- (24) *Dante*, Inferno, canto III.
- (25) S. Agostinho, *Contra duas epist. Pelagii*.
- (26) *I ad Cor.*, 13, 12.
- (27) *Jeremias*, 31, 3.
- (28) Trata-se dos dons preternaturais. Só por si esta categoria de dons não diviniza o homem e, se não estivessem acompanhados pela Graça, aperfeiçoá-lo-iam, certamente, no concernente à sua estrutura material e às suas tendências para a corrupção e para a revolta dos sentidos. Deixá-lo-iam, não obstante, na ordem puramente humana. Não se podem, pois, definir esses dons (pelo menos no sentido próprio) como sendo sobrenaturais. Mas, por outro lado, não sendo devidos essencialmente à nossa natureza, também não são dons naturais. São para, fora das exigências da natureza, embora a não ultrapassem nem a elevem a outra ordem. Cfr. Mgr. F. Olgiati, *Il Sullabario del Cristianesimo*, Ed. Vita e Pensiero, Milan.
- (29) *Genesis*, 2, 8-10.
- (30) Leo von Rudloff, O. B. S. *Piccola Dogmatica per laici*, Morcelliana, Brescia.
- (31) *Genesis*, 2, 16-17.
- (32) *Idem*, 3, 4-5.
- (33) *A Bíblia Sagrada*, pg. 19, nota V, E. Paoline, Alba.
- (34) *Genesis*, 3, 6.
- (35) Leo von Rudloff, O. B. S. obra citada.
- (36) *Genesis*, 3, 19.
- (37) *Idem*, 3, 14.
- (38) R. P. Garigou Lagrange, obra citada, p. IV, cap. III.
- (39) *Les trésors de Cornelius Alapis*, vol. I, pg. 390, obra citada.
- (40) *Dante*, Paraíso, canto XXIII.
- (41) *Salmos* 90, 11-12.
- (42) S. Gregório Niceno, *Vida de Moisés*, (P. G. 44, 837 D., 840 A.). Cfr. J. Daniélou *Les Anges et leur Mission*, Editions de Chevetogne, Bourdeau Capelle (Bélgica).
- (43) Segundo uma ordem estabelecida pelo pseudo Dioní-

nísio Areopagita, os Anjos dividem-se em três *Hierarquias*, cada qual constituída, por seu turno, por três *Ordens* ou *Coros*: os *Serafins* (inflamados no amor divino), os *Querubins* (resplandecentes de ciência divina), os *Tronos* (encarregados pela Majestade divina de exercer os julgamentos ou juízos); as *Dominações* nas quais brilha o supremo poder de Deus sobre todas as coisas criadas), as *Virtudes* (pelas quais se realizam os milagres), as *Potestades* (que sujeitam os poderes infernais), os *Principados* (que presidem aos reinos e principados), os *Archanjos* (anunciadores de mensagens importantes aos homens), os *Angos* (propostos à guarda dos homens). Cfr. M. R. Tozzi, *Il tuo Angelo*, Ed. Paoline, Roma.

- (44) *A Bíblia Sagrada*, pg. 1400, nota 13, Ed. Paoline, Alba.
- (45) Cfr. Arrighini, obra citada.
- (46) *Josué*, 5, 14.
- (47) *Idem*, 6, 3-9.
- (48) Ciro Angelillis, *La triplice Apparizione*, artigo publicado no periódico *Theionoros*, n.º 2, 1951.
- (49) O Santuário ficava no cimo do Monte. Em comemoração da primeira aparição, instituiu-se, na Liturgia Romana, uma segunda festa do Archanjo — a de 8 de Maio — dia da *aparición de São Miguel*. Seguiu-se-lhe a erecção de uma grande igreja, que seria honrada com o título de Basilica Celeste e com prerrogativas peculiares. Trabalharam nela artistas insignes e para ela contribuíram Papas, Imperadores, Príncipes e Cavaleiros (o Imperador Zenon enviou de Constantinopla mármore preciosos e 150 libras de ouro). Iniciaram-se na mesma época e desenvolveram-se as peregrinações, estimuladas, entre outras personagens, pela rainha Ansa, esposa do rei Desidério, que mandou construir refúgios e hospícios ao longo dos caminhos que conduziam à misteriosa Gruta (é o que nos conta Paolo Diácono). Cfr. o artigo do prof. Don Giosué Fini, *Ansa regina longobarda per i pellegrini al Monte Gargano*, *Theionoros*, número de 20 de Outubro

de 1952). «Ali foram todos com grande devoção: os Papas — Gelásio I, S. Agapito que em 536 caminhou descalço desde Siponte, S. Gregório Magno e S. Celestino V —, os Imperadores e numerosas Soberanas desde Othar III a Lotario II, de Carlos I de Anjou a Fernando o Católico. Depois Santos e Santas: S. Bernardo, S. Francisco de Assis, S. Tomás de Aquino, S. Francisco de Paulo... (Cfr. Piero Chiminelli, *Santa Brigida di Svezia*, Ed. E. Ferrari, Roma). O Poverello de Assis, não se julgando digno de entrar na Gruta, parou à entrada e ali ficou uma noite inteira, absorto em oração. Os Cruzados, a caminho da Terra Santa, faziam do Santuário lugar de passagem habitual e quase obrigatória. Lá iam, entoando Salmos através do Vale Santo — sobranceiro ao qual fica o nosso Convento de San Giovanni Rotondo — para implorar do chefe dos Exércitos do Senhor a clemência e a coragem de que precisavam. Reboavam pelo vale os seus brados incessantes: «São Miguel!» «São Miguel!» «Deus o quer!» «Deus o quer!» (Cfr. Michele Vesino, *Il saare Garganico em Testimonios*, n.º 20 de Outubro de 1952). Resumindo: depois de Roma e Jerusalém, a Gruta ficou a ser o Santuário mais célebre e mais venerado no mundo católico, dando ao a um desenvolvimento do culto em honra do Arcanjo como nunca se vira. Construíram-se igrejas dedicadas a S. Miguel ao longo do Bósforo (e pelo cuidado dos Imperadores Constantino e Justiniano); na França (o Monte São Miguel), na Alemanha, na Inglaterra e na Itália, principalmente em Ravena e em Roma, onde a festa de S. Miguel era considerada como dia santo de guarda. Na Inglaterra, esta mesma festa era precedida de três dias de jejum, em conformidade com uma lei do rei Etelredo (1014). Quanto à Alemanha, sabe-se que a bandeira do Império — a que seguia na vanguarda das tropas em batalha — tinha a imagem de S. Miguel. (Piero Chiminelli, obra citada).

Com o decorrer dos séculos a Gruta Mística do

Arcanjo perdeu algum tanto do seu prestígio. Já em 1365, a grande sueca St.ª Brigida notara esta decadência e dela ouviu os Anjos quebearem-se (Cfr. cap. VIII).

Após séculos de abandono, a Basilica Celeste voltou a ser, nos nossos dias, objecto de culto mais esmerado. Os peregrinos Italianos e estrangeiros allacoram dia a dia em maior número, atraídos em parte pela presença do Padre Pio de Pietralcina, cujo convento fica a uns vinte quilómetros da Gruta, e pela sua emocionante e profunda devoção ao Príncipe dos Anjos. São numerosos os peregrinos que se dirigem ao Monte Sant'Angelo, ao deixarem o Convento, esse convento nobilitado por Deus para nele se perpetuar uma tradição de grandeza mística e para que houvesse uma razão a mais para designar o Gargano *Montanha Sagrada*. Ali vão com frequência, dóccis aos conselhos do Capuchinho Estigmatizado, muitos possessos que na Gruta se vêem livres do Maligno.

(50) *Daniel*, 10, 13.

(51) *Idem*, 10, 20-21. O termo *combater* não deve induzir-nos a pensar numa luta real, mas antes numa disputa serena travada entre Gabriel e Miguel dum lado, e do outro os Anjos Guardiões da Pérsia e da Grécia. Nem isto nos deve espantar. A aparição dos dois Anjos a Gabriel não provinha de intenções hostis e fora da razão — coisa inadmissível em espíritos celestes — nascia do ansio de ver a verdadeira religião mais bem propagada pelo povo eleito entre os dois povos que esses Anjos dirigiam. Por conseguinte movia-os a tal opposição um zelo santo e um fim honesto. Além disto a opposição dos Anjos «durante vinte e um dias» — isto é durante um espaço de tempo igual às súplicas e jejuns de Daniel — esta opposição parece indicar, em termos acessíveis à nossa inteligência, o comportamento de Deus em face da criatura que O invoca. Tendo condenado os Hebreus à dispersão e à escravatura, decidira Deus não lhes perdoar enquanto não

cumprissem o castigo. Mas como Daniel repara com a oração e a penitência a ofensa feita à Divina Justiça, o Senhor começa a conceber sentimentos de misericórdia. Daí o mostrar-se como que hesitante (já está a oposição dos Anjos da Pérsia e da Grécia) até ao momento em que, plenamente satisfeito, depois de vinte e um dias de lágrimas e jejuns do Profeta, decide-se a conceder a graça pedida (eis a intervenção final de Miguel).

- (52) Bartoli, *Dell'Asia*, livr. III, Cfr. P. A. Ferrati, I, *Santi Angeli Custodi*.
- (53) L. Gonzaga da Fonseca, *La Maraviglia di Fatima*, Ed. Paoline, Roma.
- (54) *I ad Cor.*, 11, 10.
- (55) Padres Bolandistas, Cfr. P. A. Ferrati, obra citada.
- (56) D. Pilla, *Il Santo Curato d'Ars*, Ed. Paoline, Alba.
- (57) Comte Paul Biver, *Apôtre et Mystique: le Père Lamy*, prefácio de Jacques Maritain, Librairie Gabriel Beauchet, Paris.
- (58) F. R. de Chateaubriand, *Le Génie du Christianisme*, III parte, liv. V, c. III.
- (59) Celano dá claramente a entender que S. Francisco restaurou essas igrejas (S. Damião, S. Pierre de l'Es-pine, e a famosa Porciúncula) não apenas para obedecer ao Crucifixo, que milagrosamente lhe falara, mas também pelo sentimento de compaixão pelo estado de abandono a que tinham chegado. Cfr. Frei Tomás de Celano, *Vita di San Francesco d'Assisi*, pg. 24, Ed. Porziuncula, S. Maria degli Angeli, Assisi.
- (60) Piero Chiminelli, obra citada.
- (61) Giuseppe Flavio, *Storia Ebraica*. Cfr. P. Arrighini.
- (62) Padres Bolandistas. Cfr. P. A. Ferrati, obra citada.
- (63) Cfr. Erik Peterson, *Il libro degli Angeli*, Ed. Liturgiche, Roma.
- (64) *De civitate Dei*, Liv. X, c. 7.
- (65) Cfr. Erik Peterson, obra citada.
- (66) idem.
- (67) idem.
- (68) *Le Rivelazione di Santa Matilde*. Tipografia Arcivescovile dell'Adorata, Varese.
- (69) Ad Anastasium episc., liv. II, in Epist. CCXCIV. Cfr. P. A. Ferreti, obra citada.
- (70) S. João Crisóstomo, *Il dialogo del Sacerdozio*, Ed. Paolin, Roma.
- (71) Giovanni Mandakuni, I, *Sermoni*. Cfr. Erik Peterson, obra citada.
- (72) *Il libro della Beata Angela da Foligno*, obra citada.
- (73) Piero Chiminelli, obra citada.
- (74) P. Basilio Rosati, Passionista, *Giglio Sulla Croce — Edvige Carboni*, Scala Santa, Roma.
- (75) *Actos dos Apóstolos*, 12, 2-5.
- (76) *Genesis*, 16, 7.
- (77) idem, 19, 16.
- (78) *Judith*, 13, 20.
- (79) *Daniel*, 3, 46-50.
- (80) *Actos dos Apóstolos*, 27, 22-24.
- (81) Tobias, 12, 2-3. Esta narrativa merecia um capítulo à parte. Não será, porém, difícil ao leitor saboreá-la numa tradução oficial da Bíblia. A escritura consagra a Tobias um livro inteiro, que constitui um verdadeiro tesouro de ensinamentos, de arte, de rara simplicidade e delicadeza.
- (82) *Mateus*, 18, 10.
- (83) *Homl. XX in Num.*, n.º 3.
- (84) *Suma Teológica*, p. I, q. 113, a. 4.
- (85) *Regum*, 17.
- (86) Cfr. *Il Pionio e i Padri Boll.* (26 de Janeiro).
- (87) Cfr. Padres Bolandistas (9 de Março) et Goerres, *La Mistica divina*.
- (88) P. A. Ferreti, obra citada.
- (89) Carlo Gasbarri, *Il Riformatore di Roma*, S. E. I. Turin.
- (90) C. C. Martindale, S. J., *San Cumilo de Lellis*, Longanesi e C., Milan.
- (91) Este jovem, entrou na Companhia de Jesus e foi Cardeal. Nasceu em Roma a 15 de Março de 1785 e morreu em Modena em 1850. Na obra, que já citámos diversas

vezes e de que nos utilizaremos ainda, o Padre Ferretti fala dele como de homem piedosíssimo: «Conserva-se viva a memória das suas insignes virtudes, em especial da renúncia às riquezas de sua família principesca, no esplendor da púrpura cardinalícia, a fim de se escolher à humilde do Claustro», onde acabou seus dias na pobreza e no retiro.

- (92) P. A. Ferretti, obra citada.
 (93) G. Tomasselli, *Gli Angeli*, ed. Paoline, Catania.
 (95) P. Germano di S. Stanislao, *Santa Gemma Galgani Vergine Lucchese*, Postulazione dei P. P. Passionisti Roma.
 (95) *idem*, pg. 134.
 (96) *idem*, pg. 215.
 (97) *idem*, pg. 134.
 (98) *Lettere di Santa Gemma Galgani*, carta 46, Post. de. P. P. Passionisti, Roma.
 (99) P. Germano di San Stanislao, obra citada.
 (100) P. Basilio Rosati, obra citada.
 (101) *idem*.
 (102) P. Claudio Benedette, *Vita di San Gerardo Matella*, 1925.
 (103) Comte Paul Biver, obra citada.
 (104) Comte Paul Biver, obra citada.
 (105) *Matews*, 5, 8.
 (106) Santa Teresa de Avila, Castelo VI, 2, *Opere*, Ed. Paoline, Roma.
 (107) S. João da Cruz, Liv. II, c. XXIV, 5, obra citada.
 (108) A alma é um templo que os demónios não têm o direito de violar. Ninguém, a excepção de Deus e dos seus enviados, pode perscrutar-lhe os segredos ou influenciá-la. Eis a razão por que as visões intelectuais não podem ser provocadas por espiritos maus. Todavia podem estes agir indirectamente sobre a alma, servindo-se dos sentidos internos e externos mediante visões imaginárias e corporais.
 (109) Goerres, obra citada.
 (110) *idem*.

- (111) Santa Teresa de Avila, *Autobiografia*, pg. 324, obra citada.
 (112) Comte Paul Biver, obra citada.
 (113) *Il libro della Beata Angela da Foligno*, obra citada.
 (114) *Canto d'Amore*: Autobiografia di Madre Maria di Santa Cecilia di Roma, L. I. C. E. Turin.
 (115) Comte Paul Biver, obra citada.
 (116) *Job*, 4, 15.
 (117) *Daniel*, 10, 9.
 (118) *Luc.* 1, 28.
 (119) *idem*, 2, 9.
 (120) *idem*, 24, 4-5.
 (121) *Lettere di Santa Gemma Galgani*, carta 114 a, obra citada.
 (122) *R ad Cor.*, 11, 14.
 (123) *I Joan.*, 4, 1.
 (124) Raimondo da Capua, *Caterina di Siena*, I parte, par. 85, Ed. Cantagalli, Siena.
 (125) *Lettere di Santa Gemma Galgani*, carta 114 a, obra citada.
 (126) *idem*, carta 5 a, nota 2.
 (127) *Ephes.*, 6, 12.
 (128) *I Joan.*, 4, 18.
 (129) A. D. Sertillanges, *Catechismo degli increduli*, S. E. I. Turin.
 (130) *Serm. VII in Natal. Dom.*, Cfr. Les Trésors de Cornélius Alapia, vol. I, obra citada.
 (131) *idem*.
 (132) Trata-se de uma das doenças habituais, de origem mística, e às quais o Padre Pio esteve sujeito durante a sua longa e penosa experiência da *via purgativa*.
 (133) Era o Padre Agostinho de São Marcos in Lamis. Foi Guardião do Convento de São Giovanni Rotondo durante seis anos, depois de lá haver estado três como simples frade. Já idoso, mas ainda válido, foi nomeado Provincial em 1956 e reside actualmente no Convento de Santa Ana, em Foggia.
 (134) O facto ocorreu durante a guerra de 1914-18, no de-

- curso de circunstâncias várias que levaram o Padre Pio a Nápoles a fim de fazer as visitas de inspecção; era soldado convallescente do Corpo de Saúde, instalado no Hospital da Trindade. Foi testemunha um Padre Capuchinho que, de passagem em San Giovanni, contou o caso em pormenor. Disse até que tivera de passar a noite a cuidar e a friccionar o braço dorido do Padre Pio.
- (135) A. del Fante, *Per la Storia*, Casa Abresch, San. Giov. Rot. (Foggia).
- (136) *Homil.*, IV in *Isai.* Cfr. Les Trésors de Cornelius Alapla, vol. I, obra citada.
- (137) *Salmos*, XXII, 4.
- (138) *Exod.*, 23, 21-22.
- (139) Erma, *Il Pastore*, Ed. Paoline, Roma.
- (140) *Tobias*, 6,3.
- (141) Gregório de Nysse, *Vie de Moïse*, Cfr. J. Daniélou, obra citada.
- (142) *Luc.*, 18,1.
- (143) *Matth.*, 7,7-8.
- (144) *idem*, 62,41.
- (145) S. Agostinho, *Ad Prob.*, Cfr. Les Trésors de Cornelius Alapla, vol. I, obra citada.
- (146) *Suma Teológica*, p. I, q. 109.
- (147) *Joan.*, 15, 1-5.
- (148) *Suma Teológica*, p. I, q. 114, a. 3.
- (149) *Salmos*, XXXIII, 5. Cfr. A. Ferreti, obra citada.
- (150) *Matth.*, 18,22.
- (151) *Joan.*, 10,1 seg.
- (152) Cesare Angellini, *I sette doni del Signore*, Grazzani, Pistola.
- (153) Fra Giunta Bevagnate e Bolland. Cfr. P. A. Arrighini, obra citada.
- (154) C. Sauvè, *Gli Angeli*. Cfr. A. Arrighini, obra citada.
- (155) Cfr. Erik Peterson, obra citada.
- (156) Uma felicidade *accidental*, suplemento da alegria *essencial* que consiste na visão de Deus. Cfr. *Suma Teológica*, p.I, q.62, a. 9.

- (157) *Tobias*, 12,8-12.
- (158) *Revelações de Santa Matilde*, pg. 471, nota 1.
- (159) *idem*.
- (160) *Homil.*, III in *Missus est*.
- (161) Gallonio, *Vita di S. Filippo*. Cfr. P. A. Ferreti, obra citada.
- (162) P. Claudio Benedetti, obra citada.
- (163) D. Pilla, obra citada.
- (164) Padres Bollandistas (31 de Agosto). Cfr. P. A. Ferreti, obra citada.
- (165) *Luc.*, 15,10
- (166) *Isaias*, 1,16-18.
- (167) Cavalca, *Vite Diverse*, cap. LXXXIII.
- (168) Gregório de Nysse, *Vie de Moïse*, pg. 6,44,384 B. Cfr. J. Daniélou, obra citada.
- (169) Cavalca, *Vite Diverse*, cap. XL, obra citada.
- (170) P. Basilio Rosati, obra citada.
- (171) Goerres, obra citada.
- (172) Cfr. P. Arrighini, obra citada.
- (173) Goerres, obra citada.
- (174) Fra Giunta Bevagnate. Cfr. P. A. Ferreti, obra citada.
- (175) *Autobiografia*.
- (176) Padre Germano, obra citada.
- (177) *idem*.
- (178) *idem*.
- (179) *idem*.
- (180) *Lincamenti di Asceutica e Mistica*, Vita e Pensiero, Milan.
- (181) *Cantic*, XXII, 3.
- (182) Santa Teresa de Avila, *Castelo Interior*, Sétima Mansão, C. I, obra citada.
- (183) G. B. Scaramelli, *Dotrina di San Giovanni della Croce*, Ed. Paoline, Roma.
- (184) Fra Tommaso da Celano, *Vita Prima*, obra citada.
- (185) Santa Teresa de Avila, *Autobiografia*, cap. XXIX, 13, obra citada.
- (186) P. Basilio Rosati, obra citada.

- (187) Dr. G. Festa, *Misteri di Scienza e Luci di Fede*, Tipografia V. Ferri, Roma.
- (188) *Actos dos Apóstolos*, 8, 26-40.
- (189) *Matth.*, 1, 18-20.
- (190) idem, 2, 13-15.
- (191) idem, 2, 19-23.
- (192) Cfr. P. Arrighini, obra citada.
- (193) *I ad Cor.*, 11, 10.
- (194) Comte Paul Biver, obra citada.
- (195) Cfr. A. Tanqueray, *Compendio di Teologia Ascetica e Mística*, Soc. de S. Jean l'Évangéliste, Desclée et. C. Roma.
- (196) Cfr. *La Vita di Giovanna d'Arco raccontata da lei stessa*, direcção de Omer Englebert, Longanesi e C. Milan.
- (197) *Isaías*, liv. II, cap. III.
- (198) Cfr. G. B. Scaramelli, obra citada.
- (199) Padre Agostinho Auffray, San Giovanni Bosco, S. E. I. Turin.
- (200) *Stampa Sera*, de 6-7 de Junho de 1938.
- (201) Cfr. A. del Fante, obra citada.
- (202) O aldeão contou o episódio a Monsenhor José Orlando, natural de Benevente, que por sua vez no-lo contou a nós.
- (203) *Nuit obscure*, cap. XII, obra citada.
- (204) D. Pilla, obra citada.
- (205) Kalpan Fahsel, *Teresa Neumann*, Ed. Paolus, Modena.
- (206) *Hebr.*, 1, 14.
- (207) Dionigi Petavio, *De Angelis*, liv. I, cap. XIII, n.º 12.
- (208) *Suma Teológica*, p. II, q. 172, a. 2.
- (209) P. Fresu, *Fiore di Sardegna*, Libreria San Paolo, Cagliari. A mesma testemunha diz ainda a propósito do Padre Pio: «Eduíges nunca manifestou desejo de ir ver o Padre Pio a San Giovanni Rotondo, mas disse-me que o Senhor lhe falara várias vezes desse Sacerdote, assegurando-lhe que o deixaria na terra até uma idade avançada, para que ele pudesse conduzir ainda a Deus muitas almas».

- (210) Card. Lépiciér, *Il mondo invisibile*, cap. II, secc. I.
- (211) Kalpan Fahsel, obra citada.
- (212) G. Pedriali, *Una figura del nostro tempo*, Alena, Roma.
- (213) *Tobias*, 12, 7.
- (214) O célebre actor italiano Carlo Campanini contou-me também que tinha mandado o seu Anjo da Guarda de Milão a San Giovanni, em circunstâncias bem penosas. O Padre Pio apareceu-lhe em sonho no mesmo dia em que ele, Campanini, lhe enviara o Anjo e deu-lhe esta inesperada resposta, aplicável com toda a precisão ao seu caso: «então não queres compreender que é necessário que sofras e que, se eu te livrar desses sofrimento, te privo de todo o mérito?».
- (215) Últimas palavras do Padre Suarez, Cfr. E. Bon, *Medicine e Religione*, Marietti, Turin.
- (216) Cfr. J. Daniélou, obra citada.
- (217) *Luc.*, 16, 22.
- (218) *Hom. in Lazar.*, II, 2, Cfr. J. Daniélou, obra citada.
- (219) D. Alfonso Salvini, O. S. B. V., *San Giovanni Gualberto*, Edizione Paoline, Rome.
- (220) C. C. Martindale, S. J., obra citada.
- (222) *Vita Sanctae Franciscae apud Boll.* (9 de Março).
- (223) Pierre Louvet, *Il Purgatorio nelle rivelazioni dei Santi*, Marietti, Turin.
- (224) Cfr. Padre F. S. Schoupe, obra citada.
- (225) *I ad Cor.*, 2, 9.
- (226) *Suma Teológica*, p. I, q. 2, a. 6.
- (227) St.º Agostinho, *La Cité de Dieu*. Cfr. *Les Trésors de C. Alapis*, vol. I, pg. 264, obra citada.
- (228) Passados uns dias, queixei-me deste incidente ao Padre Pio. Rio-se a valer e disse: «É evidente que o teu Anjo quis assim mortificar-te».
- (229) P. Bernardino Lattano de S. Giov. Rot., *Memorie storiche dei Conventi e dei Capuccini della monastica Provincia di Sant'Angelo*.
- (230) Voltaire dizia: «Se me assegurassem que um morto havia ressuscitado em Passy, poria todo o empenho em

não ir logo lá a correr para não ficar doido como os outros». Todos nos lembramos da curiosa atitude do célebre neurologista Charcot em face das curas de lesões orgânicas. Recusando-se a examiná-las e, com ar desdenhoso, desprezou qualquer estudo sobre o assunto, o mesmo aconselhando aos seus alunos. Quanto ao Dr. Terrien, escrevia ele no Jornal *Progrès Médical*: «Estas curas (de Lourdes) só num histérico podem dar-se... Se nos falarem de canceros ou de doenças orgânicas, dando-as como curadas em Lourdes ou noutra parte, ponhamo-las imediatamente de lado; são curas mentirosas, inventadas, que só existem em certos Jornais e na imaginação daqueles que têm interesse em dar crédito a semelhante erro e em o propagar». Cfr. Le Bec, *Prove cliniche del miracolo*, e P. R. Verardo, *Il miracolo frente alla scienza*, L. I. C. E., Turin.

- (232) Este médico logo se converteu e confessou em público as suas faltas.
- (232) P. Daher, *Vie, Service et Prodiges de Perrine Charbel Michlof*, Editions Spes, Paris.
- (233) San Giovanni dista apenas 25 quilómetros do Monte Sant'Angelo.
- (234) S. João Crisóstomo, *In Mattheum*.
- (235) San Giovanni Climaco, *Grad.* XXVIII.
- (236) *Salmo* IV, 2.
- (237) Tobias, 12,18.
- (238) Osservatore Romano, «Riscossa degli Angelis», artigo de *Ilstore* Albino, 1948.

**ORIGEM DA PUBLICAÇÃO
DESTE LIVRO NA INTERNET POR**
<http://leiturascatolicas.blogspot.com/>

ÍNDICE

	Pág.
I — Entre o Céu e a Terra	7
II — Origem e número dos Anjos	11
III — Espíritos puríssimos	15
IV — A revolta	19
V — A queda do homem e a origem da guarda angélica	27
VI — O Arcanjo São Miguel guardião da Cristandade	35
VII — São Miguel no Monte Gargano e os anjos da guarda dos povos	39
VIII — Os Anjos e as casas de Deus	45
IX — O Anjo da oração	51
X — O teu Anjo	57
XI — Os Anjos na Sagrada Escritura	61
XII — Na vida dos Santos	67
XIII — Nas aparições	81
XIV — É imprescindível o auxílio angélico	89
XV — O amor que o anjo nos tem	101
XVI — Motivos da sua alegria	109
XVII — Mestre de Santidade	121
XVIII — Os anjos solidários dos celestios no serviço de Deus	131
XIX — Discernimento dos Espíritos	137
XX — O anjo é obediente	155
XXI — Adormeceste	163
XXII — Os Anjos e os fenómenos místicos do Padre Pio	169
XXIII — Até à eternidade	185
XXIV — Quem como Deus	195
Notas	207

ORIGEM DA PUBLICAÇÃO DESTE LIVRO NA INTERNET POR

<http://leiturascatolicas.blogspot.com>

ESTE LIVRO ACABOU DE SE IMPRIMIR AOS 31 DE
OUTUBRO DE 1959, NA "TIPOGRAFIA MODESTA,
À RUA DOS CALDEIREIROS, 43 — PORTO